

MUNDO 

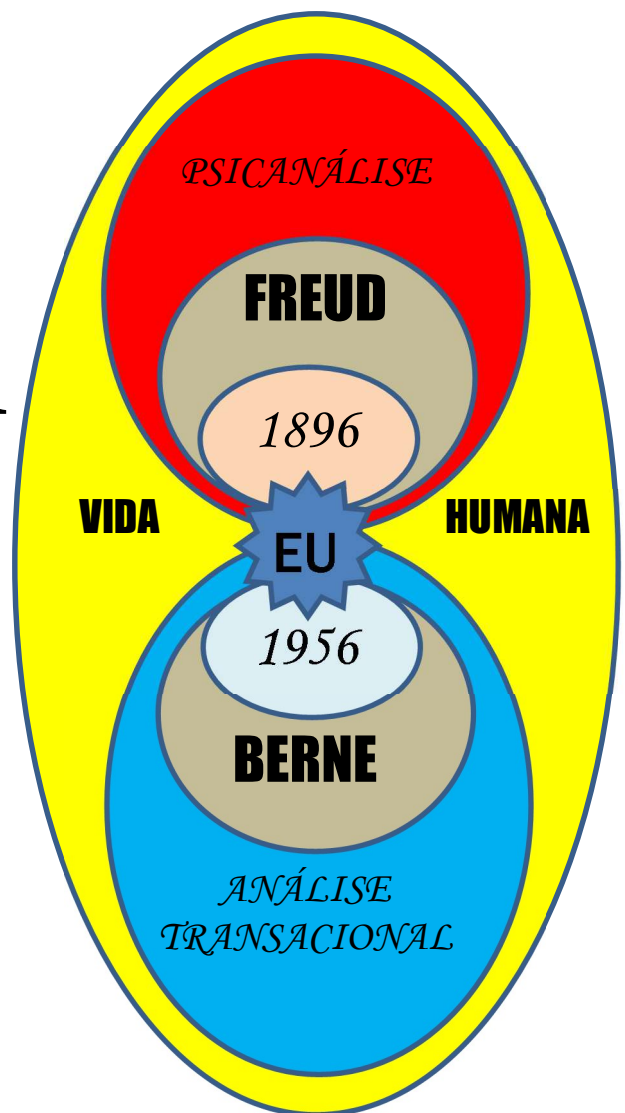


CoNFIGURADo:



ALÉM
DO PRINCÍPIO DE
PRAZER

NOS
JOGOS DA
VIDA



**MUNDO (DES)CONFIGURADO:
ALÉM DO PRINCÍPIO DE
PRAZER NOS JOGOS DA VIDA**



Todo o conteúdo apresentado neste livro é de responsabilidade do(s) autor(es).
Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-SemDerivações
4.0 Internacional.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Ednilson Sergio Ramalho de Souza - UFOPA
(Editor-Chefe)
Prof. Dr. Laecio Nobre de Macedo-UFMA
Prof. Dr. Aldrin Vianna de Santana-UNIFAP
Prof.^a. Dr.^a. Raquel Silvano Almeida-Unesp
Prof. Dr. Carlos Erick Brito de Sousa-UFMA
Prof.^a. Dr.^a. Ilka Kassandra Pereira Belfort-Faculdade Laboro
Prof.^a. Dr. Renata Cristina Lopes Andrade-FURG
Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves-IFF
Prof. Dr. Clézio dos Santos-UFRRJ
Prof. Dr. Rodrigo Luiz Fabri-UFJF
Prof. Dr. Manoel dos Santos Costa-IEMA
Prof.^a Dr.^a. Isabella Macário Ferro Cavalcanti-UFPE
Prof. Dr. Rodolfo Maduro Almeida-UFOPA
Prof. Dr. Deivid Alex dos Santos-UEL
Prof.^a Dr.^a. Maria de Fatima Vilhena da Silva-UFPA
Prof.^a Dr.^a. Dayse Marinho Martins-IEMA
Prof. Dr. Daniel Tarciso Martins Pereira-UFAM
Prof.^a Dr.^a. Elane da Silva Barbosa-UERN
Prof. Dr. Piter Anderson Severino de Jesus-Université Aix Marseille

Nossa missão é a difusão do conhecimento gerado no âmbito acadêmico por meio da organização e da publicação de livros científicos de fácil acesso, de baixo custo financeiro e de alta qualidade!

Nossa inspiração é acreditar que a ampla divulgação do conhecimento científico pode mudar para melhor o mundo em que vivemos!

Equipe RFB Editora

ARC LEFON

MUNDO (DES)CONFIGURADO: ALÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER NOS JOGOS DA VIDA

1ª Edição

Belém-PA
RFB Editora
2024

© 2024 Edição brasileira
by RFB Editora
© 2024 Texto
by Autor
Todos os direitos reservados

RFB Editora
CNPJ: 39.242.488/0001-07
91985661194
www.rfbeditora.com
adm@rfbeditora.com
R. João de Deus, 63, 66075000, Belém-PA

Editor-Chefe
Prof. Dr. Ednilson Ramalho
Diagramação
Worges Editoração
Revisão de texto e capa
Autor

Bibliotecária
Janaina Karina Alves Trigo Ramos-CRB
8/9166
Produtor editorial
Nazareno Da Luz

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)



M965

Mundo (des)configurado: além do princípio de prazer nos jogos da vida /
Arc Lefon. – Belém: RFB, 2024.

Livro em PDF
104p.

ISBN 978-65-5889-646-3
DOI 10.46898/rfb.7c5a959b-9799-4e64-8f9e-11dd1062cf3d

1. Mundo (des)configurado. I. Lefon, Arc. II. Título.

CDD 300

Índice para catálogo sistemático

I. Ciências Sociais.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1	
JOGO: realidade ou fantasia?.....	9
CAPÍTULO 2	
ALÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER.....	15
CAPÍTULO 3	
EGO E SEUS MECANISMOS DE DEFESA.....	23
3.1 HIPNOSE E ASSOCIAÇÃO LIVRE	26
3.2 INTERPRETAÇÃO DA TRANSFERÊNCIA	29
3.3 ID, EGO E SUPEREGO	32
3.4 ANNA FREUD FEZ HISTÓRIA, MAS FICOU NA SOMBRA	38
3.5 GRATIFICAÇÃO E FELICIDADE	42
3.6 INTERESSE, INTELIGÊNCIA E SABEDORIA	46
3.7 PULSÃO ADOLESCENTE É NATURAL E PASSA.....	52
CAPÍTULO 4	
JOGOS DA VIDA	61
4.1 JOGO DA VIDA ENTRE CHEFE E SUBORDINADO.....	70
4.2 JOGO DA VIDA ENTRE UM CASAL.....	74
4.3 JOGO DA VIDA ENTRE 2 LADRÕES.....	78
CAPÍTULO 5	
ALÉM DO PRAZER ENCONTRARÁ A REALIDADE	83
BIBLIOGRAFIA.....	92
GLOSSÁRIO.....	94
SOBRE O AUTOR	102

APRESENTAÇÃO

Necessário iniciar dizendo que em vários momentos ao escrever este livro o texto aparecia na minha mente como num raio, DEPOIS ao ler e/ou assistir um vídeo e/ou diante de um acontecimento, tudo faria sentido, situação que Carl Gustav Jung, médico suíço, denominaria de sincronicidade.

A palavra sincronicidade estava fora do meu vocabulário e/ou compreensão até 2022, mas em 2023 passei a vivenciar inúmeros momentos reais – físicos – que foram muito além da minha imaginação, um verdadeiro choque de realidade.

Neste livro realizo uma interligação entre Sigmund Freud, médico austríaco, criador da Psicanálise em 1896, e Eric Berne, médico canadense, criador da Análise Transacional em 1956.

Mas, utilizo nesta mediação uma pessoa que na história da Psicanálise ficou em segundo plano, Anna Freud, sendo para mim fundamental para compreender a obra de Sigmund (seu pai) e as escolhas políticas (humanas) diante do contexto de sua época, fato que revelo neste ensaio.

Desta forma, antecipo ao leitor que estou – neste livro – saindo do “*sig de ouro*”, termo como Sigmund Freud era chamado por sua mãe, e entrando no mundo holístico de Carl Gustav Jung. Nesta passagem de Freud para Jung, iremos além do inconsciente individual, compreendendo a influência do inconsciente coletivo na formação da psique.

Ao final deste ensaio, Eric Berne será nosso guia na análise das transações humanas, permitindo melhoria de bem-estar individual e coletivo, sendo possível AÇÃO imediata, AGORA.

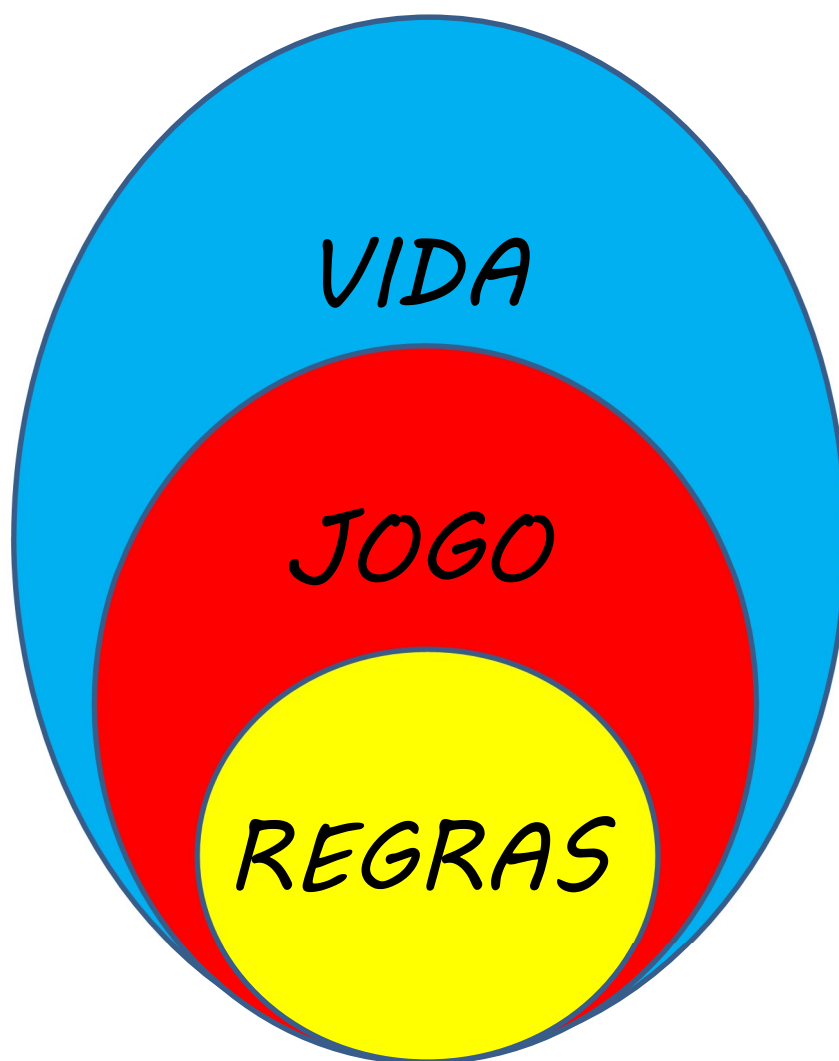
Boa leitura!

CAPÍTULO 1

JOGO: realidade ou fantasia?

Nossas vidas estão ligadas aos jogos, permitindo que este aspecto lúdico possa retratar situações e/ou ambientes que possibilita viajar para mundos imaginários, vivenciando fantasias diversas com base na satisfação dos prazeres, considerados – para o ser – impossíveis de serem alcançados na realidade.

Através das considerações de Pascal, como das de Leibniz (que via no jogo um dos lugares onde mais livremente se expressa a inteligência humana), as reflexões de Kant (para quem o jogo é emblema da *coincidentia oppositorum* entre a liberdade e a regra, o desejo e a Lei) como as de Schiller (onde a essência do homem se confunde com a prática do jogo), de Heidegger (para quem o jogo surge como um modelo explicativo para a essência do ser e da transcendência) ou, mais recentemente, as de Huizinga, de Eugen Fink ou de Roger Callois, entre muitos outros, vemos o jogo emergir como modelo para pensar ou repensar a complexa dinâmica da vida, dos laços sociais, da comunicação com o Outro e com o Outro-Mundo do sagrado e do Cosmos; como manifestação tangível da ordem cultural e simbólica, património incontornável do *homo sapiens*; como vasto espaço relacional que permite igualmente um diálogo privilegiado entre os vários campos do conhecimento. (ALPALHÃO: 2017, 2).



O ambiente social vem sofrendo diversas transformações, seja dentro ou fora das famílias e/ou escolas, fato que os seres humanos estão sendo afetados enormemente na

sua forma de pensar e agir, sendo os jogos um instrumento com características didáticas e recreativas que geram elevados estímulos mentais.

Contrariamente à aceção atualmente dominante, o sentido original de «jocus» e de «ludus» não está exclusivamente ligado a uma atividade segundo regras pré-estabelecidas e de todos conhecidas. Pelo contrário, designa a facécia, a brincadeira, o divertimento no ócio, a recreação, e até mesmo o gracejo, feito sob uma máscara, de alguém fazendo-se passar por outrem. (ALVES: 2017, 29).

Os participantes – jogadores – vivenciam momentos de elevada imersão mental, sendo transferidos temporariamente para outro ambiente, inclusive com alteração – fantasia – de seu próprio estado físico.

O que se diz do mito, o mesmo se pode dizer do jogo, pois se ele, por um lado, é repetição, seriedade e ordem, tendendo mesmo a refugiar-se num mundo rígido e ao limite patológico, porque espécie de ilha autista e alucinada, também é, por outro lado, ritmo musical, dança, libertador de imagens, criador e, ao limite, também fuga fora do real que conduz aquele que joga para um universo ficcional (o reino do «como se»). Mas não significará esta fuga, ou esta evasão, antes um «desvio» compensador emocional e um tónus que permita ao *homo ludens* criar projetos alternativos ou inovadores mais criativos? (ARAÚJO & RIBEIRO: 2017, 65).

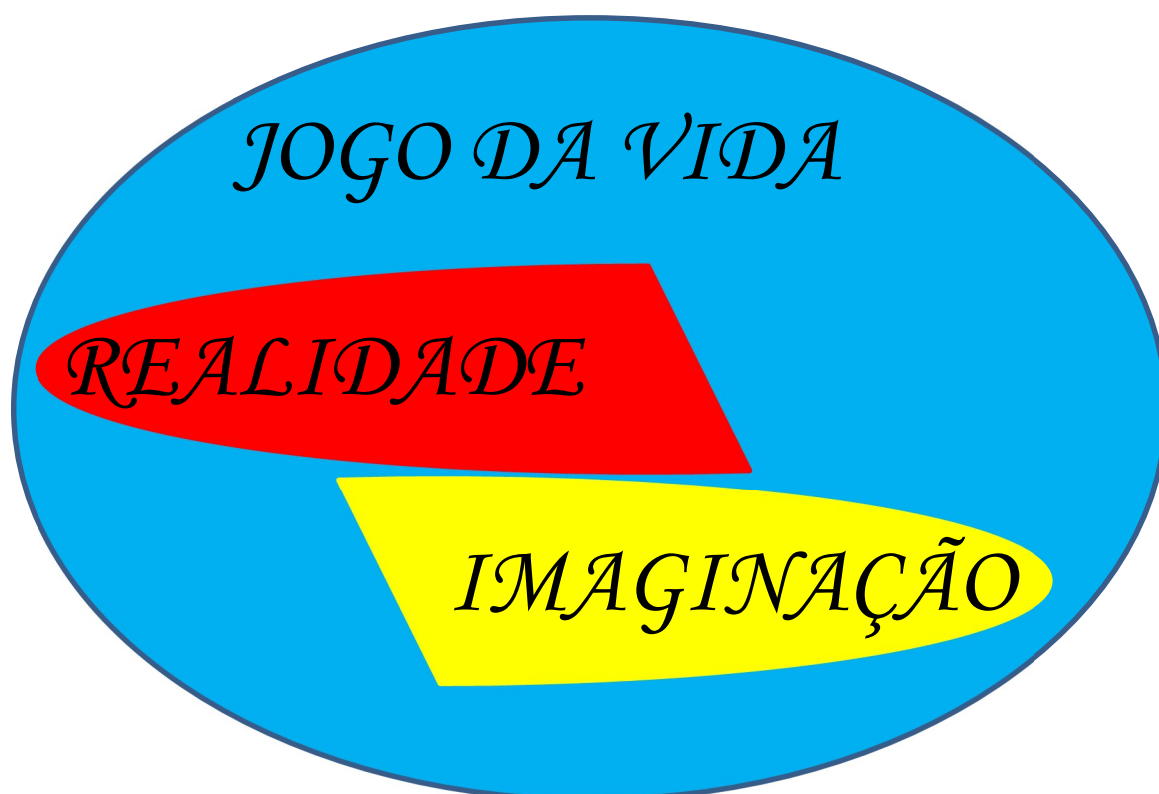


Os jogos possibilitam uma vivência extraordinária aos jogadores, gerando estímulos mentais instantâneos com reações físicas e comportamentais dentro de um contexto social, neste caso, junto aos integrantes (jogadores) e com espaço de tempo específico.

O tempo do mundo, o tempo das urgências da vida, da intervenção tempestiva, bem como o tempo dos relógios, deixam de valer na dimensão lúdica. A pergunta «quanto tempo demora esse jogo?» é sempre uma pergunta feita do exterior da dimensão lúdica. No seu interior, o escoar do tempo mundano e a urgência da acção no mundo real e social é posta em suspenso. O escoar do tempo transfigura-se no jogo: ele desenvolve-se como uma sucessão de lances, e essa cadência tem a sua temporalidade própria, que não é comensurável com o tempo cronometrado. (ALVES: 2017, 43).

O desenvolvimento cognitivo dos jogadores – participantes – passam por um estado mental alterado, pois ocorre uma transferência – temporária – para o mundo do jogo, retratando um universo paralelo, capaz de gerar estímulos imediatos de satisfação (ganhador) ou insatisfação (perdedor), mas ambos prazerosos e capazes de gerarem repetições na busca de mais prazer.

A afirmação do jogo do mundo, jogo da interpretação enquanto leitura que reúne o agir e a incondicionalidade, suspendendo o comando e endereçando-se à decisão do outro, é também solidária da saída do paradigma construtivista em que a linguagem é tomada como instrumento de produção e/ou auto-verificação do sentido num processo especular. Com efeito, pelo jogo o não-dito desloca o que se diz e devolve os textos à incerteza que vem do outro, sem o qual não haveria dito, mas apenas simples repetição de palavras de ordem. (LOPES: 2017, 113).



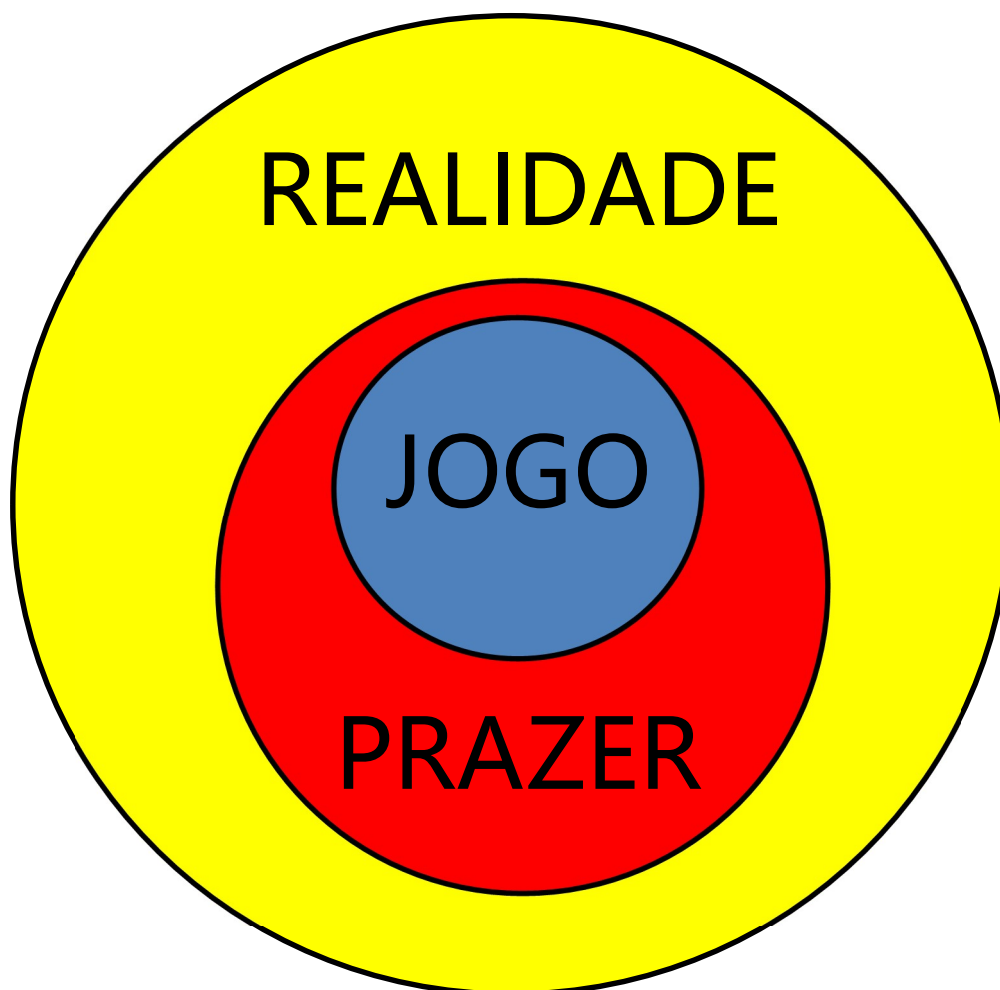
A possibilidade de vivenciar, mesmo que temporariamente, um mundo paralelo é enormemente estimulante, principalmente quando é possível assumir determinado papel – personagem – extremamente diferente de sua realidade.

As decisões dentro do espaço do jogo são decisões estratégicas ou táticas em vista de um fim que o próprio jogo pré-determina. Nenhum ato é, aí, susceptível de

valoração moral. Um lance pode ser bem ou mal jogado, tendo em vista a finalidade do jogo, um jogador pode ser bom ou mau, do ponto de vista do seu desempenho, mas não será nem bom nem mau no plano ético. Esta suspensão da dimensão ética da vida é uma das características mais profundas e mais apelativas do jogo. (ALVES: 2017, 45).

Além do princípio do prazer chegamos na realidade, fato que na utilização dos jogos educativos deverá ocorrer o desenvolvimento das competências de seus jogadores, possibilitando alcançar resultados individuais e coletivos de melhoria da convivência no ambiente social.

Indo mais longe e analisando o caso grego, verifica-se que quando se elimina o *Agôn* da vida grega, «deparamos logo com o abismo pré-homérico caracterizado pela horrível selvajaria do ódio e pelo prazer do extermínio». O *Agôn*, a competição, funcionavam em prol do bem-estar do todo. «Para os antigos, a finalidade da educação agonística era, em última análise, o bem-estar do todo, da sociedade estatal». (NETO: 2017, 256).



CAPÍTULO 2

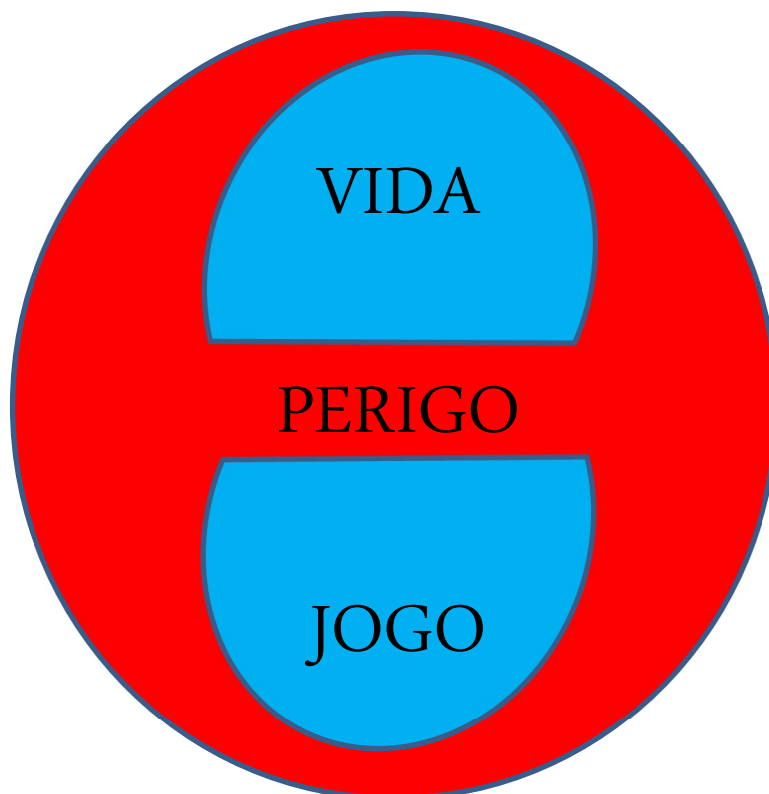
ALÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER

Determinada atividade poderá gerar prazer para uma determinada pessoa, mas a mesma atividade poderá gerar desprazer para outra pessoa, inclusive dependendo da alteração do tempo poderá haver novas alterações, diante de fato, podemos acreditar que não é exatamente a atividade que gera o prazer, mas o estado mental de quem recebe e avalia.

Prioridade e originalidade não estão entre as metas colocadas ao trabalho psicanalítico, e as impressões que estão na base da instauração desse princípio são tão óbvias que dificilmente seria possível ignorá-las. Em compensação, mostraríamos de bom grado nosso reconhecimento a uma teoria filosófica ou psicológica que soubesse nos dizer quais são os significados das sensações de prazer e desprazer, tão imperativas para nós. Infelizmente, nada de aproveitável nos é oferecido sobre isso. (FREUD: 1920, 26).

O perigo faz parte da vida, sendo retratado nos jogos e vivenciado a cada jogada pelos seus participantes que realizam – espontaneamente – um treinamento na utilização de suas habilidades para lidarem com o desconhecido.

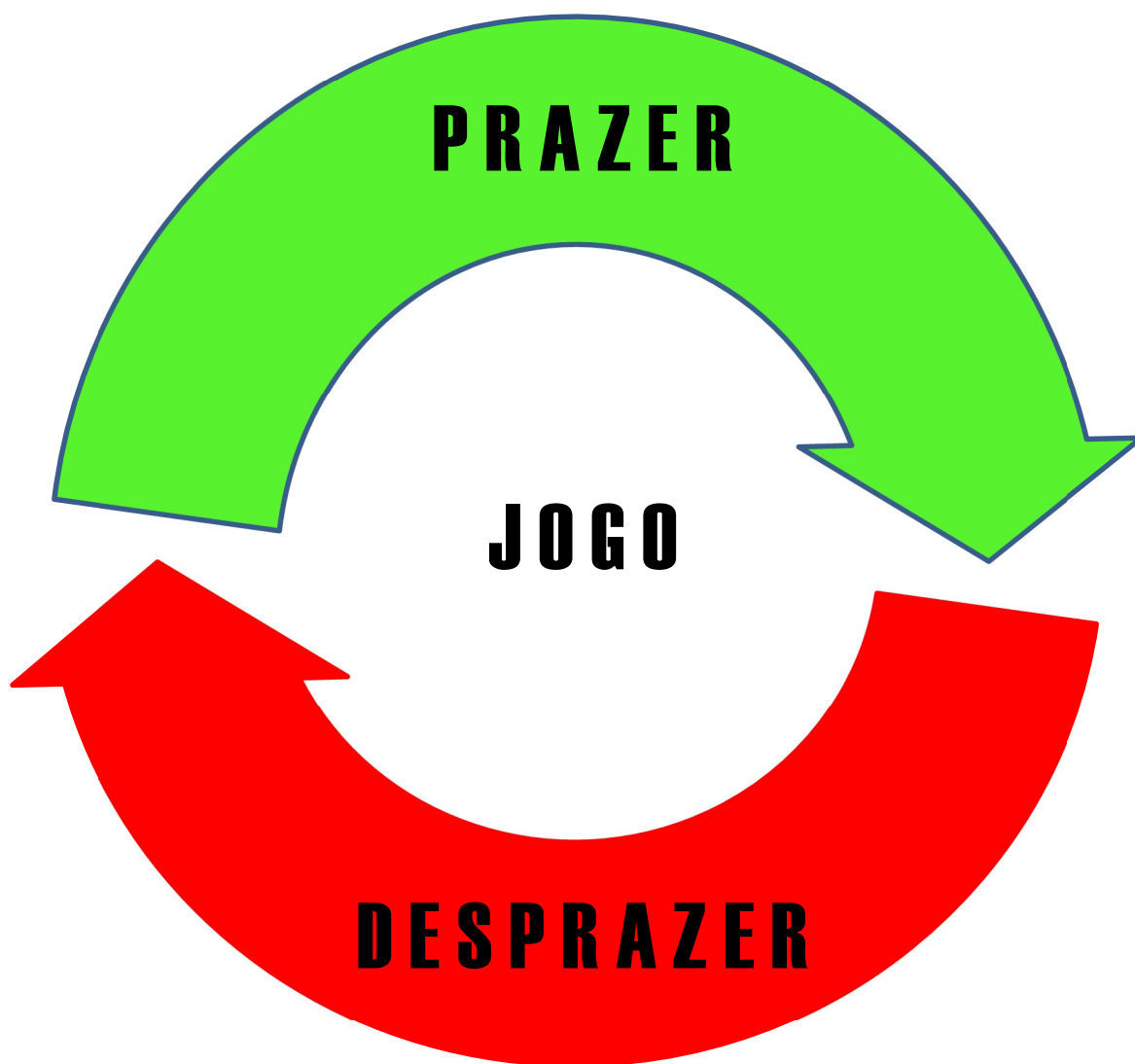
“Susto”, “medo” e “angústia” são expressões empregadas erroneamente como sinônimas; elas podem ser bem distinguidas entre si quanto à sua relação com o perigo. “Angústia” designa certo estado como a expectativa do perigo e a preparação para ele, ainda que seja desconhecido; o “medo” exige um objeto determinado do qual a pessoa sinta medo; “susto”, porém, designa um estado em que a pessoa entra quando está em perigo sem estar preparada para ele; o susto acentua o fator da surpresa. Não acredito que a angústia possa produzir uma neurose traumática; na angústia há algo que protege do susto e, assim, também da neurose por susto. (FREUD: 1920, 32).



Os jogos possibilitam – aos seus jogadores – momentos de vitórias e derrotas, gerando sentimentos e comportamentos reais (alegria, raiva e etc) diante de um contexto

sabidamente fantasioso, pois é apenas um jogo. A satisfação obtida pelo participante (jogador) durante o jogo gera estímulos para a sua repetição na busca do prazer.

Não há dúvida de que a resistência do eu consciente e pré-consciente se encontra a serviço do princípio de prazer; afinal, ela quer poupar o desprazer que seria causado pela liberação do recalcado, e nosso esforço se dirige no sentido de obter tolerância para esse desprazer, apelando ao princípio de realidade. Porém, em que relação com o princípio de prazer se encontra a compulsão à repetição, a expressão de força do recalcado? Está claro que a maior parte do que a compulsão à repetição faz a pessoa reviver deve causar desprazer ao eu, pois, afinal, traz à luz atividades de moções de impulso recalcadas, mas esse é um desprazer que já reconhecemos, que não contradiz o princípio de prazer; é desprazer para um sistema e, ao mesmo tempo, satisfação para o outro. (FREUD: 1920, 42).



A energia do ser, aqui será considerada além do libido, poderia explicar a incessante busca pelo prazer que será impedido ou obstruído, onde a vitória – no jogo – representa a vida, e a derrota – no jogo – representa a morte.

Mas então nos encontramos subitamente diante da seguinte questão: se os impulsos de autoconservação também são de natureza libidinal, talvez não tenhamos quaisquer outros impulsos senão os libidinais. Pelo menos não há outros à vista. Mas então é preciso dar razão aos críticos que desde o início suspeitaram que a psicanálise explica *tudo* a partir da sexualidade ou aos inovadores como Jung,

que, sem hesitar, usaram “libido” no sentido de “força impulsora” em geral. Não são assim as coisas? No entanto, esse resultado não estava em nossas intenções. Afinal, partimos antes de uma distinção nítida entre impulsos do eu = impulsos de morte e impulsos sexuais = impulsos de vida. (FREUD: 1920, 80).

O princípio de nirvana é observado no estado mental que os jogadores ficam durante o jogo, alguns mais, outros menos alterados e/ou transportados para um mundo distante de sua realidade. O resultado de cada participante do jogo, ganhando (viver) ou perdendo (morrer), ocorre a possibilidade de começar nova partida, gerando a imortalidade do jogador.

O fato de termos reconhecido que a tendência dominante da vida psíquica, talvez da vida nervosa em geral, é a aspiração por reduzir, manter constante, eliminar a tensão interna de estímulo (o *princípio de nirvana*, segundo uma expressão de Barbara Low), tal como essa aspiração se expressa no princípio de prazer – esse fato, dizíamos, é um de nossos mais fortes motivos para acreditar na existência de impulsos de morte. [...] É verdade que o âmbito dos processos de desenvolvimento embrionários é riquíssimo em tais fenômenos de repetição; as duas células germinativas da reprodução sexuada e sua história de vida são elas próprias apenas repetições dos primórdios da vida orgânica; no entanto, o essencial nos processos pretendidos pelo impulso sexual é a fusão de dois corpos celulares. Apenas por meio dela se assegura a imortalidade da substância viva nos seres vivos superiores. (FREUD: 1920, 83 e 84).



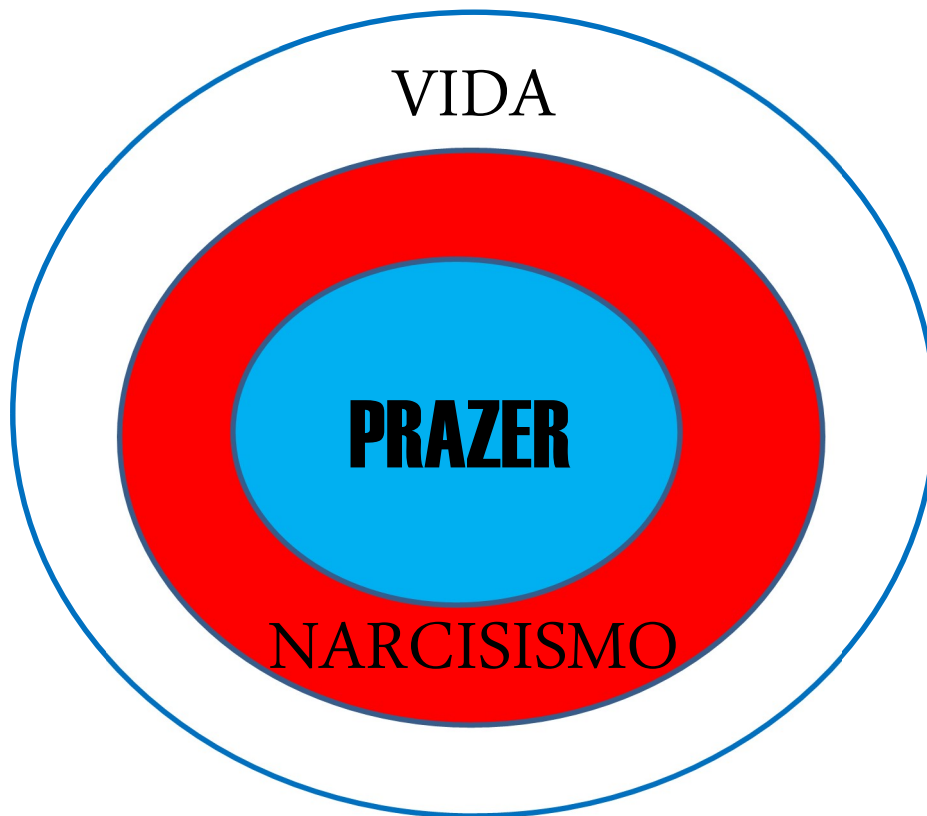
O narcisismo, maior ou menor de cada um dos jogadores, gera – individualmente – interesse na demonstração de seu valor perante os demais, tal ocorrência irá instalar um círculo vicioso dentro deste contexto social.

Poderiam me perguntar se e em que medida eu próprio estou convencido das hipóteses aqui desenvolvidas. Minha resposta seria que nem eu próprio estou convencido nem busco conquistar a crença de outros. Mais exatamente: não sei até que ponto acredito nelas. Parece-me que o fator afetivo da convicção não precisa de forma alguma ser aqui considerado. Afinal, uma pessoa pode se entregar a um raciocínio, segui-lo até onde leva, apenas por curiosidade científica ou, caso se

queira, como *advocatus diaboli* que nem por isso vende a própria alma ao Diabo. Não ignoro que o terceiro passo da teoria dos impulsos, que dou aqui, não pode reivindicar a mesma certeza que os dois anteriores, a ampliação do conceito de sexualidade e a formulação do narcisismo. (FREUD: 1920, 86).

Neste texto há uma dose elevada de aceitação das limitações próprias, rara tratando-se da personalidade de Sigmund Freud, pois o próprio Carl Gustav Jung que inicialmente foi seu discípulo diria da dificuldade do mesmo em receber questionamentos, desejando que sua opinião pudesse prevalecer.

Só que infelizmente é raro que alguém seja imparcial quando se trata das coisas últimas, dos grandes problemas da ciência e da vida. Acredito que aí cada um é dominado por predileções profundamente radicadas em seu íntimo, as quais, sem saber, favorece com sua especulação. Com razões tão boas para a desconfiança, decerto não resta outra coisa senão uma benevolência fria com os resultados do próprio esforço de pensamento. Apresso-me apenas a acrescentar que tal autocrítica não obriga de maneira alguma a uma tolerância especial para com opiniões divergentes. (FREUD: 1920, 87).



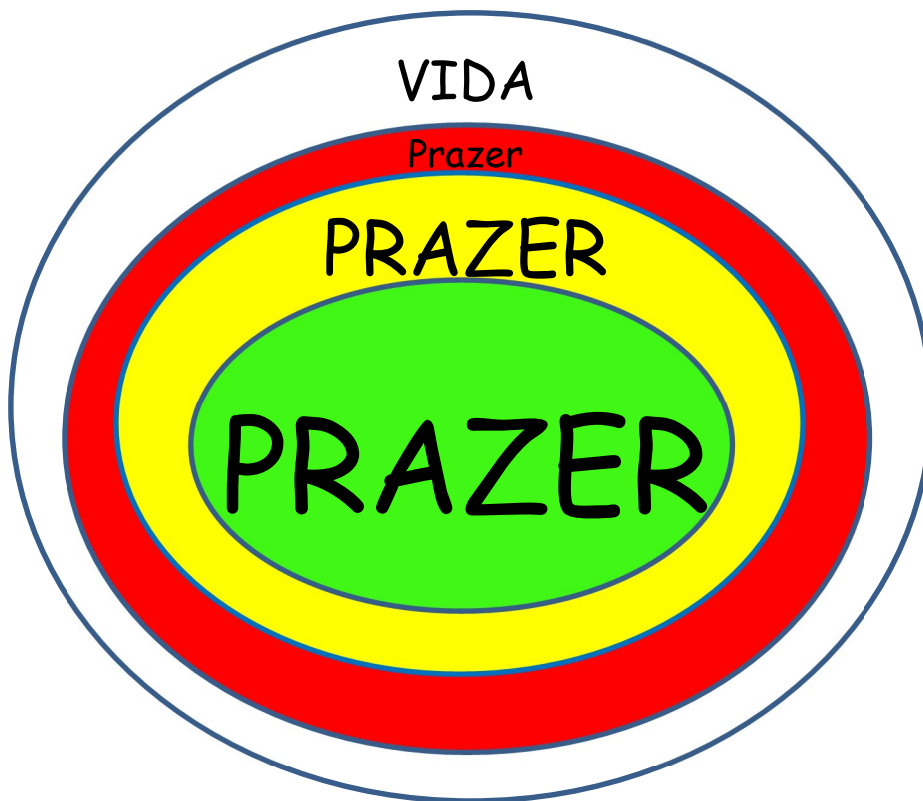
Freud acumulou durante sua vida o afastamento de pessoas que inicialmente foram muito próximas, começando por Josef Breuer, inclusive publicando – juntos – em 1885 o livro “Estudo sobre a histeria” que foi de grande significado na época.

Em compensação, queremos deixar bem claro que a incerteza de nossa especulação foi aumentada em alto grau por sermos forçados a tomar empréstimos da ciência biológica. A biologia é verdadeiramente um reino de possibilidades ilimitadas, temos a esperar dela as mais surpreendentes explicações e não podemos adivinhar as respostas que dará dentro de algumas décadas às perguntas que lhe fizemos. Talvez essas respostas sejam precisamente de tal gênero que venham a derrubar com um sopro todo o nosso edifício artificial de hipóteses. Se as coisas são assim,

alguém poderia perguntar: para que então uma pessoa empreende trabalhos como o registrado nesta seção e por que afinal o comunica? Bem, não posso negar que algumas das analogias, ligações e nexos nele contidos me pareceram dignos de atenção. (FREUD: 1920, 88).

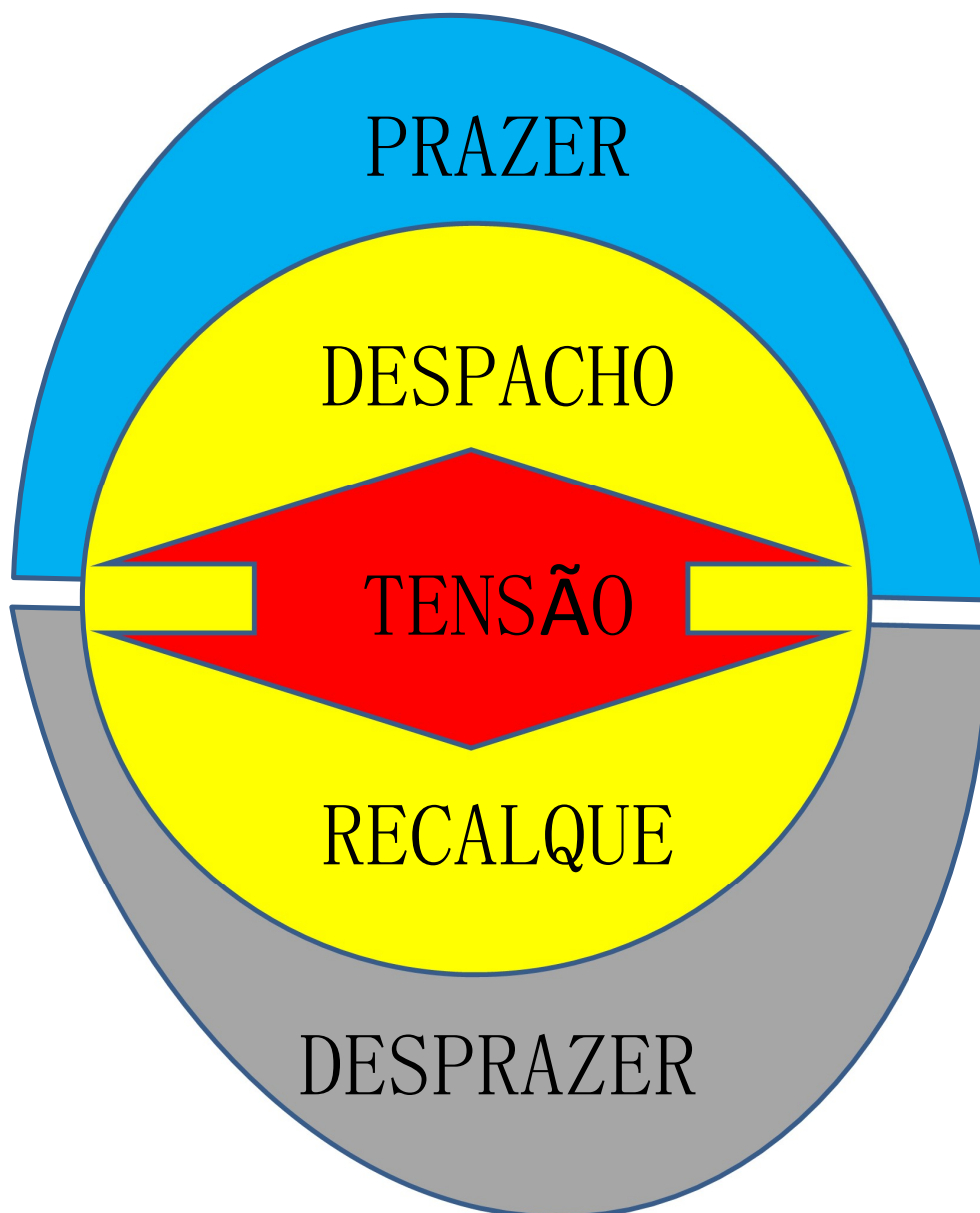
O estudo da mente inicialmente não existia dentro da medicina, sendo a histeria tratada com hipóteses derivadas das crenças biológicas identificadas no contexto do corpo tangível, inclusive inicialmente associadas unicamente as mulheres, fato que os aspectos psíquicos eram negligenciados.

Chegamos assim ao resultado, no fundo nada simples, de que a aspiração pelo prazer se manifesta de maneira muito mais intensa no início da vida psíquica do que mais tarde, mas não de maneira tão irrestrita; ela precisa tolerar rupturas frequentes. Em períodos mais maduros, o domínio do princípio de prazer é muito mais assegurado, mas ele próprio escapou tão pouco da domesticação quanto os outros impulsos em geral. Em todo caso, aquilo que permite o surgimento das sensações de prazer e desprazer por ocasião do processo excitatório precisa estar presente tanto no processo secundário quanto no primário. (FREUD: 1920, 93).



Posteriormente, neste exercício de autorreflexão que Freud realizava de suas buscas – pesquisas – empíricas junto aos seus pacientes e nele próprio, ocorrendo idas e vindas na formulação de seus conceitos teóricos, permitindo aprimoramento e avanços na melhor compreensão da evolução do ser diante das diferentes etapas de sua vida.

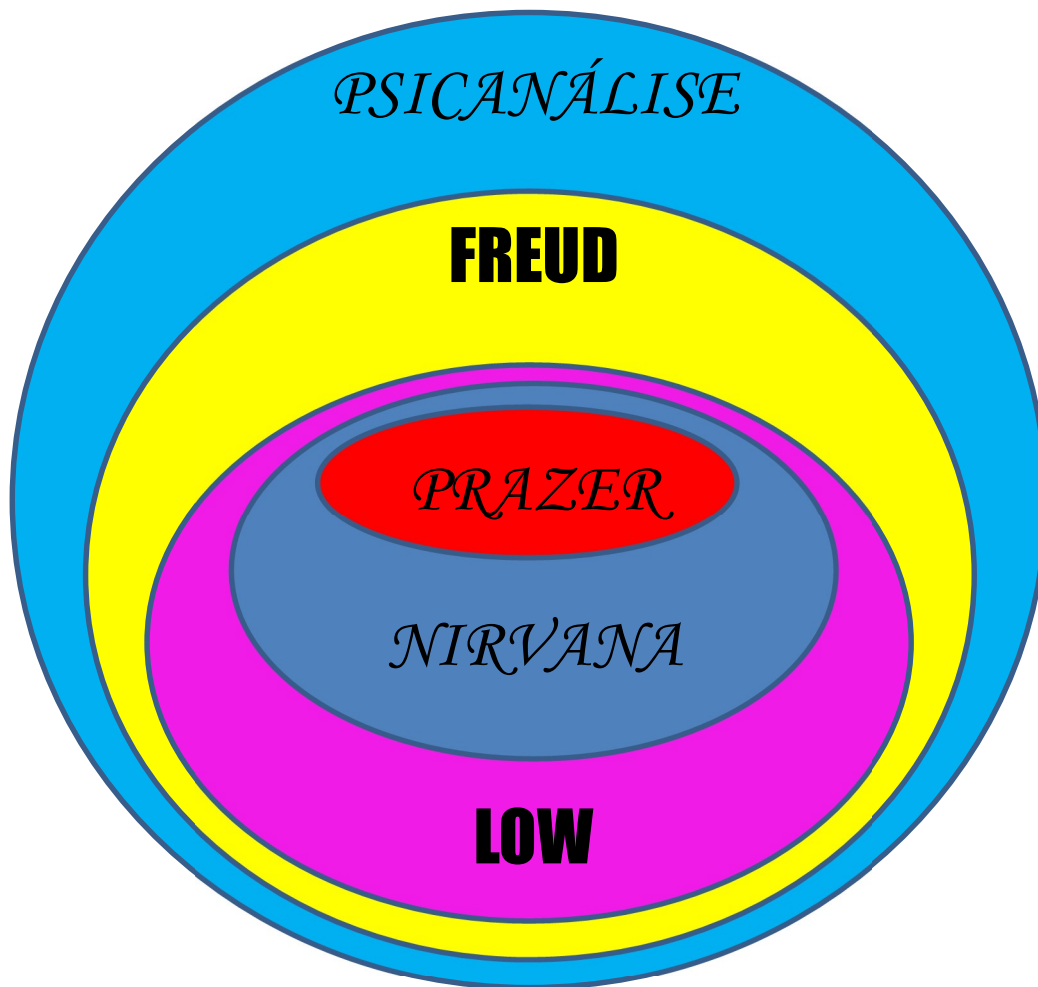
Também chamará nossa atenção que os impulsos de vida tenham muito mais a ver com nossa percepção interna, visto que surgem como perturbadores da paz, constantemente trazendo consigo tensões cujo despacho é sentido como prazer, enquanto os impulsos de morte parecem fazer seu trabalho sem chamar a atenção. (FREUD: 1920, 94).



Além do princípio de prazer é uma busca interminável de superação da força libidinal, sendo momento filosófico de compreensão do ser, muito além do físico e social. Freud ao citar Barbara Low amplia e aprofunda a investigação para explicar fatores que permitem ir além dos prazeres físicos, inclusive aperfeiçoando a aplicação do “princípio de Nirvana” no contexto da psicanálise.

O princípio de Nirvana surge na obra freudiana de um modo repentino, apresentado de uma forma pouco clara em “Além do Princípio de Prazer” (1920). [...] Não nos parece absurdo pensar que ao se apropriar do princípio de Nirvana de Low, Freud o apresenta sob um novo prisma. A descrição de Low tem como foco a noção de um desejo de retornar ao estado de onipotência da vida dentro do útero. Para Freud, o essencial parece ser o mecanismo econômico desse desejo, traduzido como tendência à extinção das excitações. Aparentemente, as duas versões do princípio de Nirvana não se contradizem, e sim se complementam. Curiosamente, no uso freudiano do conceito não há qualquer referência à ideia de onipotência que sua criadora destaca. Para Freud, o foco parece ser o rebaixamento ou eliminação da tensão, que, na formulação de Low, aparece como estado em que não há desejos não realizados. [...] Esperamos, além disso, que nossa discussão não apenas do

conceito, mas da história de sua formação, sirva para trazer o nome de Barbara Low a um lugar de maior destaque, ultrapassando a breve menção freudiana em “Além do princípio de prazer”. (NETO SILVA, 2019).



CAPÍTULO 3

EGO E SEUS MECANISMOS DE DEFESA

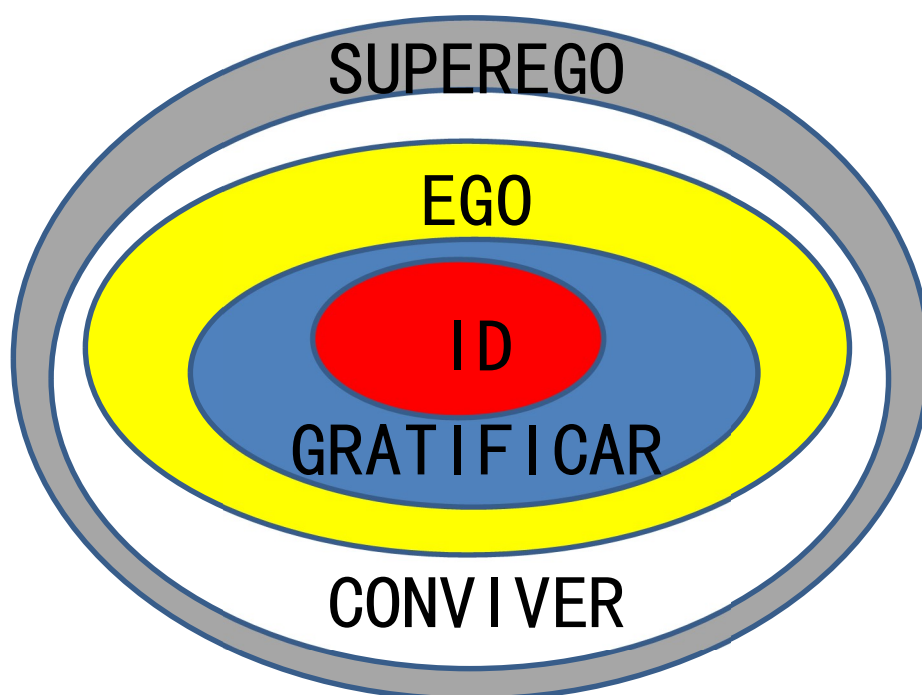
O livro “Ego e seus mecanismos de defesa” foi publicado por Anna Freud em 1936, lembrando que Sigmund – seu pai – morreria em 1939, fato que não haverá dúvidas que foi revisado pelo mesmo.

Neste livro é possível destacar a clareza e profundidade do texto, além do resgate dos fundamentos da Psicanálise é possível encontrar orientações diretas aos profissionais na utilização das técnicas, expostas de forma didáticas e com relatos exemplares, permitindo avanços consideráveis para serem utilizados na minimização do sofrimento dos pacientes, havendo destaque para crianças e adolescentes que possuem seu id – EU QUERO – prevalente e primário.

Infelizmente, a transferência de moções pulsionais de uma instância para outra poderá ser o sinal para conflitos de toda a espécie, com o inevitável resultado de que a observação do id é interrompida. No seu trajeto para a gratificação, os impulsos do id têm de cruzar o território do ego, onde se encontram em uma atmosfera estranha. No id predominam os chamados “processos primários”. (FREUD, ANNA: 1936, 12).

O ego – EU POSSO – de forma secundária busca limitar os prazeres, realizando escolhas entre as diversas gratificações que passam a reger o comportamento individual, tendo o superego – EU DEVO – o desafio de impor os limites dentro de um contexto social.

O princípio soberano que governa os processos psíquicos é o de obtenção de prazer. No ego, pelo contrário, a associação de ideias está sujeita a condições rigorosas, às quais aplicamos a expressão global de “processo secundário”. Além disso, as moções pulsionais já não podem buscar com facilidade sua gratificação, sendo-lhes exigido que respeitem os imperativos da realidade e, mais do que isso, que se conformem às leis éticas e morais por cujo intermédio o superego procura controlar o comportamento do ego. Logo, esses impulsos correm o risco de provocar o desprazer de instâncias que lhes são essencialmente alheias. (FREUD, ANNA: 1936, 12).



O desprazer não é uma ação desejada por escolha própria, mas uma consequência das limitações impostas pelo ego e superego aos prazeres desejados, lembrando que o desejo – individual – de prazer perde força com o passar da vida. Sendo que durante a nossa história de vida os prazeres e desprazeres deixarão marcas internas profundas que pouco ou nada saberemos.

Todas as medidas defensivas do ego contra o id são levadas a efeito silenciosa e invisivelmente. O máximo que podemos fazer, em qualquer caso, é reconstituí-las em retrospecto: não podemos realmente testemunhar a sua ação. Essa afirmação aplica-se, por exemplo, ao recalçamento bem-sucedido. O ego nada sabe a esse respeito. (FREUD, ANNA: 1936, 13).

O ser humano considerado “normal” no contexto social é aquele onde o id foi “domado” pelo ego e superego, lembrando que o ego e superego estão diretamente relacionado ao ambiente externo, fato que haverá diferenças enormes conforme o época, cultura e etc.

Se, por meio do reforço de seu investimento energético, a defesa estabelecida pelo ego for coroada de êxito, a força invasora do id é derrotada e a paz reina uma vez mais na psique – uma situação extremamente desfavorável às nossas observações. (FREUD, ANNA: 1936, 14).



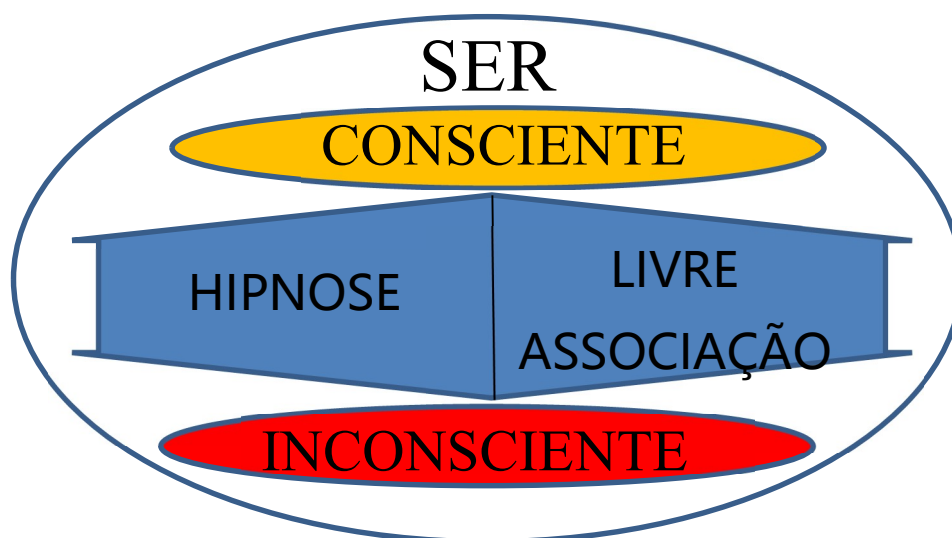
3.1 HIPNOSE E ASSOCIAÇÃO LIVRE

A hipnose foi intensamente utilizada na área da saúde, sendo que Sigmund Freud iria buscar aprendizagem diretamente em Paris (1885 e 1886) com o Jean-Martin Charcot, médico francês. O Dr Charcot defendia que a histeria – grande tema de interesse de Freud – ocorria em homens e mulheres e estava relacionada a um trauma. Hipnotizar é uma técnica, cuja habilidade de Sigmund na sua utilização era baixa, fato que deixaria de usá-la.

Na técnica hipnótica do período pré-analítico, o papel do ego era ainda inteiramente negativo. A finalidade do hipnotizador era chegar ao conteúdo do inconsciente e considerava o ego, meramente, um fator de perturbação em seu trabalho. [...] Assim, o objetivo visado era a revelação do inconsciente; o ego era um fator de perturbação e a hipnose um meio de nos livrarmos dele, temporariamente. [...] Depois, revoltava-se e começava uma nova luta para defender-se contra o elemento do id que lhe fora imposto. Assim, o sucesso terapêutico, tão laboriosamente obtido, era viciado. E acabou por se constatar que o triunfo máximo da técnica hipnótica - a completa eliminação do ego durante o período de investigação - era comprovadamente prejudicial à obtenção de resultados permanentes, sobrevivendo por isso a desilusão quanto ao valor dessa técnica. (FREUD, ANNA: 1936, 15 e 16).

Nesta citação podemos identificar um fator histórico de compreensão dos estados psíquicos, sendo caracterizado que a ação hipnótica daria resultados temporários, fato claramente influenciado pelas experiências insuficientes e deficitárias de Sigmund que incorporou preconceito, influenciando Anna e muitos outros de seus seguidores. Digo preconceito pois hoje é comprovado a capacidade hipnótica de eliminar fobias imediatamente, em minutos, coisa que anos de terapia podem não conseguir.

Mesmo na livre associação - o método que desde então passou a substituir a hipnose como auxiliar de pesquisa o papel do ego ainda é, inicialmente, negativo. É verdade que o ego do paciente deixou de ser eliminado por meios forçados. Ao contrário, é solicitado que se elimine a si próprio, que se abstenha de criticar as associações e que despreze as reivindicações da conexão lógica, as quais, em outras alturas, são consideradas legítimas. De fato, pede-se ao ego que se mantenha silencioso e o id é convidado a falar, prometendo-se a ele que seus derivados não encontrarão as dificuldades habituais, se emergirem na consciência. Nunca é prometido, claro, que, ao fazerem sua aparição no ego, irão alcançar seus objetivos pulsionais, sejam estes quais forem. (FREUD, ANNA: 1936, 16).

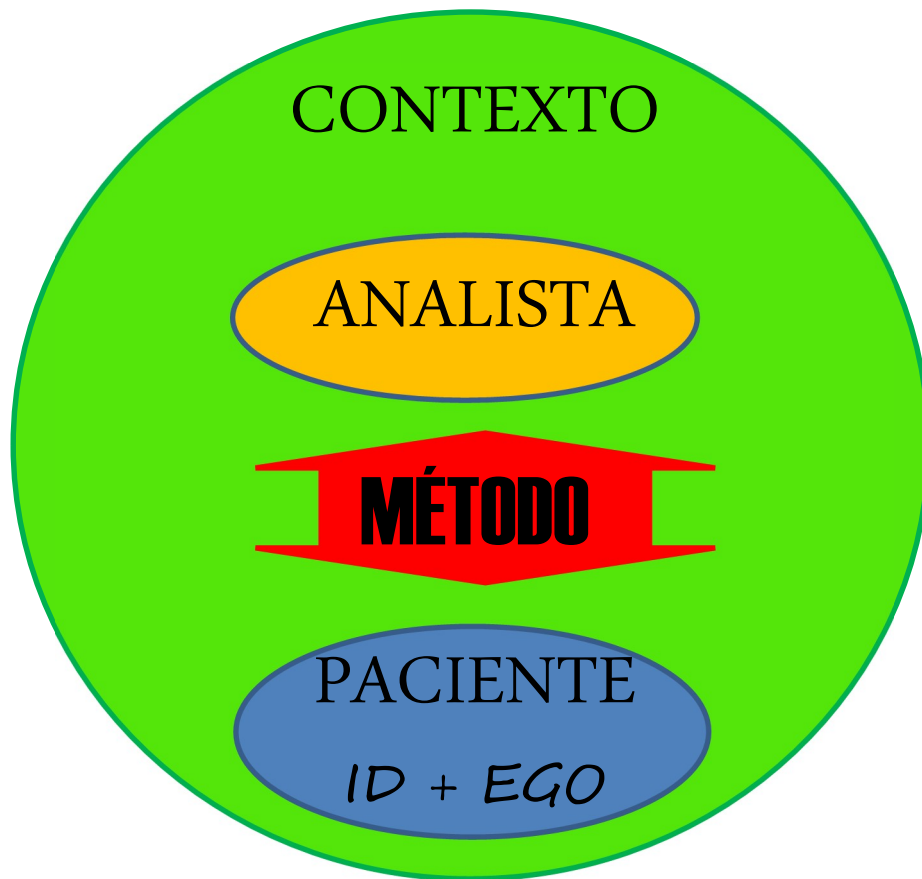


A utilização da “associação livre” o método formulado por Sigmund Freud em 1898, permitia ao paciente falar livremente sem nenhuma intencionalidade específica, fato que o analista apenas ouvia e buscava – junto com o paciente – identificar significados.

Felizmente, para a análise, uma tal docilidade no paciente é, na prática, impossível. A regra fundamental nunca pode ser seguida para além de um certo ponto. O ego conserva-se silencioso por algum tempo e os derivados do id utilizam essa pausa para forçar sua passagem até a consciência. O analista apressa-se a captar suas manifestações. Depois, o ego agita-se de novo, repudia a atitude de tolerância passiva que foi obrigado a assumir e, por meio de um ou outro de seus habituais mecanismos de defesa, intervém no caudal de associações. O paciente transgride a regra fundamental da análise ou, como dizemos, ergue “resistências”. Isso significa que a incursão do id deu lugar a um contra-ataque do ego ao id. (FREUD, ANNA: 1936, 16).

Devemos lembrar que a hipnose depende do aceite do paciente, fato que também na livre associação dependerá do paciente. O hipnotista e o terapeuta poderão enfrentar desafios na sua jornada durante a realização do seu trabalho de identificação dos aspectos inconscientes que buscam dominar o consciente.

Portanto, a tarefa do analista é, antes de tudo, proceder ao reconhecimento dos mecanismos de defesa. [...] Apenas quando a observação é focalizada ora no id, ora no ego, e a direção do interesse é dupla, prolongando-se para ambos os lados do ser humano que temos diante de nós, podemos então falar de *psicanálise*, em contraste com o método unilateral da hipnose. (FREUD, ANNA: 1936, 17).

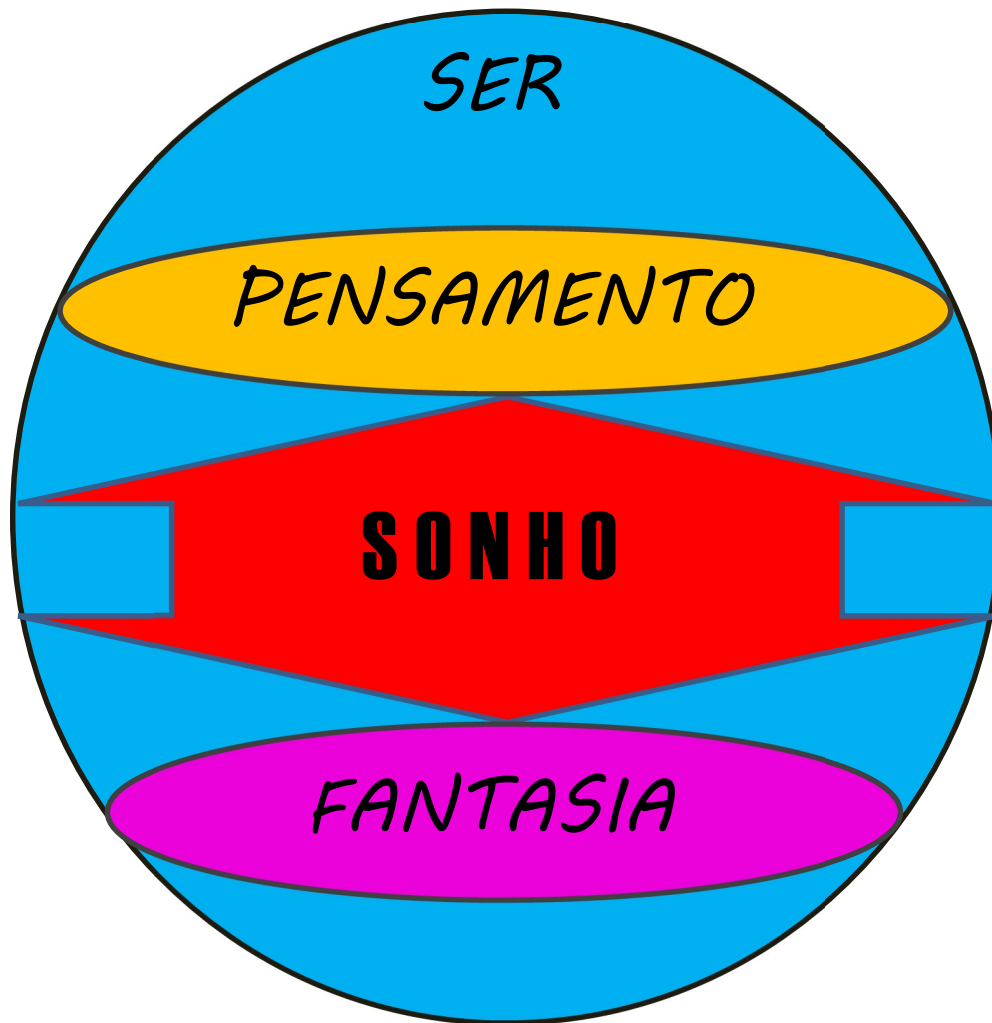


Novamente, Anna Freud busca fortalecer a utilização do método “associação livre” formulado por Sigmund Freud na substituição da hipnose, hoje sabidamente poderão ser utilizados de forma complementar, inclusive a hipnose não sendo um método unilateral, pois para funcionar necessita da aceitação do paciente.

A situação, quando estamos interpretando os sonhos do nosso paciente e quando estamos ouvindo suas livres associações, é a mesma. O estado psíquico do sonhador pouco difere do estado do paciente durante a hora analítica. (FREUD, ANNA: 1936, 17).

O paciente hipnotizado não está dormindo, podendo ouvir tudo que está ao seu lado, sendo percebido por Anna Freud:

A interpretação dos sonhos ajuda-nos, portanto, em nossa investigação do id, à medida que consegue trazer à luz os pensamentos oníricos latentes (conteúdo do id), assim como na investigação das instâncias do ego e suas operações defensivas, à medida que nos habilita a reconstituir as medidas adotadas pelo censor, partindo dos seus efeitos sobre os pensamentos oníricos. (FREUD, ANNA: 1936, 18).



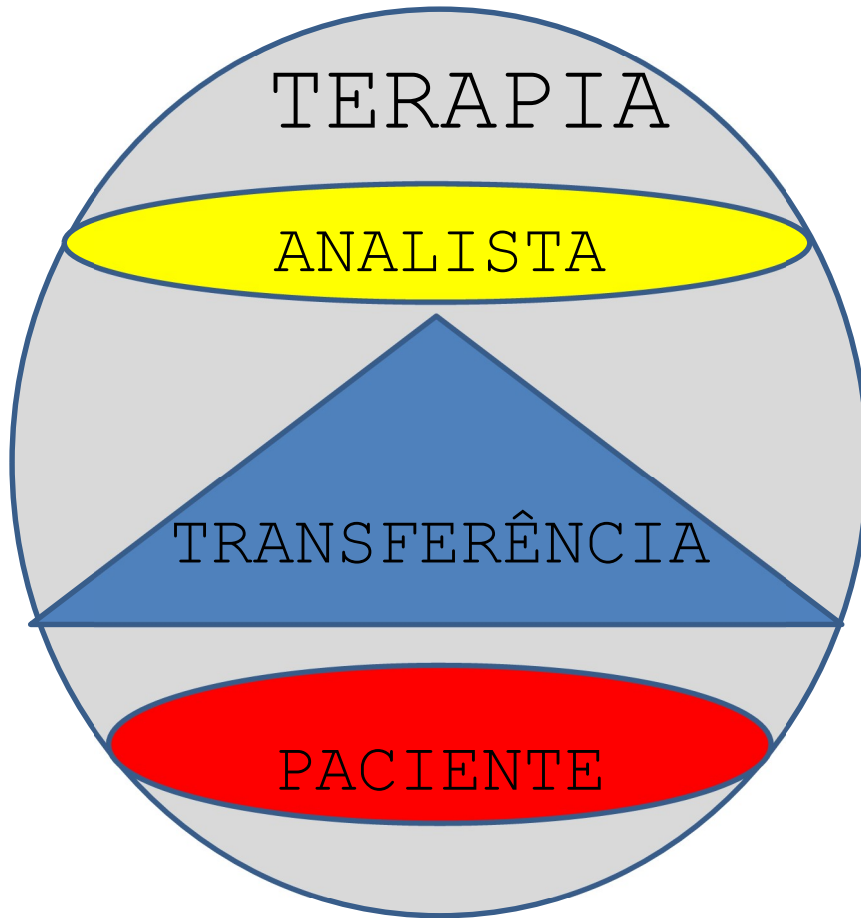
3.2 INTERPRETAÇÃO DA TRANSFERÊNCIA

Na evolução da psicanálise, merece destaque a publicação do livro “A interpretação dos sonhos” em 1900, por Sigmund Freud, que após 5 anos de seu lançamento as vendas não passaram de 400 exemplares, posteriormente seria consagrado (até hoje).

A mesma distinção teórica entre observação do id, por um lado, e observação do ego, por outro, pode ser estabelecida no caso daquilo que constitui, talvez, o mais poderoso instrumento nas mãos do analista: a interpretação da transferência. [...] Veremos que é possível distinguir diferentes tipos de fenômenos de transferência, segundo o grau de sua complexidade: a) *Transferência de impulsos libidinais*; b) *Transferência de defesa*; c) *“Representar” na transferência*. (FREUD, ANNA: 1936, 22 a 24).

O paciente durante sua fase de terapia cria laços com seu terapeuta, sendo fundamental compreender sua existência para evitar incorrer em desvios na plena compreensão dos fatos passados e presentes, pois o analista agora faz parte da vida do paciente.

Na *Transferência de impulsos libidinais*, o paciente encontra-se perturbado em sua relação com o analista em virtude de emoções passionais, por exemplo, amor, ódio, ciúme, angústia, o que não parece justificar-se pelos fatos da situação real. (FREUD, ANNA: 1936, 19).



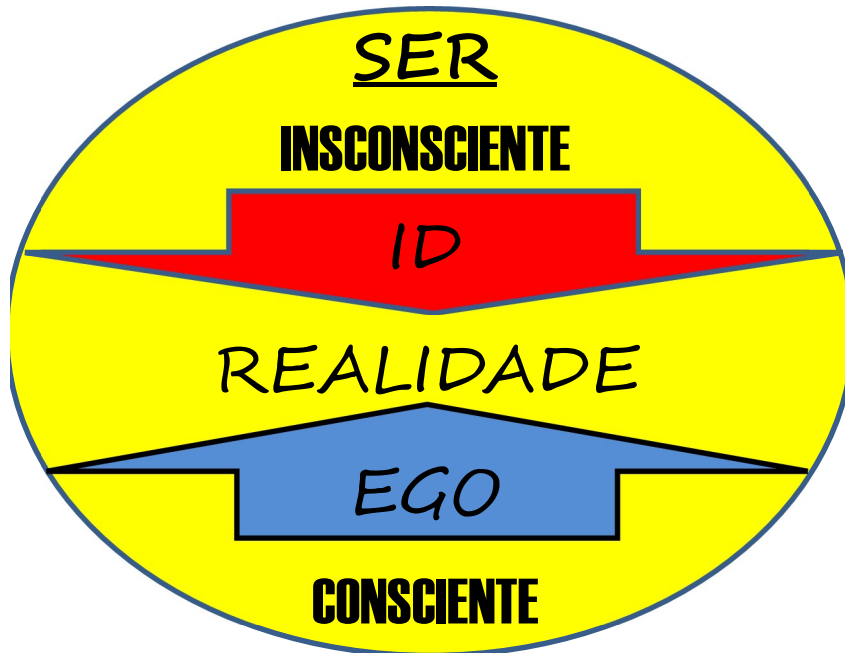
A existência deste vínculo terapeuta-paciente poderá ser maior que entre os demais membros do círculo vivencial do paciente, acarretando uma concentração de energia e pensamentos do paciente sobre seu terapeuta.

Na *Transferência de defesa*, a compulsão de repetição, que domina o paciente na situação analítica, estende-se não apenas aos impulsos anteriores do id, mas também às medidas anteriores defensivas contra as pulsões. Assim, ele não só transfere impulsos infantis e indeformados do id - que se tomaram alvo de uma censura por parte do ego adulto secundariamente e só depois que forçam seu caminho para a expressão consciente; transfere também os impulsos do id em todas aquelas maneiras de distorção que ganharam forma enquanto o paciente estava ainda na infância. O método mais correto será mudar o foco de atenção, na análise, transferindo-o em primeiro lugar da pulsão para o mecanismo específico de defesa, isto é, do id para o ego. (FREUD, ANNA: 1936, 20).

O terapeuta poderá ser percebido e/ou lembrado como investigador das ações (ego e superego), fato que o inconsciente (id) do paciente poderá buscar alternativas para evitar a aceitação e/ou distanciamento das regras ou imposições.

“*Representar*” na *transferência*, na interpretação dos sonhos, livre associação, interpretação de resistência e nas formas de transferência anteriormente descritas, o paciente, tal como o vemos, coloca-se sempre dentro da situação analítica, isto

é, em um estado endopsíquico não-natural. A relação das duas instâncias, no tocante às respectivas forças, foi transtornada: a balança pende em favor do id, em um caso através da influência do sono e, no outro, através da observância da regra fundamental da análise. Embora, a esse respeito, a interpretação da “representação” na transferência nos permita alguns valiosos vislumbres, os ganhos terapêuticos são geralmente escassos. Logo, essa terceira forma de transferência, a que chamamos de “representar”, é ainda mais difícil para o analista lidar com ela, do que a transferência dos vários modos de defesa. (FREUD, ANNA: 1936, 22).



O paciente poderá em vários momentos afastar-se de sua realidade para buscar o prazer imediato com fantasias, fato que o terapeuta deverá identificar e/ou separar em qual mundo o paciente efetivamente está, realidade ou imaginação, caso contrário os avanços terapêuticos estarão comprometidos.

Ocorre apenas que nós, analistas, estamos menos familiarizados com as dificuldades da análise do ego do que com as da análise do id. A teoria analítica deixou de sustentar que o conceito de ego é idêntico ao de sistema de consciência perceptiva; quer dizer, percebemos que vastas porções das instâncias do ego são inconscientes e requerem o auxílio da análise, a fim de tomá-las conscientes. O resultado é que a análise do ego assumiu, aos nossos olhos, maior importância. Tudo o que se apresenta na análise, oriundo do ego, é material tão bom quanto um derivado do id. Não temos o direito de considerá-lo, simplesmente, uma interrupção na análise do id. Mas, é claro, tudo o que provém do ego é também uma resistência, em todos os sentidos da palavra: uma força dirigida contra a emergência do inconsciente e, por conseguinte, contra o trabalho do analista. E nossa ambição aprendermos a orientar a análise do ego de um paciente - ainda que tenha de ser levada a cabo contra a vontade desse ego -, pelo menos com a mesma firmeza com que conduzimos a análise do seu id. (FREUD, ANNA: 1936, 25).

A hipnose que foi utilizada inicialmente por Sigmund Freud nos primórdios da Psicanálise, mas posteriormente abandonada, tendo como justificativa que era unilateral, fato que a “livre associação” seria a solução, agora, muito tempo depois é revelado – pela Anna Freud – que a mesma também é unilateral.

Sabemos, pelo que já foi dito, que se dedicarmos a nossa atenção às livres associações do nosso paciente, aos seus pensamentos oníricos latentes, à tradução dos símbolos e ao conteúdo da transferência, quer fantasiada ou “representada”, poderemos fazer progressos em nossa investigação do id, mas a análise é unilateral. Por outro lado, o estudo de resistências, da atividade da censura dos sonhos e dos vários modos transferidos de defesa contra as moções pulsionais e as fantasias, auxiliará a nossa investigação das atividades desconhecidas do ego e do superego. Mas esse método é igualmente unilateral. Se é verdade que apenas uma combinação das duas linhas de pesquisa, sem pendor para uma ou outra direção, pode produzir uma imagem completa da situação íntima do analisante, então deve também ser o caso de, se dermos preferência a qualquer um dos meios de investigação analítica, à custa de todos os outros, o resultado ser inevitavelmente uma imagem distorcida ou, pelo menos, incompleta da personalidade psíquica - um “travesti” da realidade. (FREUD, ANNA: 1936, 25 e 26).



3.3 ID, EGO E SUPEREGO

Os diversos ambientes e momentos vivenciados são marcantes nas nossas vidas, tanto de prazer como de desprazer, apesar que os momentos de desprazeres ocupam posição destacada nas nossas lembranças, ocasionando traumas marcantes.

Apenas a análise das operações defensivas inconscientes do ego pode nos habilitar a reconstituir as transformações a que as pulsões foram submetidas. Sem o conhecimento das mesmas, poderemos descobrir, de fato, muita coisa sobre o conteúdo de desejos e fantasias pulsionais e recalcados, mas pouco ou nada aprenderemos sobre as vicissitudes por que passaram e os vários processos pelos quais participam na estrutura da personalidade. (FREUD, ANNA: 1936, 26).

Anna Freud apesar de dar destaque e/ou ser reconhecida unicamente atrelada ao tratamento de crianças e adolescentes, permite elevada compreensão de toda a obra de Sigmund Freud, pois somente é adulto quem já passou pelas fases de criança e adolescente, inclusive merece destaque especial a observação realizada pelo próprio Sigmund de seu neto, e revelada no livro “Além do princípio de prazer”.

A técnica de análise infantil, que eu própria advoguei, é também um bom exemplo dos perigos da unilateralidade. Se renunciarmos à livre associação, se fizermos um uso parcimonioso da interpretação de símbolos e se começarmos interpretando a transferência apenas em um estágio avançado do tratamento, três importantes vias para a descoberta do conteúdo do id e das atividades do ego serão fechadas para nós. (FREUD, ANNA: 1936, 25).

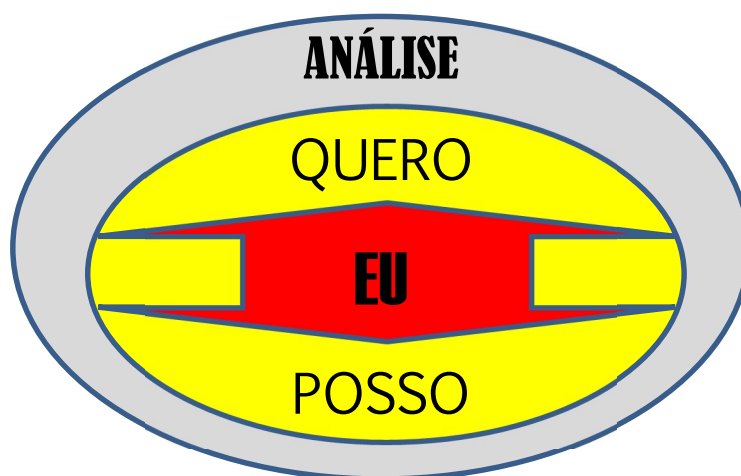


Além do princípio de prazer encontrará a realidade, fato que o texto – brilhante – de Anna Freud oferece a oportunidade ao analista de complementar suas competências na busca de compreender o confronto entre o id e o ego, sendo que o analista estará materializando no contexto do superego, considerando a perspectiva do paciente.

O ego é antagonista do analista. Por outro lado, à medida que não merece confiança, é falível e tendencioso em sua auto-observação. Embora registre e transmita conscienciosamente certos fatos, falsifica e rejeita outros, impedindo que venham à luz - procedimento inteiramente contrário aos métodos de investigação analítica, que insiste em ver tudo o que emerge, sem discriminação. Finalmente, o ego é, ele próprio, o objeto de análise, à medida que as operações defensivas em que está perpetuamente empenhado são levadas a efeito inconscientemente e só podem ser trazidas conscientemente à custa de um considerável esforço, muito semelhante à atividade inconsciente de qualquer das moções pulsionais proibidas. (FREUD, ANNA: 1936, 28).

O sucesso do trabalho terapêutico utilizando como base as obras de Sigmund Freud, poderá ser enormemente facilitado após a leitura do texto de Anna Freud, pois sua didática trazida de sua experiência docente amplia a compreensão de entendimento e facilita a empregabilidade no ambiente clínico. Lembrando que Anna Freud não recebeu pelos profissionais e/ou associações o mesmo tratamento oferecido a Sigmund, fato que explica também a baixa visibilidade de outras mulheres, cabendo destaque para Barbara Low, diante do ego dos psicanalistas homens e do superego simbolizados pelas associações e governos dominados pelos homens.

Isto é, na situação analítica, todo o material que nos ajuda a analisar o ego faz sua aparição na forma de resistência à análise do id. Os fatos são de tal modo evidentes que uma explicação parece quase supérflua. O ego torna-se ativo na análise, sempre que deseja, mediante uma contra ação, impedir uma incursão pelo id. Como a finalidade do método analítico é habilitar os representantes ideativos de pulsões recalçadas a ingressarem na consciência, isto é, encorajar essas incursões do id, as operações defensivas do ego contra tais representantes assumem, automaticamente, o caráter de resistência ativa à análise. Assim, como o analista usa, além disso, a sua influência pessoal para assegurar a observância da regra fundamental - que habilita a emergência de tais ideias nas livres associações do paciente -, a defesa estabelecida pelo ego contra as pulsões adota a forma de oposição direta ao próprio analista. A hostilidade ao analista e um fortalecimento das medidas destinadas a impedir a emergência dos impulsos do id coincidem automaticamente. (FREUD, ANNA: 1936, 28).

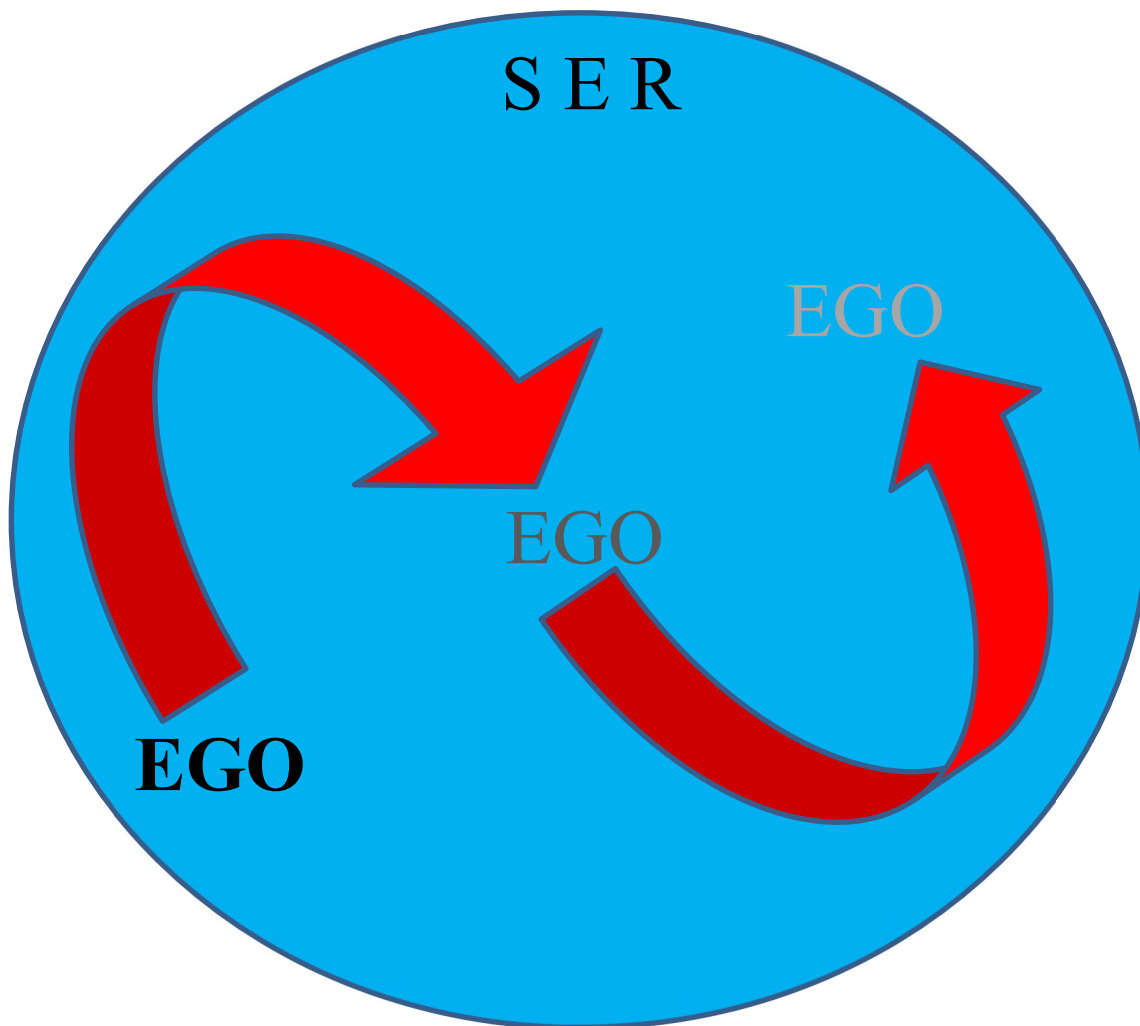


O trabalho do analista deverá levar em consideração a existência – natural – de resistências no seu trabalho por parte do paciente, sendo superada – gradativamente – pela confiança do paciente depositada no analista e pela autoridade do analista reconhecida pelo paciente.

Todas essas defesas contra o id, porém, se estabelecidas durante a análise, só podem ser localizadas e reveladas na forma de resistência ao trabalho do analista. A análise das resistências do ego propiciam-nos uma boa oportunidade para observar e levar para a consciência as operações defensivas inconscientes do ego, em plena ação. (FREUD, ANNA: 1936, 29).

Em vários momentos durante o trabalho de análise haverá situações consideradas conhecidas, sendo superadas pelo analista.

Obviamente, porém, um ego só pode ter à sua disposição um número limitado de possíveis meios de defesa. Em determinados períodos da vida e de acordo com a sua própria estrutura específica, o ego individual seleciona ora um método de defesa, ora outro - pode ser recalçamento, deslocamento, inversão, etc. (FREUD, ANNA: 1936, 29).

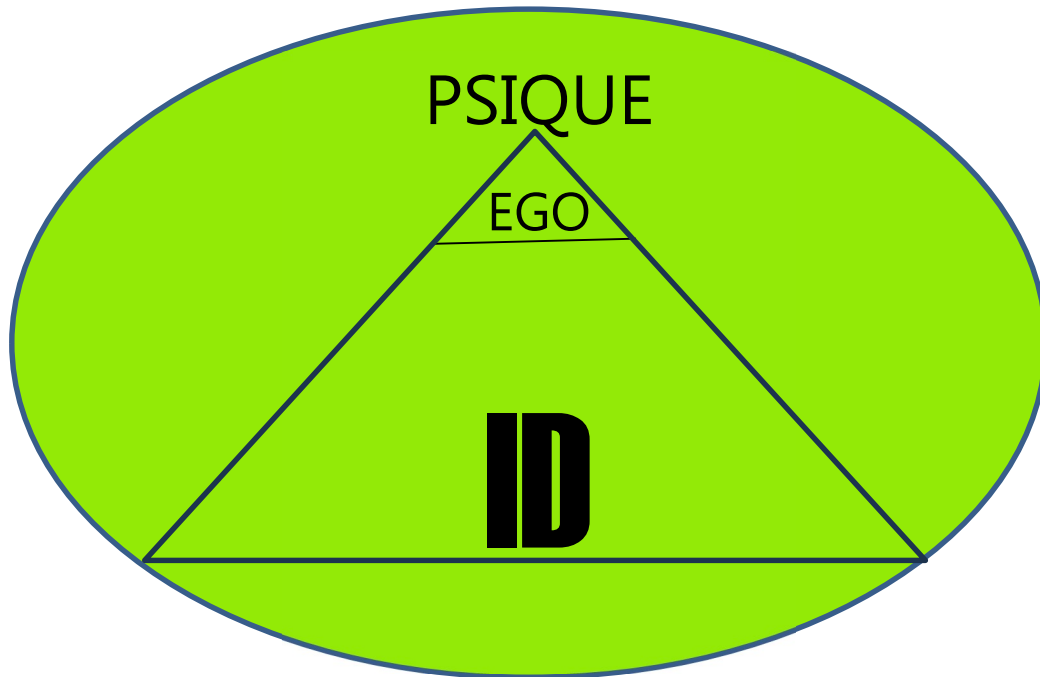


As características e/ou mensagens visuais enviadas pelos pacientes podem despistar o analista da plena compreensão da realidade vivenciada pelo paciente, sendo necessário rigoroso cuidado para não ser enganado.

As atitudes corporais, como a rigidez; as peculiaridades pessoais, como um sorriso fixo; o comportamento hostil, irônico e arrogante - tudo isso são resíduos de processos defensivos muito vigorosos, no passado, que acabaram por dissociar-se de suas situações originais (conflitos com pulsões ou afetos) e evoluíram para traços caracterológicos permanentes, a "blindagem do caráter" (*Charakterpanzerung*, como Reich os denomina). Quando, na análise, conseguimos localizar a origem histórica desses resíduos, estes recuperam sua mobilidade e deixam de bloquear, por sua fixação, o nosso acesso às operações defensivas em que o ego está, nesse momento, ativamente empenhado. [...] Tenho a certeza de que estamos justificados em colocá-los apenas em primeiro plano quando não podemos apurar vestígio algum de um conflito presente entre ego, pulsão e afeto. (FREUD, ANNA: 1936, 30).

O afeto poderá ser compreendido como resposta positiva ou negativa do ser para com os demais, fato que irá afetar tudo mais no entorno, seja no contexto da consciência ou do inconsciente. Desta forma o caráter será afetado durante seu processo evolutivo, inclusive para JUNG diferentemente de FREUD, pela consciência coletiva que irá interferir no comportamento individual (no ego).

Mas, quando prescindimos da regra fundamental de análise, o conflito em torno da sua observância também desaparece e é desse conflito que derivamos o nosso conhecimento das resistências do ego, quando estamos analisando adultos - isto é, nosso conhecimento das operações defensivas do ego contra os derivados do id. Portanto, corre-se o risco de que a análise infantil produza um grande acervo informativo sobre o id, mas um escasso conhecimento do ego da criança. (FREUD, ANNA: 1936, 33

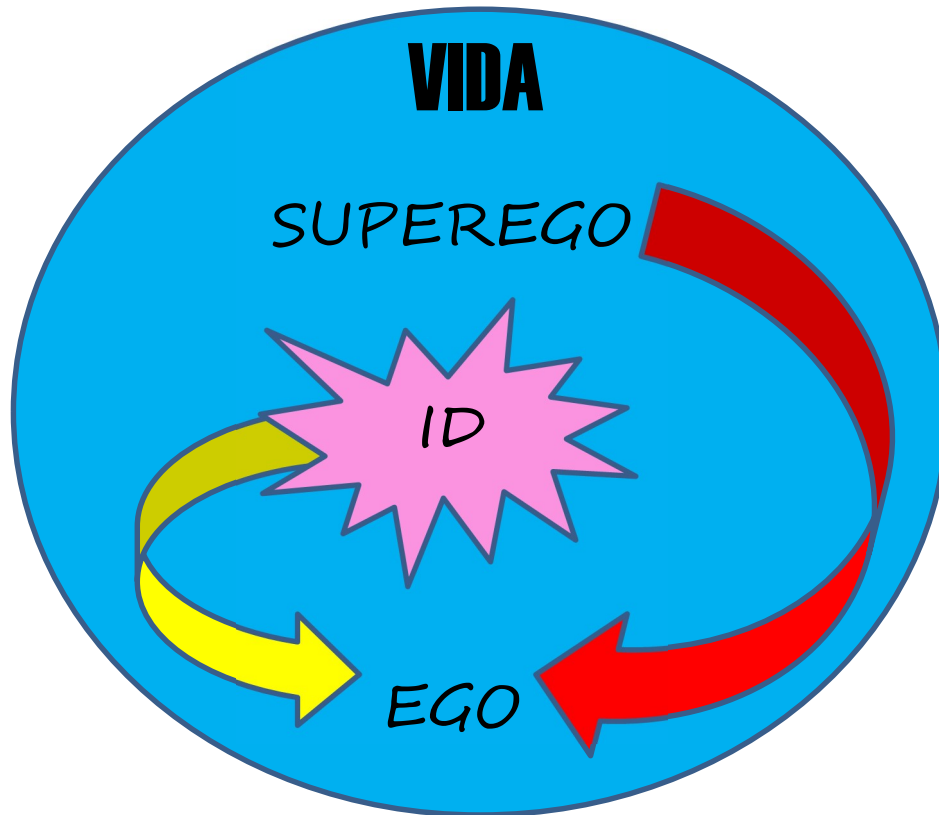


A limitação da busca pelo prazer, imposta pelo id, terá a realidade como sendo uma barreira imposta pelo ego, fato que as diferentes fases de crescimento do ser entre a criança e o adulto sofrerá alterações na compreensão de si mesmo e do mundo. Havendo crianças com diferentes compreensões da realidade imposta pelo ego, mas também haverá adultos sendo guiados por diferentes prevalências do id, merecendo a necessidade de compreender cada um separadamente e especificamente.

A análise e a conscientização da forma específica dessa defesa contra o afeto - seja uma inversão, um deslocamento ou o completo recalçamento - ensinam-nos algo sobre a técnica particular adotada pelo ego da criança em questão e, tal como no caso da análise de resistências, habilitam-nos a inferir a sua atitude perante suas pulsões, assim como a natureza da sua formação de sintomas. Portanto, é um fato de especial importância na análise infantil que, na observação dos processos afetivos, nos mantenhemos bastante independentes da cooperação voluntária da criança e da veracidade ou inveracidade do que ela nos conta. Os seus afetos atraíam-na contra a sua própria vontade. (FREUD, ANNA: 1936, 33 e 34).

Tanto a criança como o adulto podem fantasiar sua história de vida, sempre lembrando que todo adulto já foi uma criança, desta forma carrega a fase de criança para o resto de sua vida, nunca sendo apagada ao torna-se adulto. Fatos passados podem ter diferentes significados, sendo a empatia possível apenas para quem tenha profunda compreensão dos valores dos envolvidos e do contexto que tudo acontecia.

Quanto mais completamente conseguimos trazer à consciência tanto a resistência como a defesa contra os afetos, tornando-as assim inoperantes, mais rapidamente progredimos no sentido da compreensão do id. (FREUD, ANNA: 1936, 34).



Mudanças ocorrem diante do afeto, pois somos afetados conscientemente (prevalece o ego) e/ou inconscientemente (prevalece o id) , desta forma qualquer afeto irá causar mudanças, sendo mais percebidas pelos demais que por si mesmo.

A palavra “defesa”, que empreguei tão livremente nos três capítulos anteriores, é a mais antiga representante do ponto de vista dinâmico, na teoria psicanalítica. Surge pela primeira vez em 1894, no estudo de Freud *As Neuropsicoses de Defesa*, sendo empregada aí e em muitos de seus trabalhos subsequentes (*A Etiologia da Histeria, Observações Adicionais sobre as Neuropsicoses de Defesa*), para descrever a luta do ego contra ideias ou afetos dolorosos ou insuportáveis. Mais tarde, a palavra foi abandonada e, com o decorrer do tempo, substituída por “recalcamento”. A relação entre as duas noções permanece, contudo, indeterminada. Em um apêndice a *Inibições, Sintomas e Ansiedade* (1926), Freud reverteu ao antigo conceito de defesa, afirmando pensar que seria uma vantagem, indubitavelmente, usá-lo de novo ... [...] O significado do recalcamento é reduzido ao de “um método especial de defesa”. (FREUD, ANNA: 1936, 37).

Anna Freud oferece uma contribuição significativa, impar, na compreensão da teoria de Sigmund Freud, destaque na diferenciação teórica de “defesa e recalque”, sendo o recalque um tipo de defesa, onde o equilíbrio da saúde mental do ser necessita da atuação dos mesmos, sendo uma alternativa natural de melhoria de vida e não um problema.

Não fosse a intervenção do ego ou daquelas forças externas que ele representa, todas as pulsões conheceriam um único destino: o da gratificação. A esses nove métodos de defesa, que são muito conhecidos na prática e foram exaustivamente descritos nos trabalhos teóricos de psicanálise (regressão, recalçamento, formação reativa, isolamento, anulação, projeção, introjeção, inversão contra o ego e reversão), devemos acrescentar um décimo método, que pertence mais ao estudo da mente normal do que ao da neurose: a sublimação ou deslocamento dos anseios pulsionais. (FREUD, ANNA: 1936, 38).

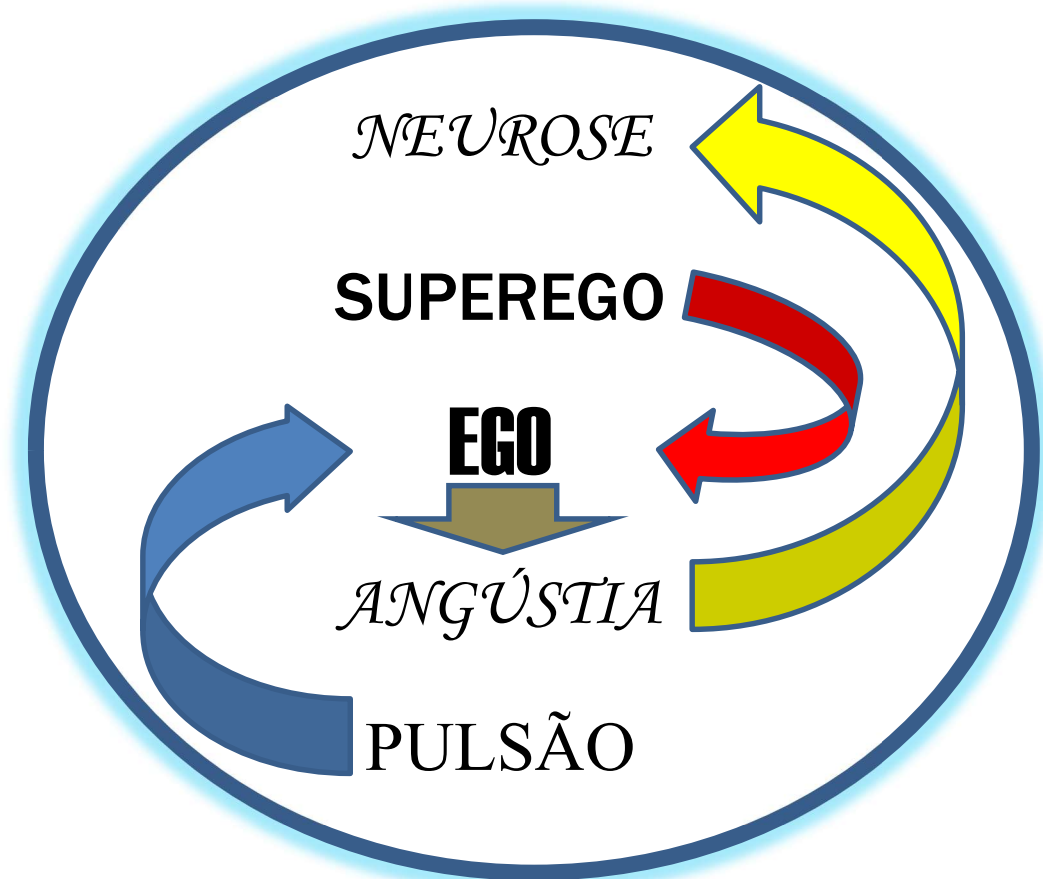


3.4 ANNA FREUD FEZ HISTÓRIA, MAS FICOU NA SOMBRA

Novamente, Anna Freud registra na história sua qualificação diante de uma sociedade que a discrimina, acrescentado a “sublimação” com mais um método de defesa do ser, sendo mais uma contribuição no avanço da solidificação da Psicanálise como ciência criada por Sigmund Freud, seu mestre e pai biológico que neste exato momento – 1936 em Viena – compartilham teto e ideias, cada dia mais próximos em vida, posteriormente em 1938 buscariam exílio (fugindo do nazismo) em Londres, e em 1939 a separação quando ocorre o falecimento de Sigmund, tendo como fato causador o pedido ao seu médico (pelo próprio Sigmund) para aplicação de elevadas doses de medicamento no sentido de aliviar suas dores físicas.

O apêndice a *Inibições, Sintomas e Ansiedade*, do qual já fiz citações mais de uma vez, contém uma resposta provisória a essas sugestões. “Pode bem ser que, antes de sua marcada separação em um ego e em um id, e antes da formação de um superego, o aparelho mental faça uso de diferentes métodos de defesa, distintos daqueles que emprega após terem sido atingidos esses níveis de organização”. Isso pode ser desenvolvido da seguinte maneira: o recalçamento consiste na manutenção fora do ego consciente ou na sua expulsão de uma ideia ou afeto quaisquer. Não faz sentido falar de recalçamento onde o ego e o id ainda estiverem fundidos. (FREUD, ANNA: 1936, 42).

Sabendo que o id representa o “eu quero” imposto pelo inconsciente, o ego representa o “eu posso” imposto pelo consciente, e o superego “eu devo” imposto pelas regras e/ou costumes do ambiente social que o ser está inserido, fato que somente haverá um ser recalcado se o mesmo estiver com seu id, ego e superego plenamente separados. Lembrando que os diferentes métodos de defesa utilizados pelo ser, sendo o recalque um deles, possibilitam – ao ser – buscar o equilíbrio da sua saúde mental.

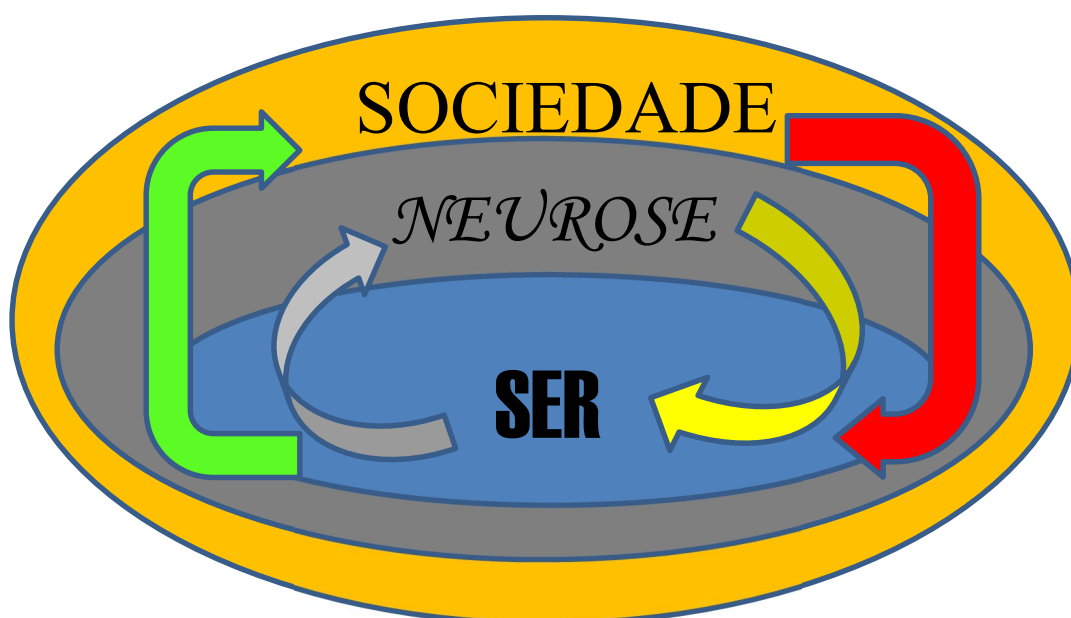


O ponto característico, nesse processo, é o ego, propriamente, não considerar perigoso o impulso contra o qual está lutando. O motivo que o instiga à defesa não é originalmente seu. A pulsão é considerada perigosa, porque o superego proíbe a sua gratificação e, se alcançar seu objetivo, certamente provocará grandes problemas entre o ego e o superego. Logo, o ego do neurótico adulto teme as pulsões porque teme o seu superego. Sua defesa é motivada pela angústia do superego. Enquanto a nossa atenção se confinar à defesa contra a pulsão, estabelecida pelos neuróticos adultos, consideraremos o superego uma força temível. Entendemos que ele é o autor de todas as neuroses, É o fomentador de discórdias, o “mexeriqueiro” que impede o ego de entrar em entendimentos amistosos com as pulsões. (FREUD, ANNA: 1936, 45 e 46).

Dentro da linha teórica de Sigmund Freud há 3 motivos para a ocorrência de defesa contra as pulsões: a) Angústia do Superego nas Neuroses de Adultos; b) Angústia Objetiva na Neurose infantil; e c) Angústia Pulsional (medo da força das pulsões). Lembrando que o superego está relacionado com as regras e costumes sociais, sendo diferentes em cada

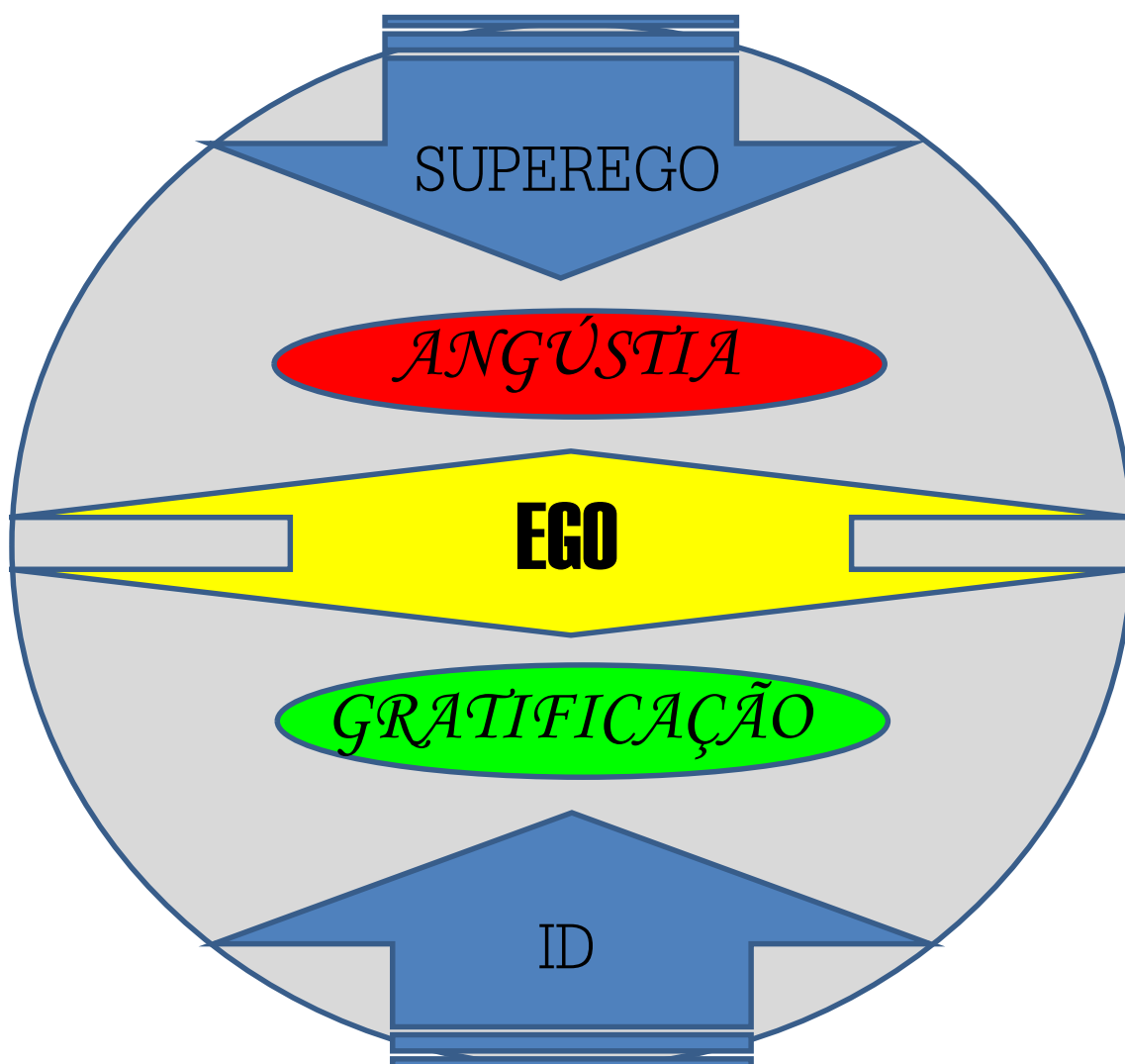
uma das localidades, bem como, podem mudar de tempos em tempos, fato que a análise deve levar em consideração a conjuntura em que o ser está inserido e o contexto ao qual está submetido.

Essa noção do superego como raiz de todos os males neuróticos inspira grandes esperanças de uma profilaxia das neuroses. Se a neurose é produzida pela austeridade do superego, então àqueles que têm de cuidar de crianças caberá apenas evitar tudo o que possa contribuir para a formação de um superego de excessivo rigor. Devem arranjar as coisas de modo que os seus métodos educativos, que são posteriormente internalizados pelo superego, sejam sempre suaves e brandos; o exemplo dos pais, de que o superego se apodera pelo processo de identificação, deve ser uma expressão de suas reais fraquezas humanas e de sua atitude tolerante em relação às pulsões, em vez de um arremedo de código moral excessivamente rigoroso, impossível de ser posto em prática. (FREUD, ANNA: 1936, 46).



A espontaneidade da ocorrência de defesa, aqui considerada como reação instintiva do ser diante de situações novas com potencial de mudanças, seja criança ou adulto faz parte do comportamento, fato que sua compreensão facilita perceber seus desdobramentos naturais, seja de angústia ou neurose. A angústia está centrada num fato futuro que poderá nunca ocorrer, mas tal fato carrega uma lembrança de algo semelhante que já foi vivido, caso contrário, seria apenas medo.

O ego de uma criança, assim como o de um adulto, não combate as pulsões por vontade própria. Sua defesa não é precipitada pelos seus sentimentos na matéria. Considera as pulsões perigosas, porque aqueles que criam e educam a criança lhe proibiram a gratificação das mesmas e uma irrupção pulsional acarreta restrições e a aplicação ou a ameaça de castigos. A angústia de castração produz nas crianças o mesmo resultado que a angústia da consciência provoca nos neuróticos adultos. O ego infantil teme as pulsões porque teme o mundo exterior. Sua defesa contra elas é motivada pelo medo do mundo exterior, isto é, pela angústia objetiva. (FREUD, ANNA: 1936, 47).

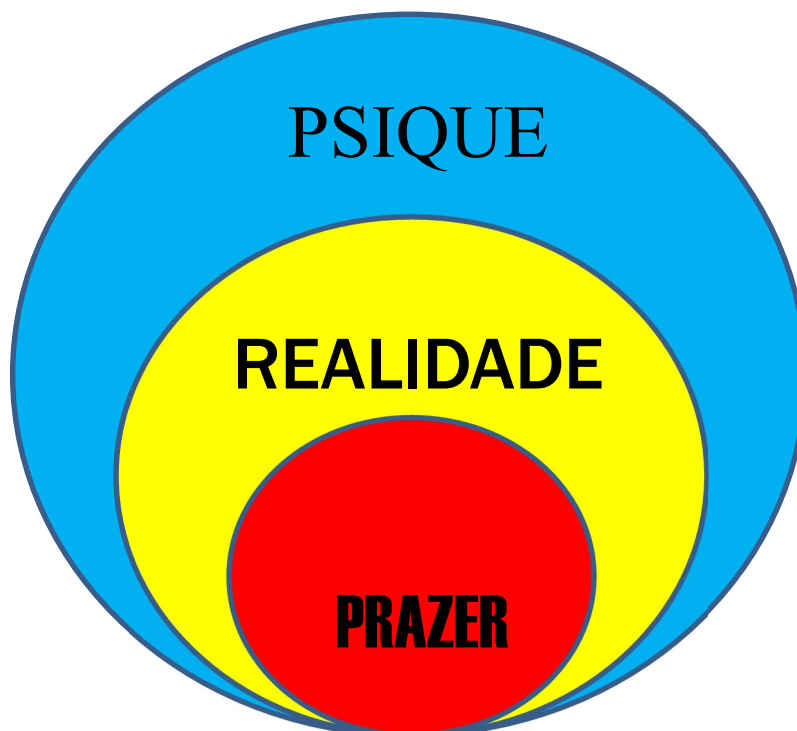


A civilização na busca de sua evolução passa por momentos diferentes e específicos conforme sua época, sendo que os povos ditos civilizados também realizam atos de barbaridade entre seus povos, seja pelo excesso ou pela falta, ora gratificando além do necessário e/ou aceitável no desenvolvimento da autonomia do ser, ora exigindo e/ou restringindo demasiadamente, provocando uma angústia doentia com elevado sofrimento por algo que pertence ao futuro incerto.

Foi assinalado que as crianças sofrem, hoje em dia, de um grau de angústia objetiva totalmente desnecessário. Os castigos que elas temem que lhes sejam aplicados, se gratificarem suas pulsões, são em sua grande maioria completamente obsoletos no estágio atual da nossa civilização. (FREUD, ANNA: 1936, 47).

O teste de “QI” foi um instrumento utilizado por países “desenvolvidos” para selecionar os “melhores”, buscando com isso acelerar o seu desenvolvimento e distanciar dos demais países considerados “subdesenvolvidos”, sendo hoje mais relevante o “QE”, onde o emocional é fator decisivo no desenvolvimento da humanidade, capaz de equilibrar as gratificações solicitadas pelo “id” ao “ego” com as imposições do “superego” ao “ego”.

O ego humano, por sua própria natureza, nunca é um solo promissor para a gratificação fácil e sem estorvos da pulsão. Quero dizer, com isso, que o ego só está em termos amistosos com as pulsões à medida que é mínima a sua diferenciação do id. Assim que evoluiu do processo primário para o secundário, do princípio de prazer para o princípio de realidade, passou a ser, como já mostrei, terreno estranho às pulsões. A sua desconfiança das exigências pulsionais está sempre presente, mas, em condições normais, dificilmente perceptível. Fica a perder de vista na muito mais tumultuosa guerra travada em seus domínios pelo superego e o mundo exterior contra os impulsos do id. (FREUD, ANNA: 1936, 48).



3.5 GRATIFICAÇÃO E FELICIDADE

A gratificação imediata gera satisfação rápida, mas com o passar do tempo haverá novos acontecimentos que o prazer anterior será esquecido, inclusive podendo ser considerado pelo próprio ser como indevido e causador de um “destino” infeliz, agora identificado como consequência de fatos passados.

Os dois primeiros motivos de defesa que estudamos até aqui (angústia do superego e angústia objetiva) possuem, aliás, uma fonte em comum. Se a pulsão pudesse obter a gratificação, apesar da oposição pelo superego ou pelo mundo exterior, o resultado seria, em primeiro lugar, prazer, de fato; mas, secundariamente, “dor”, quer em consequência do sentimento de culpa emanando do inconsciente, quer pela punição infligida pelo mundo exterior. Logo, quando a gratificação pulsional é rechaçada, por um ou outro desses motivos, a defesa é levada a cabo de acordo com o princípio de realidade. Sua principal finalidade é evitar essa dor secundária. (FREUD, ANNA: 1936, 49).

Conflitos fazem parte da vida sempre que necessita decidir, pois há entre escolhas a serem realizadas, inclusive o ato de não escolher é na realidade uma escolha, sendo o

adiamento não similar a prudência, carregado de simbolismo no enfrentamento da vida que passa, independentemente de nossas ações e/ou omissões.

Podemos calcular o montante de energia despendida no estabelecimento de recalcaamentos pelo vigor da resistência com que nos defrontamos ao querer removê-los. Do mesmo modo, podemos deduzir o motivo que incentivou a defesa de um paciente contra uma moção pulsional, a partir de sua disposição mental, quando reintroduzimos esse impulso na consciência. Se anularmos uma defesa neurótica estabelecida à instância do superego, o analisante tem um sentimento de culpa, isto é, experimenta uma angústia de superego. Se, por outro lado, a defesa foi montada sob a pressão do mundo exterior, experimenta angústia objetiva. Se, quando analisarmos uma criança, revivermos os afetos dolorosos que ela rechaçara, ela sentirá a mesma “dor” intensa de quando forçou o seu ego a recorrer a medidas defensivas. Finalmente, se interviermos em um processo defensivo que foi motivado pelo temor causado no paciente pelo vigor de suas pulsões, ocorrerá precisamente aquilo que o seu ego tentou evitar: os derivados do id, até então suprimidos, penetram no território do ego e encontram pouca oposição. (FREUD, ANNA: 1936, 50).

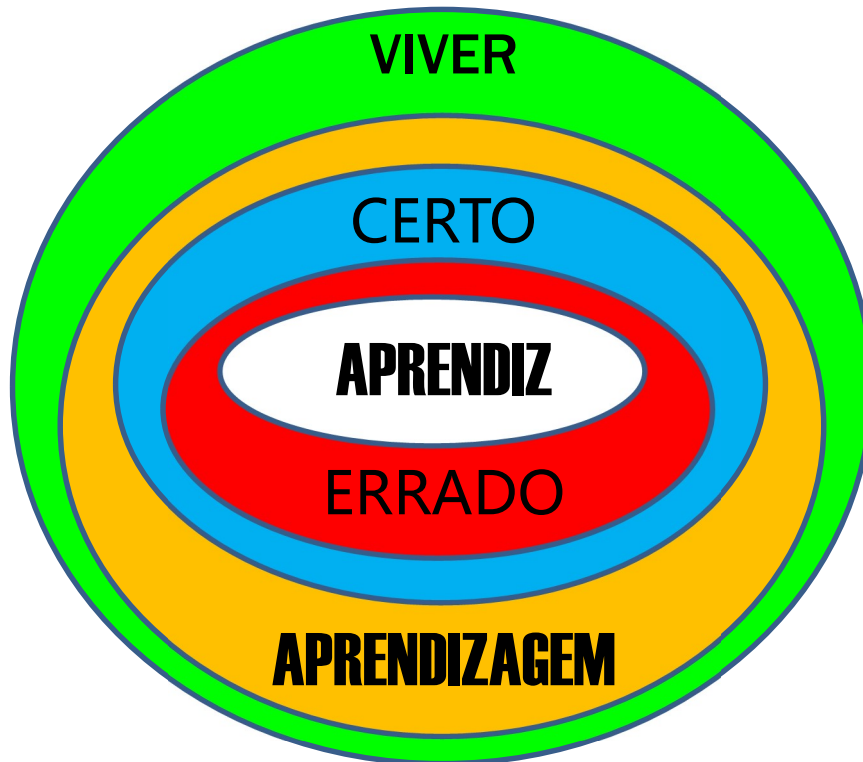


A defesa da psique ocorre naturalmente, seja pelo consciente e/ou inconsciente, fato que devemos aprender a conviver e examinar nossas ações e omissões, pois neste histórico vivencial será revelador, ou seja, irá revelar a dor, ocorrida em vários momentos que agora passam a ser nosso objeto de análise.

O prognóstico para a solução de conflitos psíquicos é mais favorável quando o motivo para a defesa contra a pulsão foi a angústia do superego. Nesse caso, o conflito é genuinamente endopsíquico e pode-se chegar a um acordo entre as diferentes instâncias, especialmente se o superego se tornou mais acessível à razão, através da análise das identificações em que se baseia e da agressividade que chamou a si. Sendo assim reduzido o seu medo do superego, o ego não precisa mais recorrer a métodos defensivos, com consequências patológicas. Mas, mesmo quando a defesa, na neurose infantil, foi motivada por angústia objetiva, a terapia analítica ainda tem boas perspectivas de êxito. (FREUD, ANNA: 1936, 50 e 51)

Viver é estar em permanente aprendizagem, sendo dado a chance – a cada um – aprender com os próprios erros – quando identificado como tal. Toda experiência é válida, principalmente para quem diante de resultados considerados ruins poderá colher mais conhecimentos para não repeti-los, desta forma a melhoria ocorre com base nos “erros”.

Em outros casos, a análise mostra-nos que as várias angústias que conduziram à defesa pertencem a uma situação real que já se passou há muito tempo. O ego reconhece já não haver qualquer razão para temê-la. Ou, ainda, o que parece ser angústia objetiva prova ter sua origem em noções exageradas, cruas e distorcidas da realidade, baseadas em situações primitivas que já foram reais, mas deixaram de existir há muito. A análise desmascara essa “angústia objetiva” e mostra que se trata de um produto de fantasia contra o qual não vale a pena empreender operações defensivas. (FREUD, ANNA: 1936, 51).



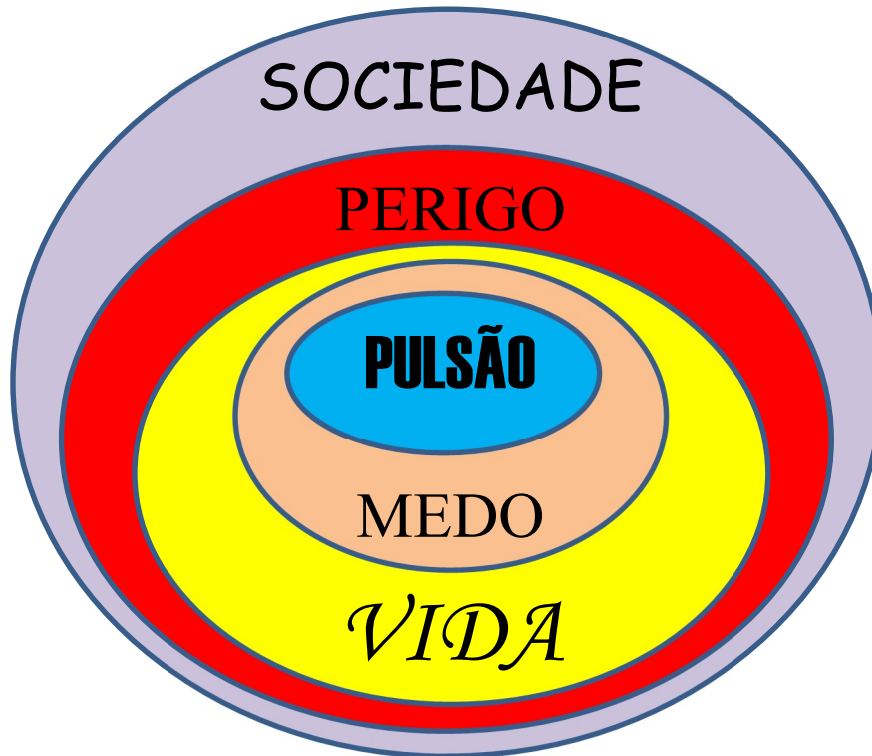
A palavra resiliência é utilizada – enormemente no ambiente social – para simbolizar a ação humana de capacidade na continuidade e flexibilidade, diante de obstáculos que criam barreiras no trajeto a ser percorrido, fato particularmente interessante, pois a resiliência na sua aplicação original na física, determina que o estado original irá permanecer igual após ser submetido a forças contrárias, sendo um absurdo imaginar que tal fato poderia ocorrer na psique do ser humano, pois jamais irá retornar ao estado anterior.

Quando o ego toma suas medidas defensivas contra um afeto, a fim de evitar a “dor”, algo mais é requerido, além da análise, para anulá-las, se quisermos que o resultado seja permanente. A criança deve aprender a tolerar quantidades cada vez maiores de “dor”, sem recorrer imediatamente aos seus mecanismos de defesa. Contudo, deve-se reconhecer que, teoricamente, compete mais à educação do que à análise ensinar essa lição à criança. (FREUD, ANNA: 1936, 51).

Tolerância é uma capacidade, podendo ser desenvolvida de forma metódica e contínua durante todas as etapas da vida, fato que permitirá utilizar os instrumentos de defesa diante dos desprazeres que irão ocorrer nas suas mais diversas formas e situações.

Os únicos estados patológicos que não reagem favoravelmente à análise são os que se baseiam em uma defesa instigada pelo medo, no paciente, do vigor de suas pulsões. Em tal caso, há o perigo de que eliminemos as medidas defensivas do ego, sem estarmos em condições de ir imediatamente em seu auxílio. Na análise,

sempre tranquilizamos o paciente, que tem medo de admitir os impulsos do seu id na consciência, dizendo-lhe que, uma vez que tais impulsos sejam conscientes, eles passam a ser menos perigosos e mais passíveis de controle do que quando eram inconscientes. A única situação em que essa promessa pode ser comprovadamente ilusória é naquela em que a defesa foi efetuada por causa de o paciente temer a força de suas pulsões. (FREUD, ANNA: 1936, 51).



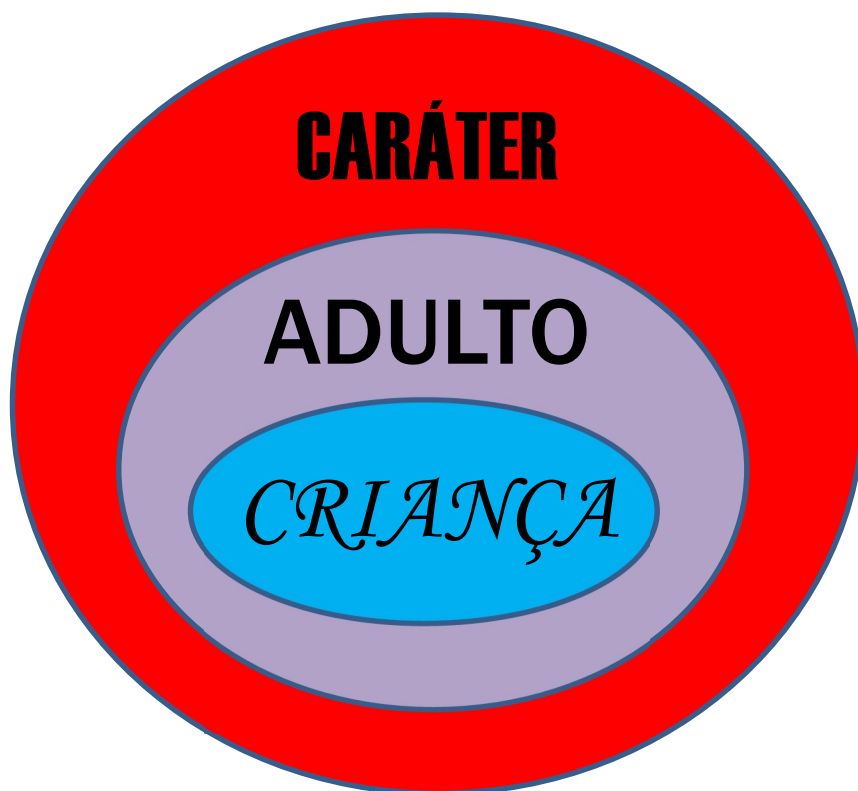
O medo poderá ser considerado uma fraqueza para alguns, mas para outros será fator positivo para auxiliar na elevação dos cuidados a serem tomados, antecipadamente, ao enfrentar qualquer situação de incerteza, ou seja, tudo na vida.

No mesmo e remoto período em que trava conhecimento com os perigosos estímulos pulsionais internos, experimenta igualmente a “dor”, que tem sua origem no mundo externo. O ego está em íntimo contato com esse mundo, do qual afeite seus objetos de amor e deriva aquelas impressões que são registradas pela percepção e assimiladas pela inteligência. Quanto maior for a importância do mundo exterior como fonte de prazer e interesse, maiores são as oportunidades para experimentar a “dor” oriunda desse setor. (FREUD, ANNA: 1936, 55).

O caráter é uma construção permanente do ser, iniciando-se quando criança, nunca sendo uma herança passada de geração para geração, apesar das influências familiares serem fundamentais na formação do mesmo.

Baseando-se a teoria da psicanálise na investigação das neuroses, é natural que a observação analítica tenha concentrado todas as suas atenções, primeiramente, na luta íntima entre as pulsões e o ego, da qual os sintomas neuróticos são a consequência. Os esforços do ego infantil para evitar a “dor”, através da resistência direta às impressões externas, pertencem à esfera da psicologia normal. Suas consequências podem ser da maior importância para a formação do ego e do caráter, mas não são patogênicas. Quando se faz referência à essa função particular do ego nos trabalhos clínico-analíticos, nunca é tratada como objeto principal de

investigação, mas, tão-somente, como um produto subsidiário da observação. (FREUD, ANNA: 1936, 56).



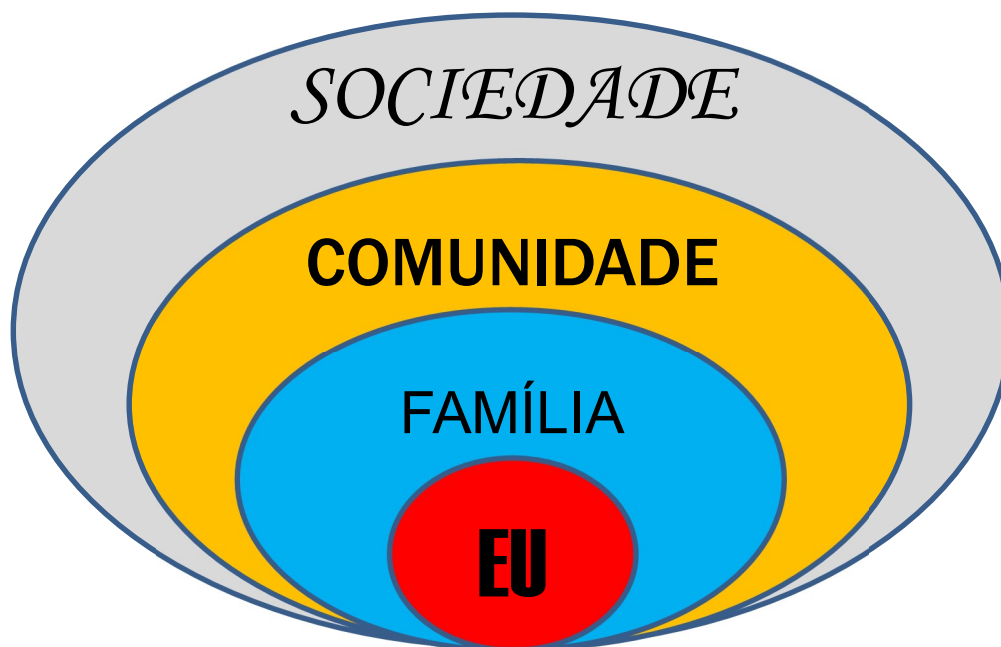
3.6 INTERESSE, INTELIGÊNCIA E SABEDORIA

O ser adulto jamais irá apagar tudo vivenciado quando criança, tudo está guardado no inconsciente, mesmo que o consciente demonstre soberania diante dos momentos e situações vivenciadas como adulto.

É difícil dizer quando o ego perde o poder de superar consideráveis quantidades de “dor” objetiva por meio da fantasia. Sabemos que, mesmo na vida adulta, as divagações podem ainda desempenhar uma função, ampliando por vezes as fronteiras de uma realidade demasiado estreita e, outras vezes, invertendo completamente a situação real. Na vida adulta, porém, uma divagação é quase da mesma natureza de um passatempo ou diversão, uma espécie de subproduto com um investimento libidinal muito reduzido. No máximo, ela serve para dominar quantidades insignificantes de desconforto ou para dar ao sujeito um alívio ilusório para alguma “dor” secundária. (FREUD, ANNA: 1936, 62).

A educação desempenha papel importante dentro do contexto social, sendo a mesma formal e informal, tendo a escola como melhor exemplo da educação formal e a família como educação informal. Há diferenças substanciais entre as diferentes escolas e famílias, fatores decisivos na capacidade da criança desenvolver sua percepção de mundo, sendo a escola a primeira etapa – fora da família – de atuação do superego (eu devo) para delimitar o ego (eu posso) e id (eu quero) da criança.

Tudo isso sugere outra razão, em teoria, para o conflito perene entre os diferentes métodos de educação infantil (Froebel *versus* Montessori.) A verdadeira questão é saber até que ponto a tarefa educativa deve induzir as crianças, mesmo as de mais tenra idade, a dedicarem todos os seus esforços à assimilação da realidade e até que ponto é admissível encorajá-las a desviarem-se da realidade e construírem um mundo de fantasia. (FREUD, ANNA: 1936, 66).



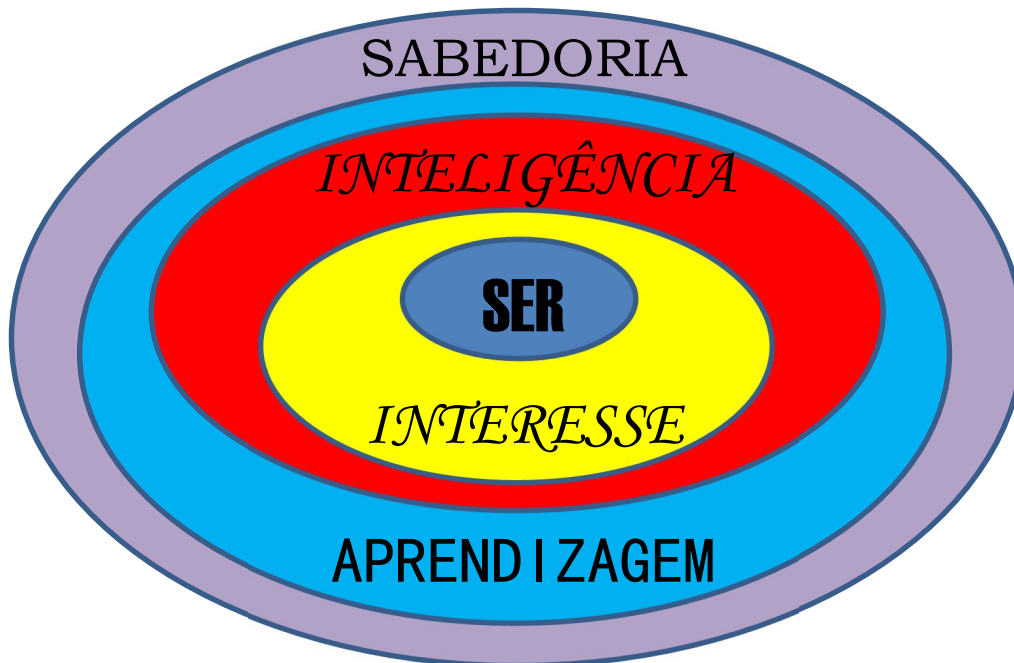
A família aqui será identificada como todos os seres que fazem parte da convivência direta da criança, independente do vínculo genético, sendo que todos irão interferir mais ou menos na trajetória da criança, lembrando com maior ou menor intensidade no registro de suas memórias.

Em vez de perceber a impressão dolorosa e, subsequentemente, cancelá-la mediante a retirada do respectivo investimento, está ao alcance do ego recusar o encontro, pura e simplesmente, com a situação perigosa externa. Pode fugir-lhe e, assim, no mais verdadeiro sentido da palavra, “evitar” as ocasiões de “dor”. O mecanismo de evitação é tão primitivo e natural, e está, além disso, tão inseparavelmente associado ao desenvolvimento normal do ego, que não é fácil, para os propósitos de discussão teórica, desligá-lo do seu contexto usual e observá-lo isoladamente. (FREUD, ANNA: 1936, 71).

A gratificação, excessiva, praticada por algumas famílias no atendimento dos prazeres infantis, encontrará sua primeira barreira na escola, onde os responsáveis serão confrontados com regras rígidas quando comparadas dentro do contexto familiar, inversamente também haverá ocorrência, principalmente quando as famílias mudam de região levando os costumes anteriores, perfazendo um choque cultural.

As crianças que insistem em desempenhar o papel de espectadores recuperam sua capacidade de trabalho se as condições em que tiverem de atuar forem modificadas. As genuínas inibições, por outro lado, não variam e as mudanças no meio ambiente dificilmente afetam-nas. Uma menina do primeiro tipo foi obrigada, por razões externas, a ficar por algum tempo afastada da escola primária, onde tinha o hábito de ficar “observando” as outras. Passou a receber aulas particulares e

imediatamente dominou, na forma de brinquedo, lições que para ela tinham sido um livro fechado enquanto estivera com outras crianças. (FREUD, ANNA: 1936, 73).



Nós somos algo muito além do que os outros podem ver, apesar da maioria de nós enormemente influenciados pelo meio em que vivemos, fato que o ambiente ao redor seja formatador de hábitos e costumes que são passados de geração para geração, incorporando um dna coletivo que agrupa algumas pessoas e isola os demais, incentivando uma neurose coletiva.

Subentendido em toda e qualquer atividade neuroticamente inibida, está um desejo pulsional. A obstinação com que cada impulso separado do id insiste em alcançar sua meta transforma o simples processo de inibição em um sintoma neurótico fixo, o qual representa um conflito perpétuo entre o desejo do id e a defesa estabelecida pelo ego. O paciente exaure sua energia na luta. Os impulsos do id aderem, com pequenas modificações, ao desejo de calcular, de falar em público, de tocar violino ou o que for, enquanto, ao mesmo tempo, o ego impede ou, pelo menos, obstrui, com igual persistência, a execução do desejo do paciente. (FREUD, ANNA: 1936, 76).

O ser humano sofre estímulos diferentes, sendo formatado para seguir aos hábitos e costumes presentes na sua comunidade, fato que a recusa em aceitar esta rota será considerado um problema a ser enfrentado e eliminado, corrigindo o rumo sem qualquer tipo de liberdade de escolha individual, pois o grupo mais velho já decidiu o melhor para todos do grupo mais novo.

Quando o ego é jovem e plástico, sua retirada de um campo de atividade é por vezes compensada pela excelência em outro, em que passa a concentrar-se. Mas, quando se tornou rígido ou já adquiriu uma intolerância à "dor", pelo que se fixa obsessivamente no método de fuga, tal retirada é punida por um desenvolvimento defeituoso. Ao abandonar uma posição após outra, torna-se unilateral, perde demasiados interesses e só pode apresentar realizações medíocres. Na teoria de educação, a importância da determinação do ego infantil em evitar a "dor" não tem sido suficientemente apreciada e isso contribuiu para o fracasso de uma série de experiências educacionais, em anos recentes. (FREUD, ANNA: 1936, 77).

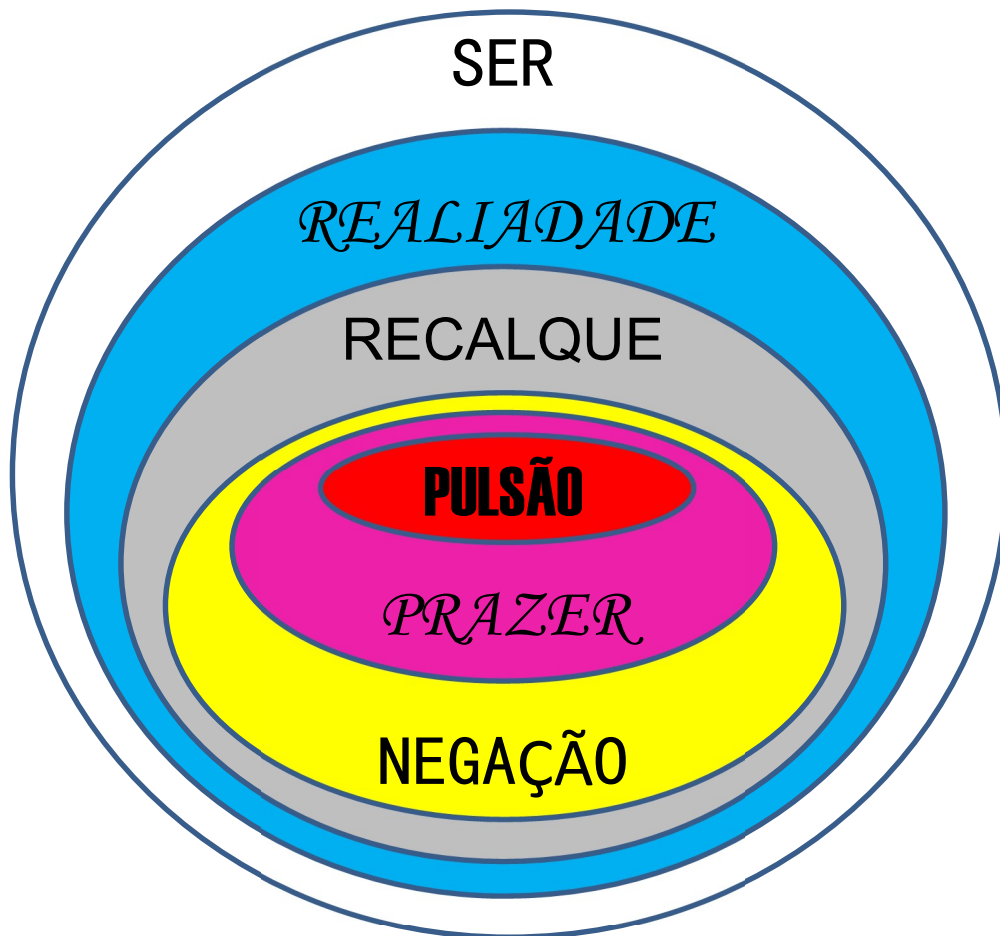


A liberdade é o grande objeto do desejo humano, mas dentro de um contexto social o ser humano está totalmente limitado pela liberdade dos demais, sendo explicada pela matemática, onde a liberdade de um equivale a distância onde está o outro. No contexto social, onde coexistem duas ou mais pessoas, a liberdade é limitada pela moral, imposta por regras e/ou costumes do grupo.

O moderno método é o de conferir ao ego infantil em desenvolvimento maior liberdade de ação; sobretudo, permitir-lhe que escolha livremente suas atividades e interesses. [...] Para a surpresa dos educadores, o resultado dessa liberdade de escolha é, em tais casos, não o desabrochar da personalidade, mas o empobrecimento do ego. (FREUD, ANNA: 1936, 77).

O conflito entre seres humanos na busca das liberdades individuais poderá ser classificado como externo, tendo como equivalente o conflito interno entre o prazer imediato e a realidade como consequência.

É comparativamente fácil descobrir os mecanismos de defesa a que o ego habitualmente recorre, desde que cada um seja separadamente empregado e em conflito com apenas determinado perigo específico. Quando constatamos a negação, sabemos que se trata da reação a um perigo externo; quando o recalçamento ocorre, o ego está lutando com estímulos pulsionais. (FREUD, ANNA: 1936, 81).



O ser humano está em constante situação de conflito, seja internamente ou externamente, sendo que em todos os casos poderá desempenhar diferentes tipos de papel, ora mais ativo, sendo protagonista dos acontecimentos, ora mais reativo, sendo mero participante, apesar de serem afetados independentemente de sua escolha.

Em *Além do Princípio do Prazer*, o significado dessa mudança do papel passivo para o ativo, como um meio de assimilar experiências desagradáveis ou traumáticas na infância, é examinado em detalhe. “Se um médico examina a garganta de uma criança ou realiza uma operação de pouca monta, a alarmante experiência será certamente o tema do próximo jogo, mas neste o prazer obtido de outra fonte não pode ser ignorado. Ao transitar da passividade da experiência para a atividade da brincadeira, a criança aplica aos seus companheiros de jogo a ocorrência desagradável que recaiu nela e, assim, se desforra por procuração.” O que é válido para o jogo é igualmente verdadeiro para outros comportamentos infantis. (FREUD, ANNA: 1936, 83).

A reação humana é instintiva, sendo considerada natural quando ligada aos fatores mais básicos da sobrevivência, mas poderá haver casos e pessoas estimuladas por fatores meramente psicológicos.

No momento em que a crítica é internalizada, a ofensa é externalizada. Isso significa que o mecanismo de identificação com o agressor é suplementado por outra medida defensiva, ou seja, a projeção da culpa. Um ego que, com a ajuda do mecanismo de defesa da projeção, evolui nesse sentido, introjeta as autoridades a cuja crítica

está exposto e incorpora-as no superego. Está então apto a projetar seus impulsos proibidos para o exterior. (FREUD, ANNA: 1936, 86).



No mundo que vivemos há diferentes percepções, onde iremos encontrar uma diversidade de “mundos” percebidos, onde qualquer pergunta poderá obter a mesma resposta: “você não compreende o meu mundo”! A alienação do ser humano ao seu mundo paralelo gera uma fuga da realidade, formando um padrão que une todos.

A verdadeira moralidade começa quando o criticismo internalizado, agora consubstanciado no padrão imposto pelo superego, coincide com a percepção pelo ego de suas próprias faltas. A partir desse momento, a severidade do superego volta-se para dentro e não para fora e o sujeito toma-se menos intolerante em relação às outras pessoas. Mas, assim que atingiu esse estágio em seu desenvolvimento, o ego tem de suportar a “dor” mais aguda, ocasionada pela autocrítica e o sentimento de culpa. É possível que certo número de pessoas fique preso no estágio intermediário da evolução do superego e nunca complete, inteiramente, a internalização do processo crítico. Embora percebendo a própria culpa, continuam sendo peculiarmente agressivas em suas atitudes para com outras pessoas. (FREUD, ANNA: 1936, 87).

A realidade está além do princípio de prazer individual, fato que poderá ser adiada ou até mesmo evitada a qualquer custo, causando impacto psicológico - permanente - internamente e com transtorno em todos ao seu redor.

Quem tiver amplamente projetado as suas moções pulsionais em outras pessoas nada sabe sobre esse medo. No momento de perigo, o seu ego não está realmente preocupado com sua própria vida. Pelo contrário, experimenta uma excessiva preocupação e angústia pela vida de seus objetos de amor. A observação mostra que esses objetos, cuja segurança é tão vital para ele, são as figuras vicárias sobre quem ele deslocou seus desejos pulsionais. (FREUD, ANNA: 1936, 95).



3.7 PULSÃO ADOLESCENTE É NATURAL E PASSA

A pulsão está no ponto inicial da compreensão do ser humano, sendo alimentada pelos fatores externos ofertados pelos costumes, crenças e valores, fato que a família, a escola e a comunidade farão a modelagem de sua população. Atualmente, a internet participa desta modelagem quebrando as barreiras físicas, fato que uma pessoa poderá ser influenciada virtualmente, superando a imposição do limite presencial, inclusive diminuindo drasticamente o tempo para alcançar o desejo que poderá ser alimentado continuamente, formatando um ciclo de dependência do usuário que materializa o sucesso de seu criador.

De todos os períodos na vida humana em que os processos pulsionais são, indiscutivelmente, de importância suprema, o da puberdade sempre atraiu a maior atenção. Há muito tempo que os fenômenos psíquicos que assinalam o advento da maturidade sexual vêm sendo matéria de estudo psicológico. Nos escritos não-analíticos, encontramos muitas descrições impressionantes das mudanças que ocorrem no caráter durante esses anos, das perturbações no equilíbrio psíquico e, sobretudo, das incompreensíveis e irreconciliáveis contradições então evidentes na vida psíquica. Os adolescentes são excessivamente egoístas, considerando-se o centro do Universo e o único objeto de interesse. Entretanto, em tempo algum de sua vida ulterior são capazes de tanta abnegação e dedicação. Formam as mais apaixonadas relações de amor, para rompê-las tão abruptamente quanto as iniciaram. [...] Por vezes, seu comportamento em relação a outras pessoas é turbulento e irrefletido; contudo, são extremamente sensíveis. Seus estados de espírito variam entre o otimismo leviano e o mais sombrio pessimismo. Algumas vezes, dedicam-se ao trabalho com infatigável entusiasmo e, outras vezes, são preguiçosos, desleixados e apáticos. (FREUD, ANNA: 1936, 99).



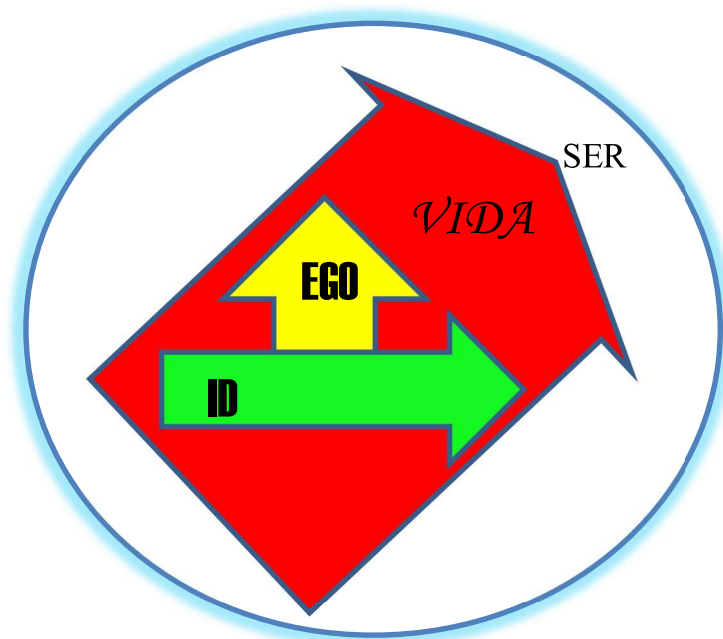
Há diferenças significativas entre os seres humanos, apesar de iniciarmos nossa jornada de vida igualmente, para alguns na fertilização e para outros no nascimento, sendo os seres portadores de DNA (ácido desoxirribonucleico), molécula que carrega uma mensagem genética, sendo fundamento da hereditariedade de uma geração para outra geração, posteriormente os demais fatores externos serão os protagonistas na formação do caráter.

A psicanálise não aceita o ponto de vista de que a vida sexual dos seres humanos começa na puberdade. De acordo com a nossa teoria, a vida sexual tem dois pontos de partida. Começa pela primeira vez no primeiro ano de vida. É no período sexual dos primeiros anos de infância, e não na puberdade, que se registram os passos cruciais no desenvolvimento, que se percorrem as importantes fases pré-genitais da organização sexual, que se desenvolvem e entram em ação as diversas pulsões componentes e são determinadas a normalidade ou anormalidade do indivíduo, a sua capacidade ou incapacidade de amor. (FREUD, ANNA: 1936, 100).

Compreender a evolução do ser humano fora do contexto de sua época poderá criar distorções na análise, sendo necessário, primeiramente, identificar claramente as etapas de desenvolvimento interno do ser e depois indexar aos fatores externos, permitindo interligar as pulsões do ser com os estímulos da sociedade que provocam conflitos continuamente.

Até agora, as obras psicanalíticas interessaram-se principalmente pelas *semelhanças* entre esses três períodos de turbulenta sexualidade na vida humana. Assemelham-se entre eles, sobretudo, nas relações quantitativas entre a força do ego e a das pulsões. Em cada caso - no primeiro período infantil, na puberdade e no dimatério um id relativamente forte defronta-se com um ego relativamente fraco. Assim, poderemos afirmar que se trata de períodos em que o id é vigoroso e o ego está debilitado. [...] Até agora, os autores psicanalíticos prestaram menos atenção

às *diferenças* entre esses períodos. Essas diferenças derivam do segundo fator na relação entre o id e o ego, a saber, a grande capacidade de transformação do ego humano. A imutabilidade do id é compensada pela mutabilidade do ego. (FREUD, ANNA: 1936, 101).



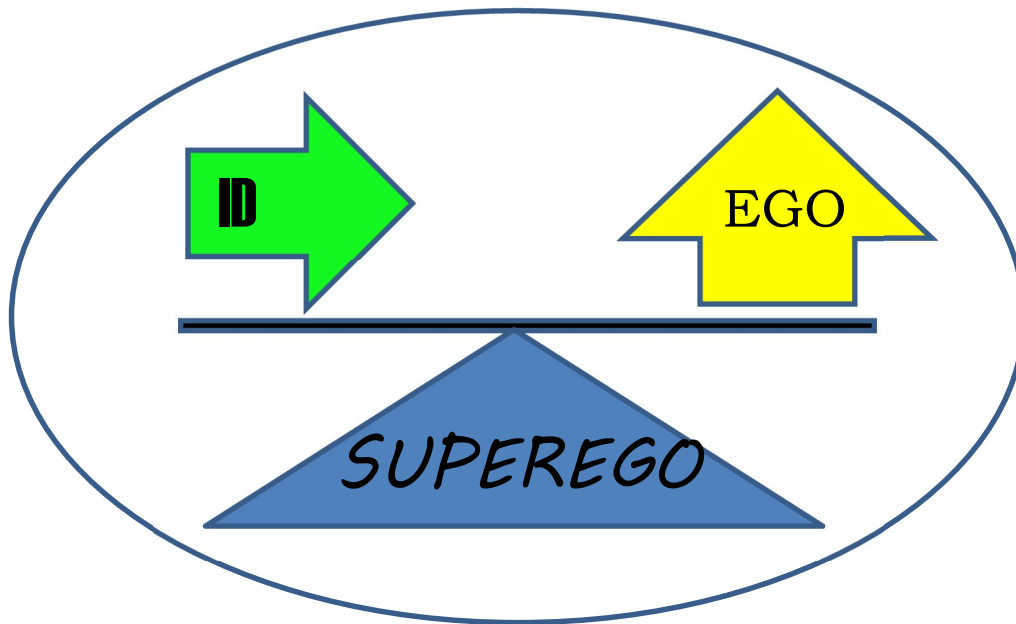
Desafios fazem parte da vida, sendo uma escolha individual encarar como ameaça ou oportunidade, mas independentemente da “escolha” irão ocorrer e deixarão marcas, para alguns superficiais e para outros profundas, podendo ser consideradas negativas para alguns e positivas para outros, ambas permitem – para alguns – acumular conhecimento diante das situações já vivenciadas para enfrentar o futuro, outros irão repetir os erros já cometidos no passado.

Se, nessa situação de conflito, o ego da criança se coloca do lado das influências externas, diz-se que a criança é “boa”. Se ficar do lado do id e luta contra as restrições impostas à gratificação pulsional pela educação, é “má” ou “traquina”. A ciência que se dedicou ao estudo metódico dessa oscilação do ego infantil entre o id e o mundo exterior é a pedagogia. Investiga os meios para tornar a aliança entre as forças educacionais e o ego ainda mais sólida e a luta comum para o domínio das pulsões ainda mais bem-sucedida. Mas, nas crianças, existe um conflito endopsíquico, fora do alcance da educação. O mundo exterior cedo estabelece uma representação na psique infantil, na forma de angústia objetiva. A ocorrência de tal angústia não constitui, por si só, prova da formação de uma instância superior - a consciência ou superego – dentro do ego, mas é sua precursora. (FREUD, ANNA: 1936, 102).

A busca pelo prazer nunca irá cessar durante toda a vida, causando conflitos permanentes internamente e/ou externos, sendo necessário buscar o equilíbrio dentro do contexto psicológico e social.

Pode-se dizer que o ego é “feito sob medida”, isto é, perfeitamente adaptado para manter o equilíbrio entre as duas forças: as solicitações urgentes da pulsão e as pressões exteriores. Consideramos terminado o primeiro período infantil quando essa parte da formação do ego atingiu um certo estágio. O ego assumiu a posição que pretende ocupar na sua batalha contra o id. Decidiu qual a proporção de gratificação e de renúncia pulsional que está disposto a consentir para a solução

dos vários conflitos. [...] Podemos dizer que um *modus vivendi* foi estabelecido entre o id e o ego, ao qual ambos aderirão daí em diante. (FREUD, ANNA: 1936, 103).



A sociedade, a escola e a família são formatadoras de “qualidades” absorvidas pelos seres humanos em todas as suas fases de vida, fato que tais qualidades podem ser percebidas como absurdas por gerações posteriores, mas sendo possível também o inverso, ou seja, gerações posteriores realizarem ações que seriam consideradas absurdas pelas gerações anteriores.

No curso de alguns anos, a situação se altera. [...] Cessa a dependência completa dos pais e a identificação começa ocupando o lugar do amor-objeto. Cada vez mais os princípios impostos à criança por seus pais e professores - seus desejos, requisitos e ideais - são introjetados. Na sua vida íntima, o mundo externo já não faz sentir-se unicamente na forma de angústia objetiva. [...] Estabeleceu dentro de seu ego uma instância permanente, na qual estão consubstanciadas as solicitações de todos os que rodeiam a criança: é o que chamamos de superego. [...] Tal como antes, é difícil determinar o montante de controle sobre as pulsões, adquirido durante o período de latência, que deve ser atribuído ao próprio ego - e até que ponto se deve à poderosa influência do superego. (FREUD, ANNA: 1936, 103).

Os seres humanos passam por transformações físicas em cada uma das fases de vida, causando impactos diferentes em cada um, seja pelo seu dna e/ou contexto cultural.

No começo, pouco há a relatar do lado do id. O intervalo entre a latência e a puberdade - o chamado período pré-puberal - é meramente preparatório para a maturidade física sexual. Até aí, nenhuma mudança qualitativa teve lugar na vida pulsional, mas a quantidade de energia pulsional aumentou. Esse incremento não se confina à vida sexual. Há mais libido à disposição do id e precede ao investimento, indiscriminadamente, de qualquer impulso do id que estiver ao seu alcance. (FREUD, ANNA: 1936, 104).



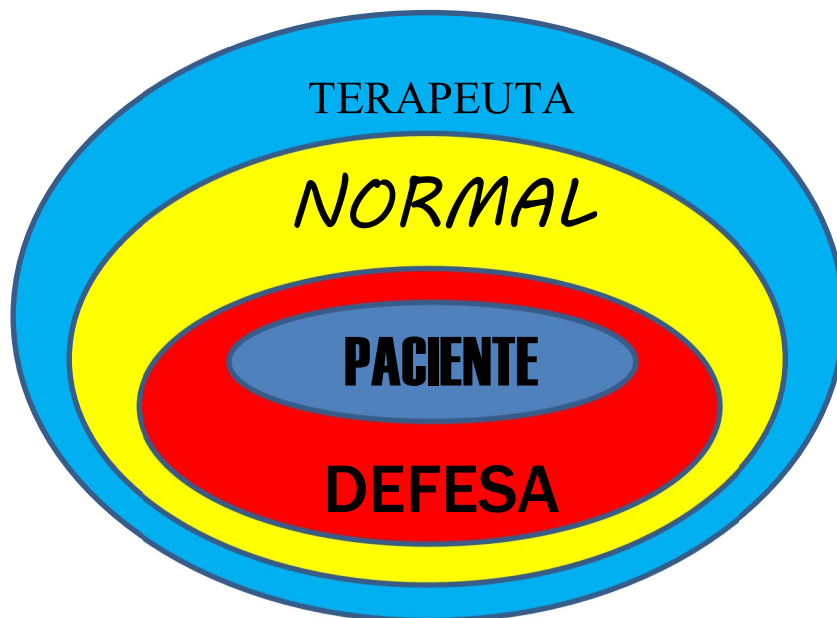
Abstenção ou alienação estão presentes em vários momentos de nossas vidas, ora podemos estar totalmente presos a algo específico que tudo mais perde a importância, ficamos tomados de uma pulsão de saciar um prazer ou fuga, ambos podem ocorrer de forma intensa e com sentido contrário tendo a adolescência seu momento peculiar.

Sempre foi reconhecido que as fases da vida humana em que se registra um incremento da libido são de uma importância imensa para a investigação analítica do id. [...] E igualmente importante focalizar a nossa atenção naqueles períodos de maior volume de libido, quando estudamos o ego. Como já vimos, o efeito indireto da intensificação das moções pulsionais é o redobrar de esforços do sujeito para dominar as pulsões. [...] Das várias atitudes que o ego pode adotar em relação à vida pulsional, existem duas, em particular, que, quando acentuadas na puberdade, impressionam o observador com renovada força e explicam algumas das peculiaridades desse período. Refiro-me ao ascetismo e à intelectualidade da adolescência. (FREUD, ANNA: 1936, 109).

Os mecanismos de defesa devem ser considerados como parte natural do ser, fato que haverá momentos que os mesmos podem ser associados aos transtornos anormais, gerando consequências dolorosas aos pacientes de terapeutas equivocados, inclusive podem também cometer o erro de não perceberem a ocorrência de escolhas filosóficas intencionais de comportamento, totalmente diferentes das patológicas.

Provavelmente, o aumento da quantidade de pulsão na puberdade e em outros períodos da vida, em que há um súbito afluxo de energia pulsional, acentua esse antagonismo primário em um grau tal que se converte em um específico e ativo mecanismo de defesa. Sendo assim, o ascetismo da puberdade deve ser interpretado não como uma série de atividades de recalçamento, qualitativamente

condicionadas, mas simplesmente uma manifestação da hostilidade inata entre o ego e as pulsões, a qual é indiscriminada, primária e primitiva. [...] Chegamos à conclusão de que, em períodos caracterizados por um afluxo de libido, as atitudes gerais do ego podem redundar em métodos de defesa definidos. Sendo assim, podem-se explicar outras mudanças que ocorrem no ego, durante a puberdade. (FREUD, ANNA: 1936, 112).



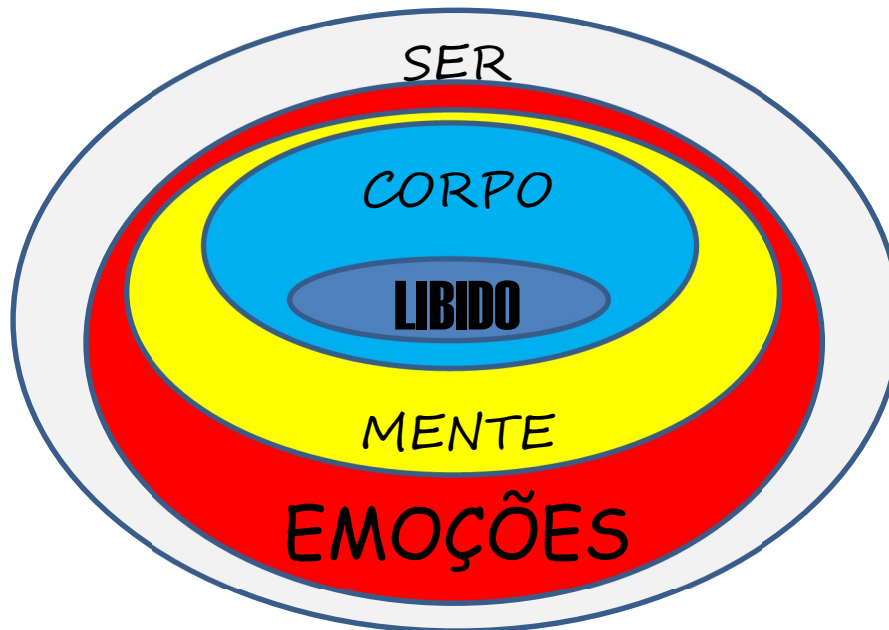
A ansiedade gera uma energia impositiva ao ser que busca analisar fatos e/ou situações que serão vivenciadas, provocando um estado de alerta para com a sua própria vida, estimulando a sua capacidade de pensar no seu futuro, inclusive poderá gerar mais benefícios que prejuízos, considerando prejuízo apenas quando causa grande dor e/ou interrompe o curso normal dos acontecimentos, como sofrer antes da hora.

A filosofia da vida que os jovens elaboram - poderá ser, por exemplo, a exigência de revolução no mundo exterior - constitui, realmente, a sua resposta à percepção das novas exigências pulsionais em seus próprios e respectivos ids, que ameaçam revolucionar sua vida. Seus ideais de amizade e eterna lealdade são, simplesmente, um reflexo da inquietude do ego, quando percebe o desvanecimento de todas as suas novas e apaixonadas relações com o objeto. A ânsia de orientação e apoio, na muitas vezes desesperada batalha contra suas próprias e poderosas pulsões, pode ser transformada em engenhosos argumentos sobre a incapacidade do homem para chegar a decisões políticas independentes. Vemos, pois, que os processos pulsionais são traduzidos em termos de intelecto. Mas a razão pela qual a atenção é assim focalizada nas pulsões está no fato de se realizar uma tentativa para dominá-las em um diferente nível psíquico. Recordamos que, na metapsicologia psicanalítica, a associação de afetos e processos pulsionais com ideias de palavras é considerada o primeiro e mais importante passo no sentido do domínio das pulsões. (FREUD, ANNA: 1936, 115).

Considerando que o ser é formado pelo corpo, mente e emoções haverá diversos estímulos para cada uma das partes, onde o corpo estará associado ao libido.

Nesse ponto, creio, talvez notemos uma descoberta secundária, para a qual somos levados por essa ordem de ideias. Se é certo que um incremento no investimento libidinal tem, invariavelmente, o efeito automático de fazer com que o ego redobre seus esforços para eliminar intelectualmente os processos pulsionais, então isso

explicaria o fato de o perigo pulsional tornar os seres humanos inteligentes. Nos períodos de calma da vida pulsional, quando não existe perigo, o indivíduo pode permitir-se um certo grau de estupidez. (FREUD, ANNA: 1936, 116).

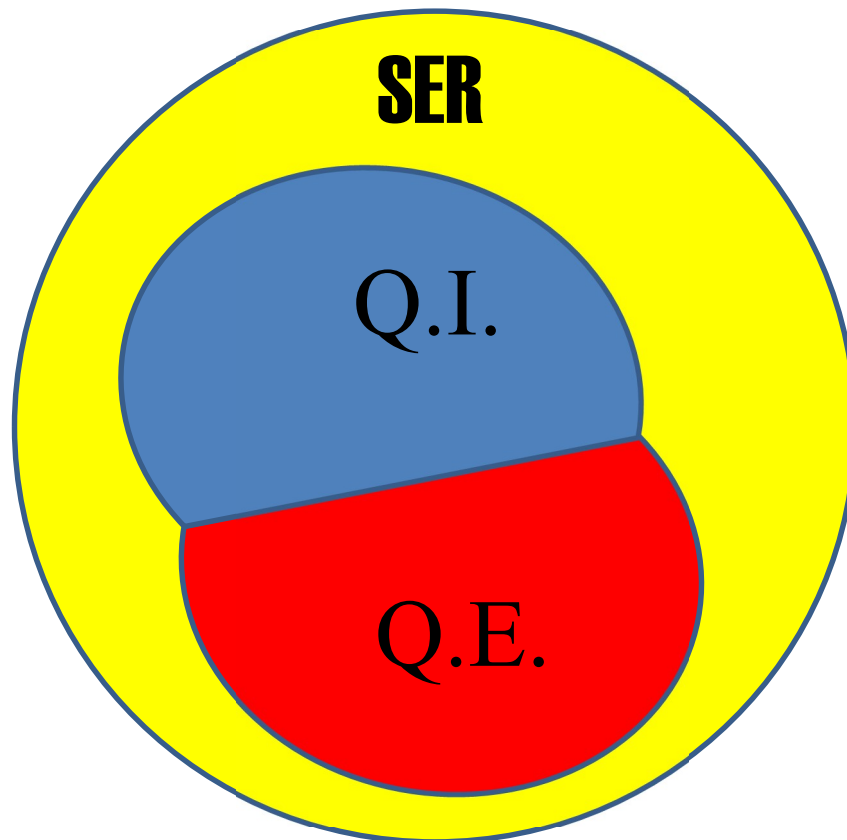


Qualquer situação de ocorrência anormal poderá ser chamada de doença, fato que dependerá do contexto para sua denominação.

Em minha descrição da puberdade, comparei tantas vezes as características próprias desse período com os fenômenos de uma grave doença (embora este estudo não pretenda ser completo e esgotar o problema), que talvez deva dizer uma palavra sobre a normalidade ou anormalidade dos processos que ocorrem durante essa fase. (FREUD, ANNA: 1936, 120).

A inteligência poderá ser percebida e/ou reconhecida em diferentes aspectos, seja no comportamento emocional de quem responde, na profundidade dos fundamentos oferecidos, na plasticidade dos elementos utilizados, na elegância e sutileza das palavras e várias outras possibilidades, fato que em todos haverá inteligência com gradações específicas que irão variar com o tempo e/ou contexto.

Mas se a atitude ascética for rigorosamente mantida, se o processo de intelectualização invadir todo o campo da vida mental e as relações com outras pessoas basearem-se exclusivamente em sucessivas identificações, será difícil, para um professor ou analista, decidir pela observação de até que ponto poderá ser considerada uma fase transitória no desenvolvimento normal ou até que ponto já é patológica. (FREUD, ANNA: 1936, 121).



As pessoas possuem naturezas diferentes, podendo ser descritas, para alguns, bastando informar a data de nascimento, onde o signo será revelador. O signo nunca irá mudar, mas a personalidade estará em constante evolução diante das diversas etapas do crescimento fisiológico e mental.

Essa comparação dos processos paralelos sugere estas perguntas: de onde é que o ego deriva a forma de seus mecanismos de defesa? Será a luta com as forças externas vazada nos moldes do conflito com as pulsões? Ou será o caso inverso: as medidas adotadas na luta externa serão o protótipo dos vários mecanismos de defesa? A decisão entre essas duas alternativas dificilmente poderá ser direta. (FREUD, ANNA: 1936, 124).

O comportamento de defesa é natural do ser, principalmente quando se sente atacado, sendo um aspecto instintivo de sobrevivência.

A existência de sintomas neuróticos indica-nos que o ego foi sobrepujado e cada retorno de impulsos recalçados, com seu reflexo na formação de compromisso, mostra que um certo plano de defesa abortou e o ego sofreu uma derrota. Mas o ego sai vencedor, quando as suas medidas defensivas atingem seus propósitos, isto é, quando habilitam o ego a restringir o desenvolvimento de angústia e “dor”, transformando as pulsões de modo que, mesmo em circunstâncias difíceis, uma certa medida de gratificação seja obtida; assim, se estabelecem as relações mais harmoniosas possíveis entre o id, o superego e as forças do mundo externo. (FREUD, ANNA: 1936, 124).



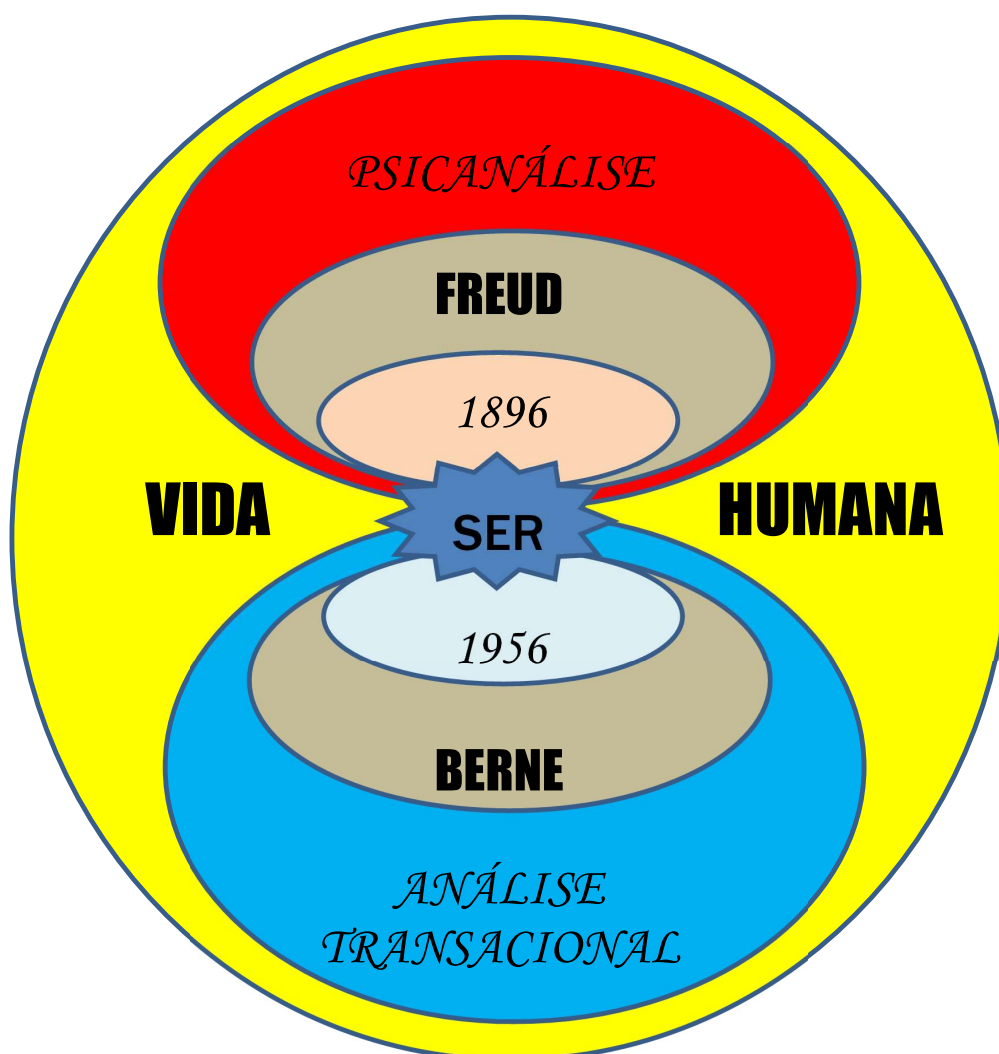
CAPÍTULO 4

JOGOS DA VIDA

Os jogos fazem parte da vida, ganhar e perder são possibilidades ao final de cada partida quando considerados apenas os objetivos materiais delimitados pelas regras do jogo, na vida seriam as regras sociais, tendo como melhor representante o superego.

Os jogos da vida foram pesquisados por diversos profissionais, cabendo destacar Eric Berne, nascido em 10/05/1910 em Montreal no Canadá, recebendo como nome de batismo Eric Lennard Bernstein, formaria em medicina em 1935, posteriormente mudaria para a Califórnia – Estados Unidos, trabalhando no exército como forma de obter seu visto permanente no país, fato que tomaria contato com milhares de soldados que estavam seguindo para o campo de batalha na II Grande Guerra Mundial, terminaria somente em 1945.

Em 1956, após anos de pesquisa intensa na compreensão dos aspectos psicológicos, o Dr. Eric Berne apresenta um relatório de pesquisa em banca, etapa obrigatório para novos membros da Associação de Psicanálise Americana, sendo rejeitado por apresentar revelações que contrariavam os princípios vigentes na época, sendo marco do nascimento e independência da Análise Transacional.

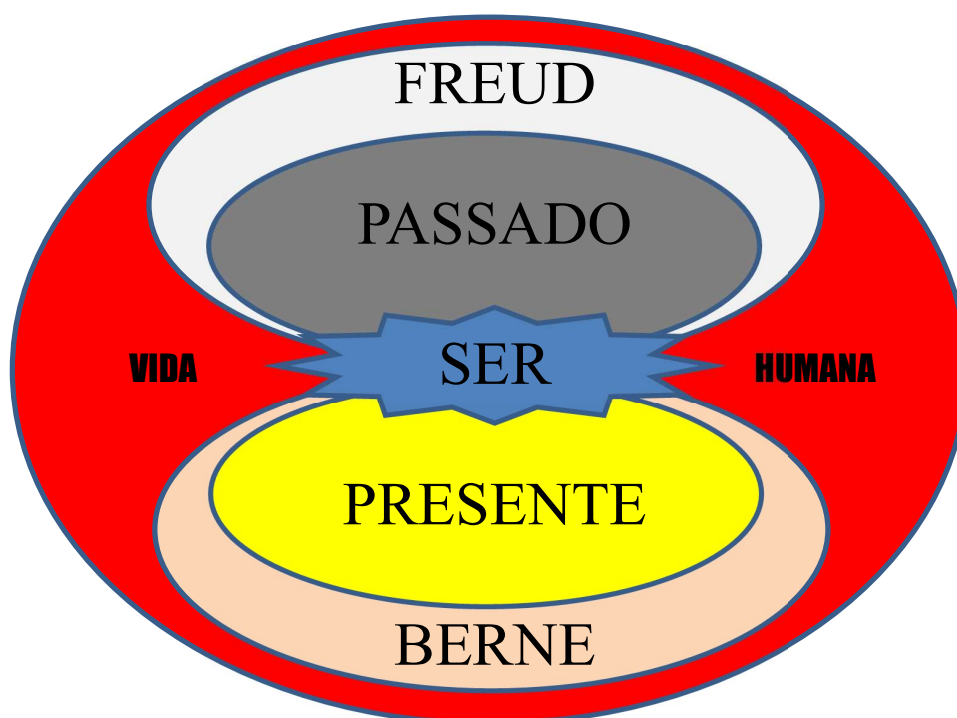


Neste momento merece realizar um destaque especial ao texto escrito por Eric Berne no início do livro “Jogos da Vida”, sendo escrito “Aos meus pacientes e alunos, que muito me ensinaram e ainda me ensinam, a respeito dos jogos e do significado da vida”, demonstrando um profundo estado de interesse na aprendizagem contínua com outros, inclusive como fundamento para encontrar sentido na sua própria existência.

A análise de jogos transacionais deve ser claramente separada da análise matemática de jogos, ciência que se torna cada vez mais importante, embora uns poucos termos usados no texto, tais como “recompensa”, sejam agora respeitavelmente matemáticos. (BERNE: 1977, 13).

Lembrando que Freud formatou a abordagem da “Associação Livre” como ferramenta da Psicanálise para extrair pistas do histórico de vida, posteriormente, compreender o ser humano (paciente) no estado presente, sendo que Berne caminha no sentido contrário, utilizando a “Análise Transacional” para identificar – no presente – comportamentos de “Pai, Adulto e Criança”, posteriormente, compreender suas influências e/ou origens, desta forma o diagnóstico de Berne é prático, direto, simples e instantâneo, dando um “empurrão” na evolução do ser (paciente).

A preocupação do psiquiatra social no assunto centraliza-se no que acontece depois que a criança é separada de sua mãe, no decurso normal do crescimento. O que foi dito até agora pode ser resumido pelo dito popular: “O melhor para se ir em frente é um bom empurrão”. Assim, depois que o período de estreita intimidade com a mãe termina, o indivíduo se defronta pelo resto de sua vida com um dilema diante do qual seu destino e sua sobrevivência estarão continuamente em jogo. Um dos aspectos deste dilema é representado pelas forças sociais, psicológicas e biológicas que se interpõem à continuação da intimidade física no estilo infantil. O outro, pela sua perpétua luta para consegui-la de volta. Na maioria das vezes será necessária uma posição intermediária. Ele aprenderá a se satisfazer com formas de contato físico mais sutis e mesmo simbólicas. (BERNE: 1977, 18).



A Análise Transaccional delimita os comportamentos apenas em 3 estado de ego, sendo o “pai” uma transferência de atitudes reproduzidas pelos seu “principal” responsável (pai, mãe, avós, tios e etc) de sua criação (maior influenciador), o “adulto” oferece respostas com base na racionalidade adquirida (conhecimento e maturidade), por fim a “criança” que reproduz – agora já adulto – o mesmo comportamento na sua fase inicial de vida.

A medida que as complexidades da vida aumentam, é este anseio de reconhecimento que faz com que as pessoas vão se tornando cada vez mais diferentes umas das outras. [...] Uma troca de estímulos constitui uma transação, que é por sua vez a unidade básica do relacionamento social. No que diz respeito à teoria dos jogos, o princípio que aqui emerge é o de que qualquer relacionamento social representa uma vantagem sobre a ausência de relacionamento. (BERNE: 1977, 19).

O passar dos anos faz as pessoas acumularem diversas coisas tangíveis e intangíveis, algumas foram intencionalmente escolhidas, outras não, cabendo inclusive investigar quais foram influenciadas para moldar nosso comportamento (reflexo das mesmas), ao final – desta análise – o resultado poderá ser totalmente diferente da premissa tido como verdadeira inicialmente, onde a vida foi um jogo de soma zero, até este momento.

Tanto a vida em família como a vida conjugal e ainda a vida em diversas organizações, podem ser baseadas continuamente em variações de um ou mais jogos. Dizer que a maior parte da atividade social consiste em jogar jogos não significa que essa atividade seja necessariamente divertida, ou que as partes envolvidas não estejam seriamente engajadas no seu relacionamento. [...] Deste modo, chamar comportamentos trágicos como suicídio, alcoolismo, delinquência, esquizofrenia ou toxicomania de “jogos” não é uma decisão irresponsável, uma brincadeira uma barbaridade”. (BERNE: 1977, 21).

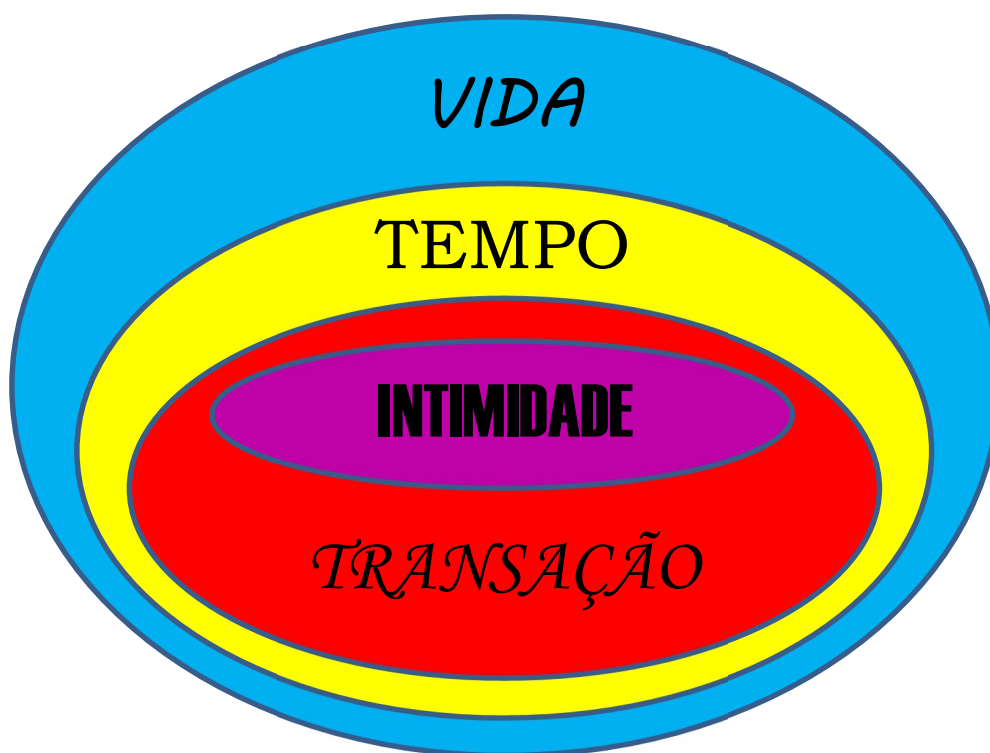


Os estímulos possibilitam aos seres oferecerem respostas, permitindo criar atração ou afastamento, prazer ou desprazer, amabilidade ou hostilidade, sendo formadores do caráter que será fortalecido com o passar dos anos.

Passatempos e jogos constituem na verdade um mero substituto do ato de viver a verdadeira intimidade. Por este motivo, podem ser considerados mais como escaramuças do que como uniões reais e significativas. A intimidade se inicia quando a programação individual (geralmente instintiva) se torna mais importante. A verdadeira intimidade é a única resposta completamente satisfatória aos anseios de estímulos, reconhecimento e estruturação do tempo. Seu protótipo é o ato de fecundar com amor. (BERNE: 1977, 22).

A necessidade de não ficar sozinho está estimulando as pessoas a participarem de grupos, tendo como objetivo pertencerem a uma comunidade, apesar dos inúmeros estímulos externos que as comunidades produzem, poderá estar – individualmente – cada dia mais solitário, onde o seu eu é uma reprodução do “eu” coletivo.

O indivíduo solitário pode estruturar o tempo de dois modos: através da atividade e através da fantasia. Pode-se permanecer solitário mesmo na presença dos outros. Quando se integra um conjunto social de duas ou mais pessoas, há diversas opções para estruturar o tempo. Em ordem de complexidade, elas são: 1) rituais; 2) passatempos; 3) jogos; 4) intimidade; e 5) atividade. O objetivo de cada membro desse conjunto social é auferir tantas satisfações quanto for possível de suas transações com os outros. Quanto mais sociável ele for, maior número de satisfações poderá obter. (BERNE: 1977, 22).



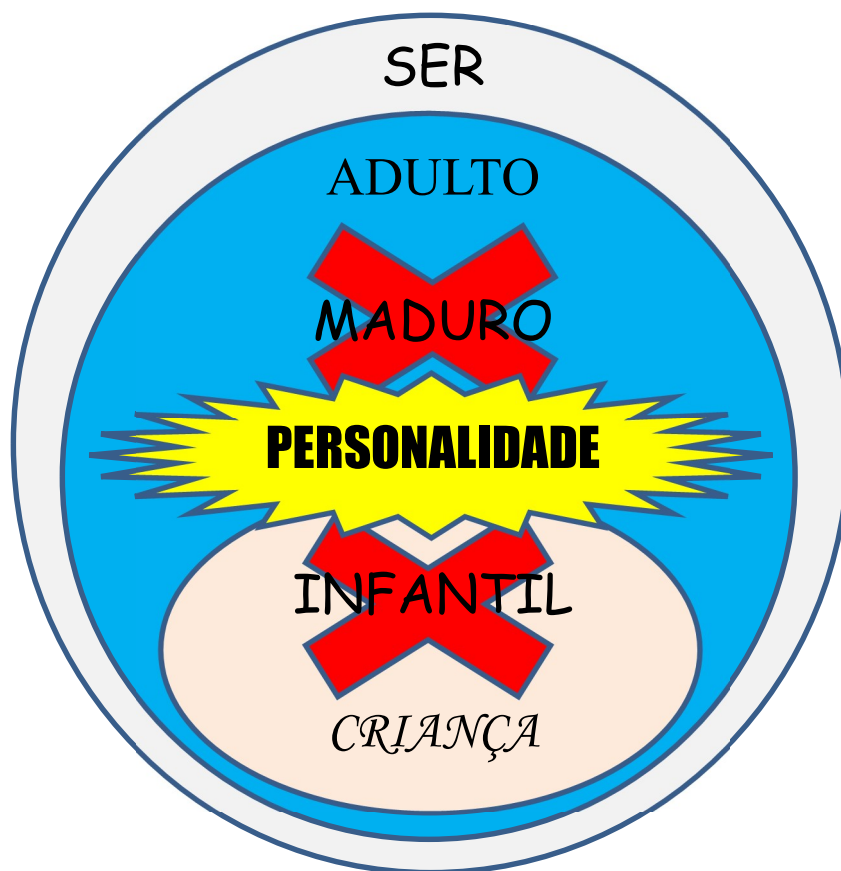
O ego para Berne poderá ser percebido como “estado”, fato que este poderá assumir comportamentos diferentes conforme a situação e/ou contexto. O mesmo varia entre os estados denominados de “Pai, Adulto e Criança”, independente da idade da pessoa,

ou seja, mais novos com comportamento de adulto e os mais velhos com comportamento de criança.

A palavra “infantil” não será empregada por ter conotações de indesejabilidade, de algo de que a pessoa tem que se livrar. Qualquer outra expressão, como por exemplo “próprio de um menino (ou menina)” será preferível ao se descrever a Criança (um estado arcaico do ego), desde que esta expressão não denuncie um preconceito. Na verdade, a Criança é, de muitos modos, a parte mais valiosa da personalidade, e pode contribuir para a vida do indivíduo, exatamente como uma criança de verdade pode contribuir para a vida da família: com encanto, prazer e criatividade. Se a Criança de um indivíduo está confusa e doente, as consequências podem ser desastrosas. (BERNE: 1977, 27).

A palavra maturidade está – geralmente – relacionada a vida das pessoas, principalmente tomando como base a idade cronológica, anos de vida após o nascimento, onde as pessoas maduras são as com maior idade, nada interligado aos seus comportamentos e/ou consciência.

O mesmo se aplica às palavras “maduro” e “imaturado”. Neste sistema não há tal coisa como uma “pessoa imatura”. Há apenas pessoas em que a Criança predomina de forma não apropriada ou inadequada, mas todas elas têm um Adulto complexo e bem estruturado que necessita apenas ser descoberto ou ativado. Por outro lado, as pessoas chamadas de “madura” são as capazes de conservar seu Adulto predominando a maior parte do tempo. No entanto, mesmo nelas, haverá ocasiões em que sua Criança assumirá o controle, e frequentemente com resultados desconcertantes. (BERNE: 1977, 28).

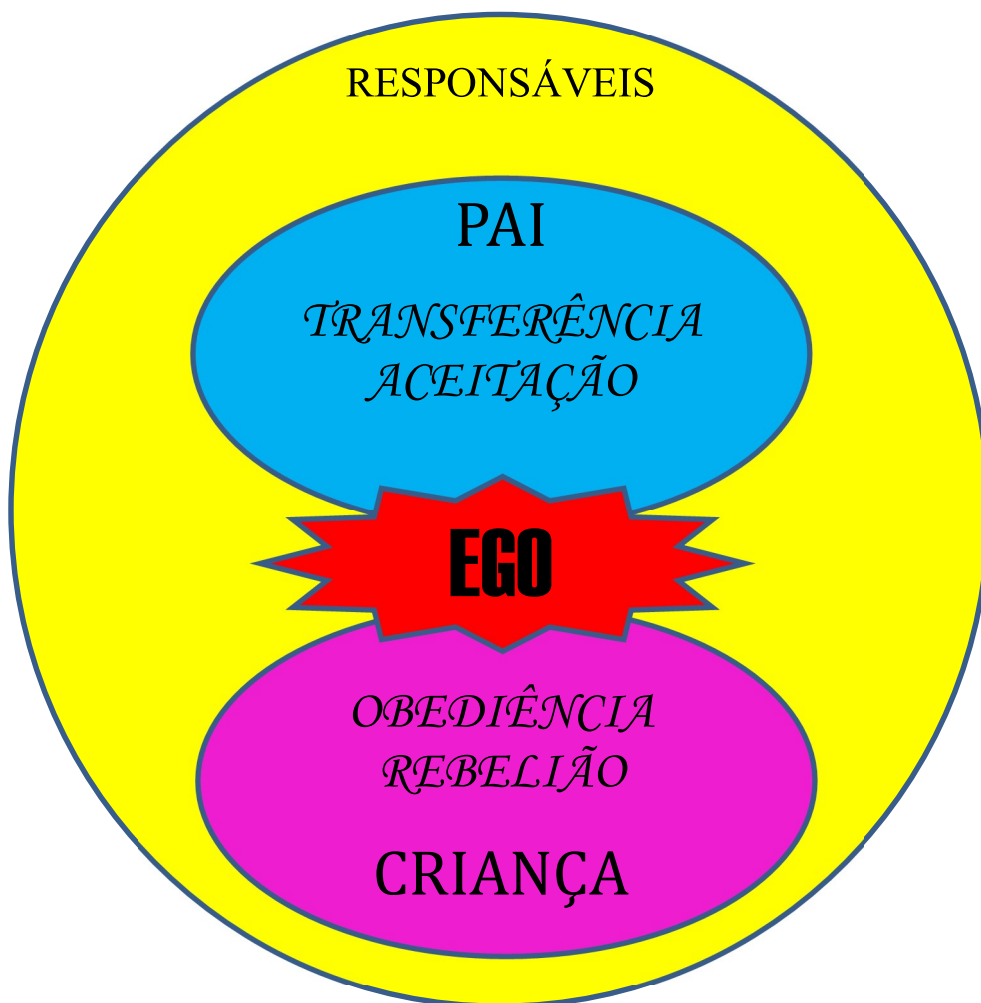


O Pai é um estado de ego, sendo uma resposta de transferência do indivíduo aos comportamentos que passou sob carga de seus responsáveis, ora sendo reproduzidos igualmente conforme eram recebidos ou respondendo aos seus (dos responsáveis) anseios.

Deve-se notar que o Pai aparece de duas formas, direta e indireta: como um ativo estado do ego, e como uma influência. Quando é diretamente ativo, a pessoa reage como seu pai (ou mãe) realmente reagiria (“faça como eu”). Quando é uma influência indireta, o indivíduo reage do modo que seus pais desejariam que reagisse (“não faça como eu faço, e sim como digo”). No primeiro caso, a pessoa se torna um deles, no segundo, adapta-se às suas exigências. (BERNE: 1977, 28).

A Criança é um estado de ego, oferecendo respostas de comportamento dependente, onde ela (criança) seria o efeito do tratamento recebido pelos seus responsáveis (a causa), ou independente, onde a natureza segue seu curso natural, conforme as fases da vida onde haverá momentos de conflito.

A Criança também se evidencia de duas formas: a Criança adaptada e a Criança natural. A adaptada é a que modifica sua conduta sob a influência do Pai. Comportar-se como o pai (ou mãe) queria: de forma obediente, ou de modo precoce, por exemplo. Ou então o indivíduo se adapta cedendo e chorando. Assim, a influência do Pai é uma causa, e a Criança adaptada um efeito. A Criança natural é uma expressão espontânea: rebelião ou criatividade, por exemplo. (BERNE: 1977, 28).

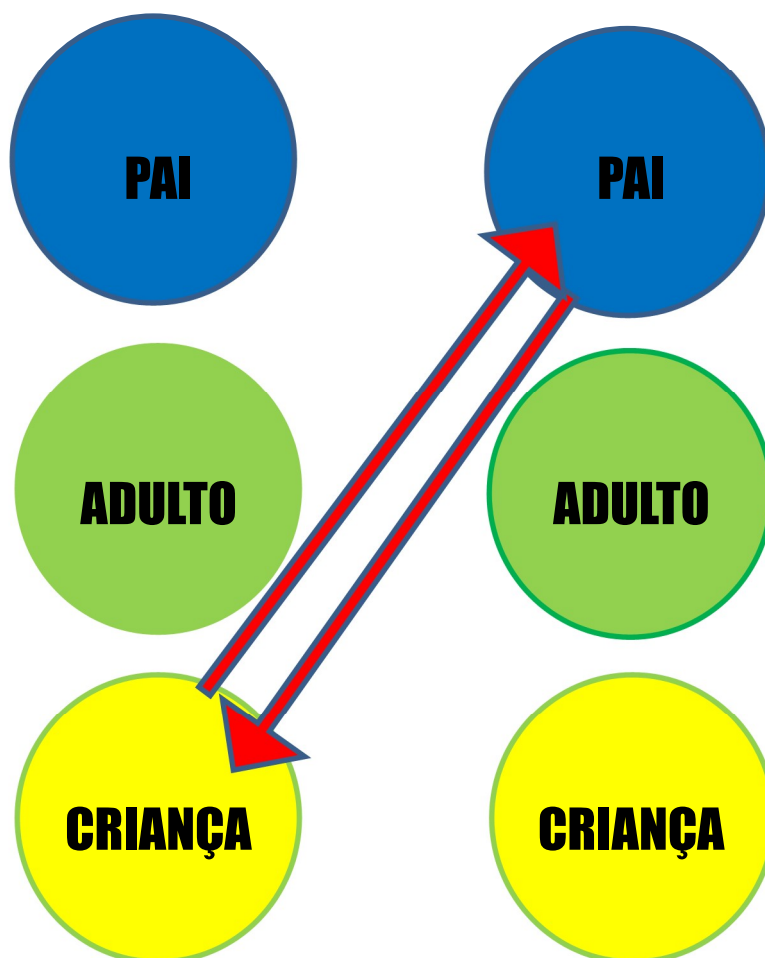


O ser humano durante sua vida irá passar por diferentes fases, independentemente do local e das circunstâncias, estará em permanente mudança, podendo ser mais intensas conforme os estímulos de seu entorno.

A unidade das relações sociais é chamada de “transação”. Se duas ou mais pessoas se encontram numa reunião de caráter social, mais cedo ou mais tarde uma delas irá falar, ou dará qualquer indicação de ter se inteirado da presença das outras. Isto é chamado de estímulo transacional. Outra pessoa então irá dizer ou fazer qualquer coisa relacionada de algum modo com aquele estímulo, e isto é chamado de resposta transacional. (BERNE: 1977, 30).

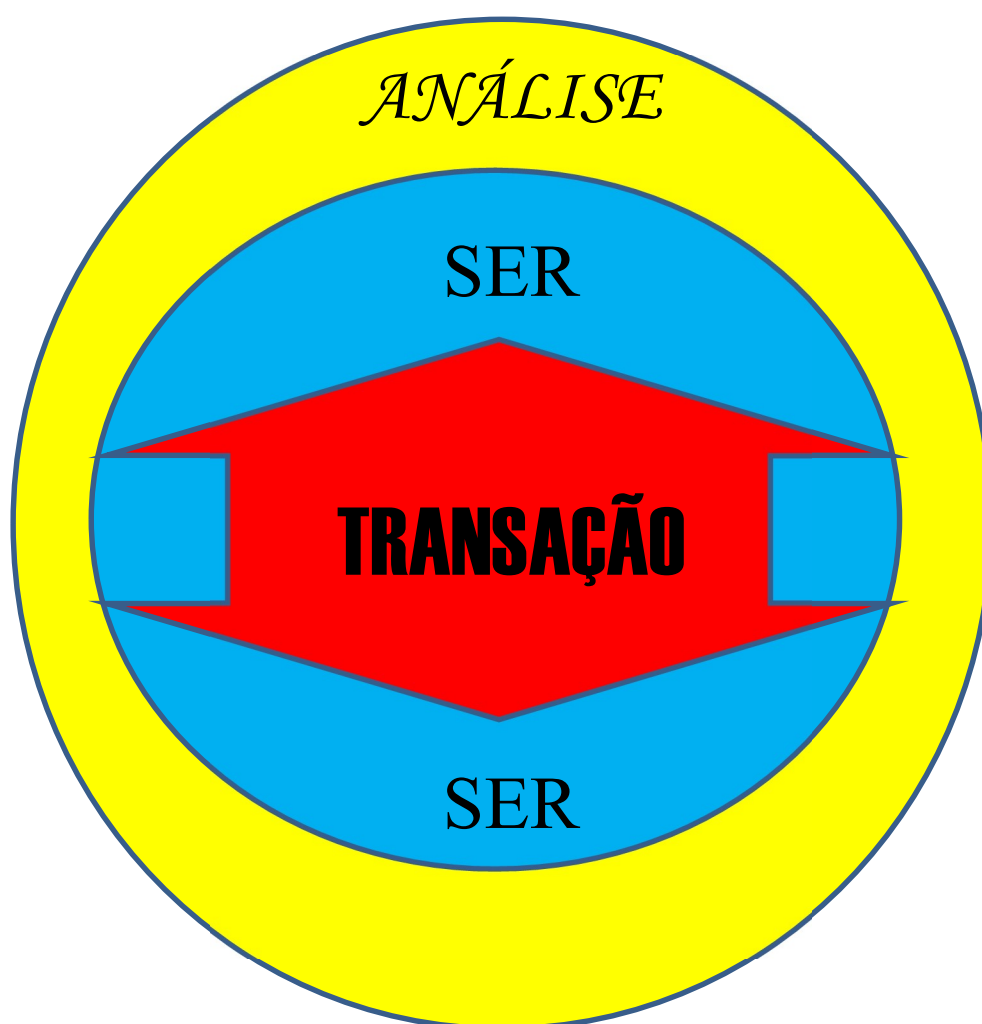
Há estímulos transacionais poderosos sem usar nenhuma palavra, basta apenas um gesto com as mãos (acenar), com a cabeça (para baixo), com os olhos (pisar) e etc para chamar a atenção de outra pessoa que responderá verbalmente ou não, dando início a comunicação.

É evidente, no entanto, que as transações tendem a ocorrer em cadeia, onde cada reação, por sua vez, funciona também como estímulo. A primeira regra da comunicação é que ela se processará enquanto as transações forem complementares, consequentemente, enquanto as transações forem complementares, a comunicação poderá, em princípio, prosseguir indefinidamente. Estas regras são independentes da natureza e do conteúdo das transações. (BERNE: 1977, 31).



As transações complementares podem ser classificadas em dois tipos: tipo 1 quando ocorrem no mesmo estágio de ego, pai-pai, adulto-adulto e criança-criança; tipo 2 quando ocorrem em diferentes estágios de ego, pai-adulto, pai-criança e adulto-criança. Na figura anterior foi apresentado um exemplo de transação complementar de pai-criança, tipo 2, sendo equivalente a criança-pai, fato que a ordem estará conforme a sequência da ação, onde o primeiro será quem realizou o estímulo e o segundo quem respondeu, lembrando que estes estágios de ego (pai-criança) são totalmente independentes da idade cronológica, ou seja, ambas as pessoas podem ter a mesma idade e nenhum parentesco.

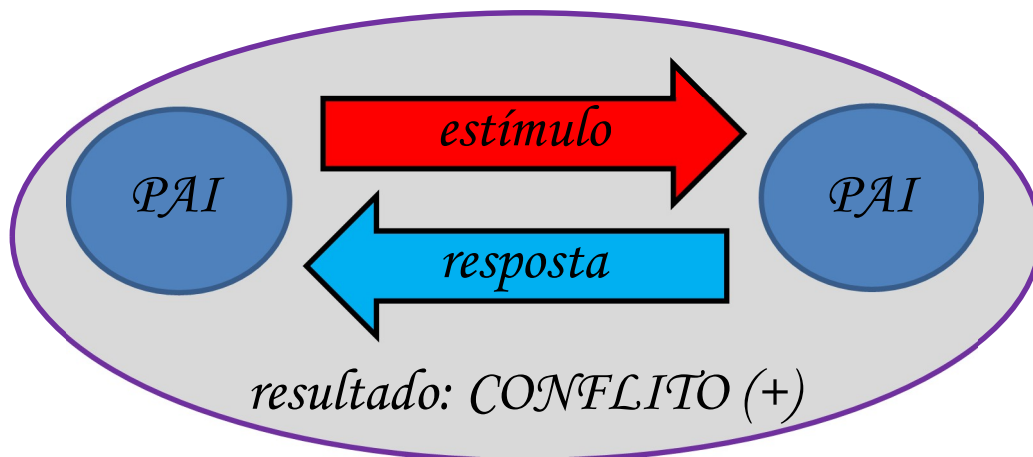
Quando aplicamos a Análise Transacional para compreender as relações humanas dentro da família, no trabalho, na escola e nos diferentes lugares onde ocorra uma comunicação entre duas ou mais pessoas, iremos perceber os diferentes estágios de ego pertinente a cada uma das pessoas envolvidas, sendo revelador este diagnóstico, capaz de melhorias significativas nas relações sociais, pacificando os sentimentos de forma imediata, sendo uma demonstração inequívoca do interesse de BERNE em salvar vidas e criar um mundo pacífico.



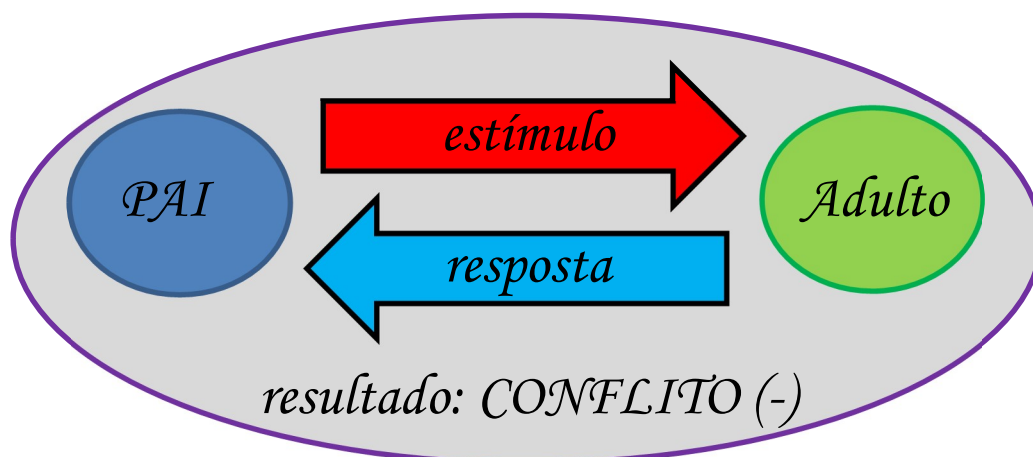
4.1 JOGO DA VIDA ENTRE CHEFE E SUBORDINADO

Considere um ambiente de trabalho onde existe uma hierarquia, sendo que um superior (X) possui autoridade para mandar em uma pessoa (Y) que está abaixo.

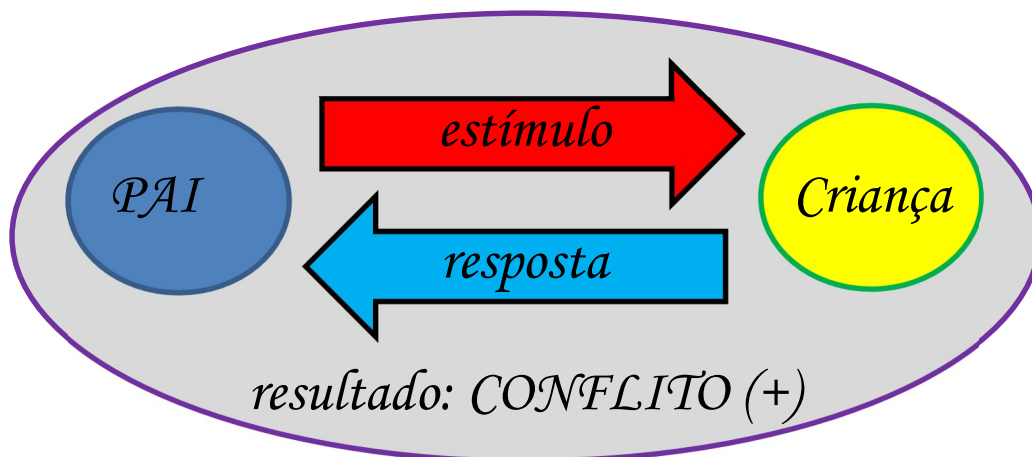
Na situação pai-pai (A) o superior (X) fala “quem manda aqui sou eu” e o subordinado (Y) responde “vamos ver quem manda”;



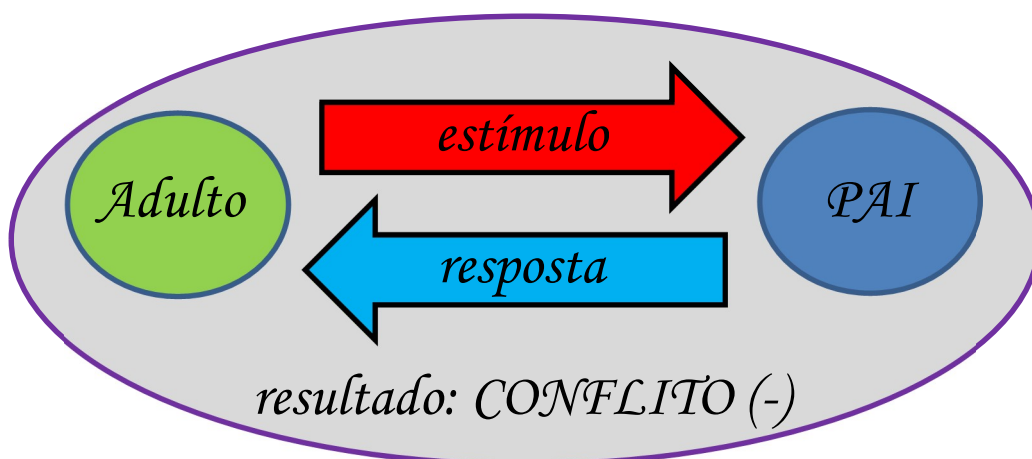
Na situação pai-adulto (B) o superior (X) fala “quem manda aqui sou eu” e o subordinado (Y) responde “recomendo divulgar entre os colaboradores o organograma da empresa, irá facilitar o cumprimento imediato das ordens”;



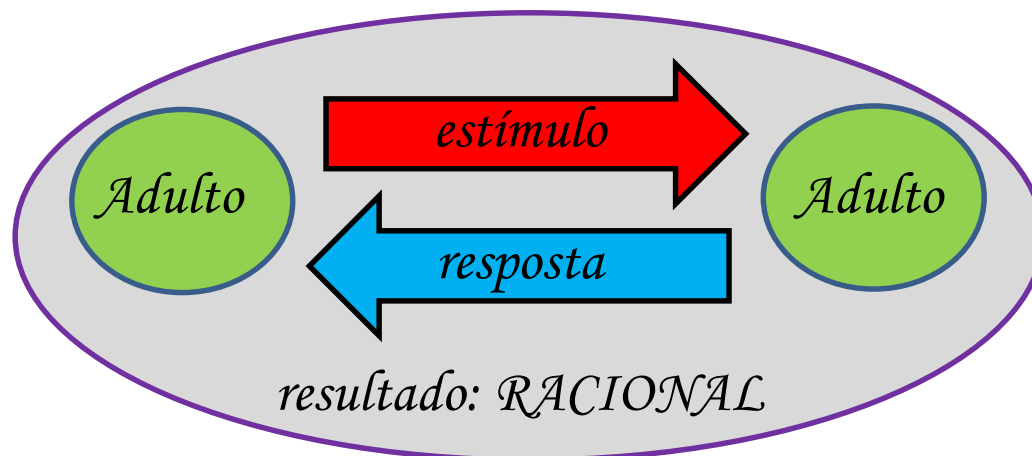
Na situação pai-criança (C) o superior (X) fala “quem manda aqui sou eu” e o subordinado (Y) responde “então terá que me pegar”;



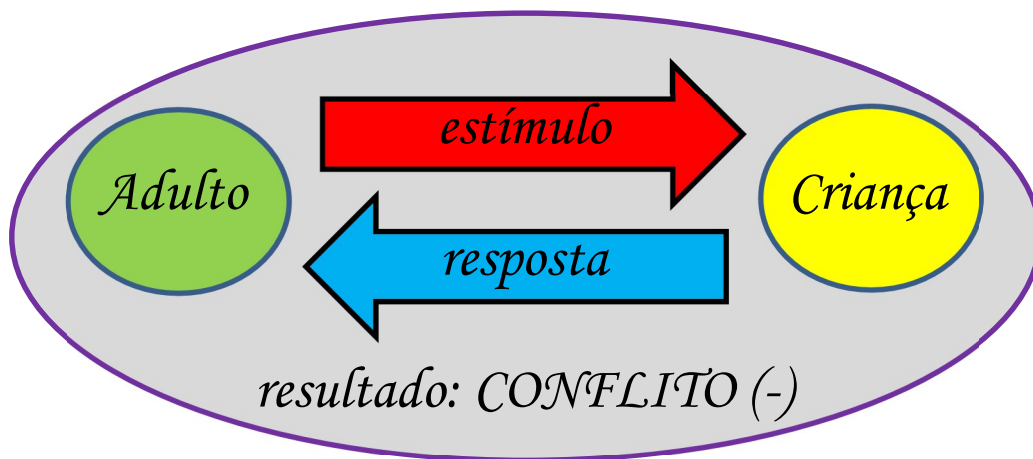
Na situação adulto-pai (D) o superior (X) fala “temos que seguir as normas” e o subordinado (Y) responde “vamos ver quem me obriga”;



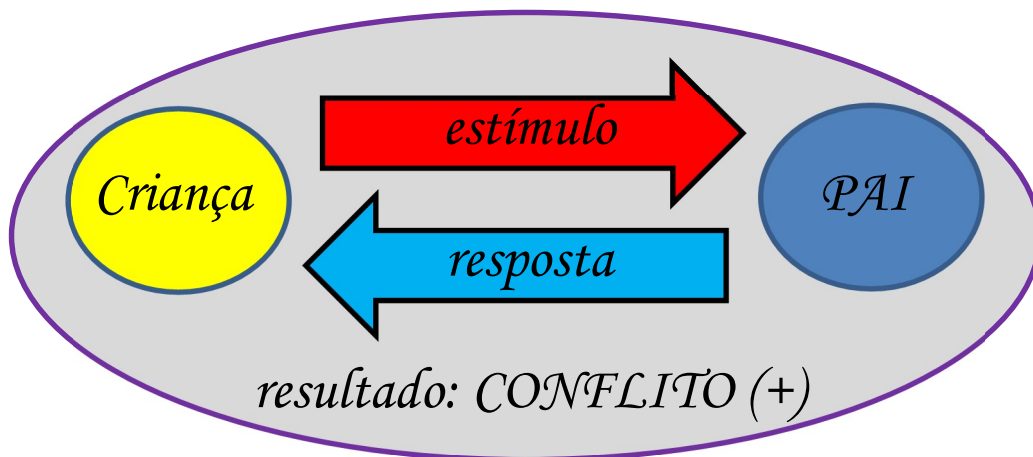
Na situação adulto-adulto (E) o superior (X) fala “temos que seguir as normas” e o subordinado (Y) responde “vamos seguir as normas, mas propor mudanças”.



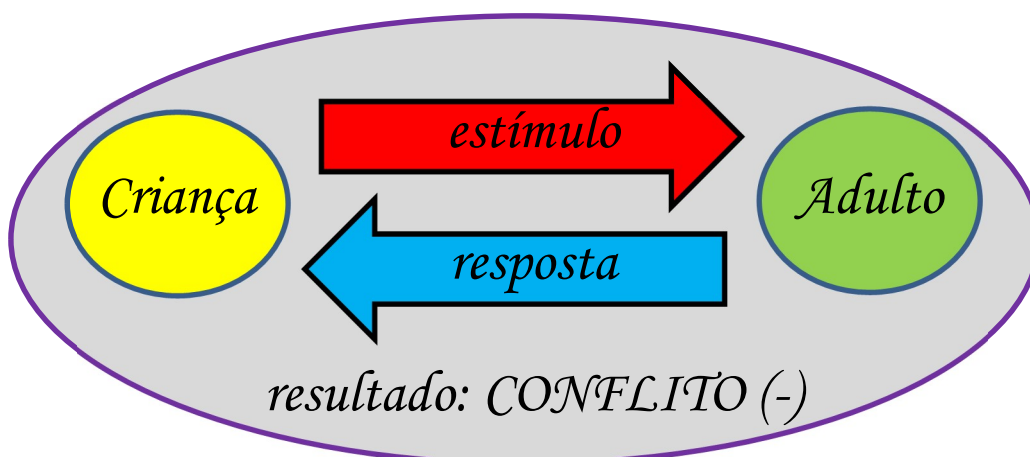
Na situação adulto-criança (F) o superior (X) fala “temos que seguir as normas” e o subordinado (Y) responde “essas normas estão erradas”.



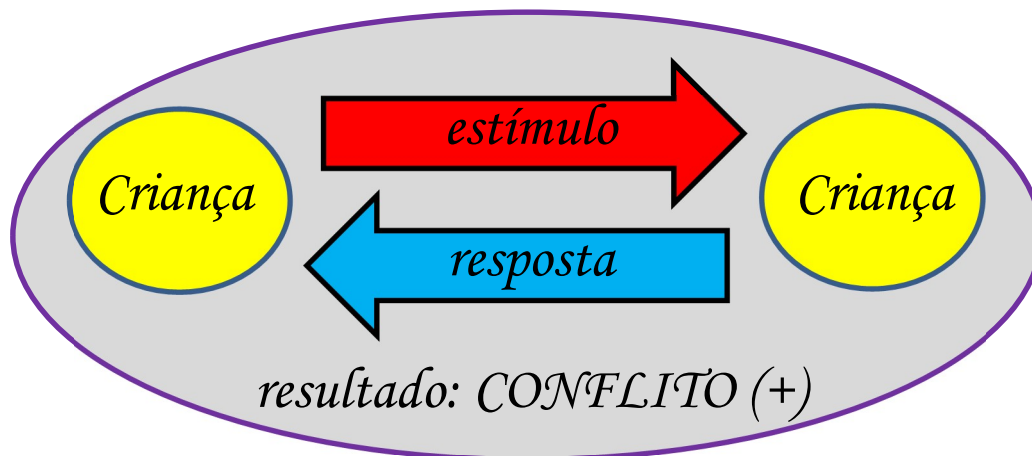
Na situação criança-pai (G) o superior (X) fala “irei descontar do seu salário tudo que fizer de errado” e o subordinado (Y) responde “farei da maneira que eu considero a melhor”;



Na situação criança-criança (H) o superior (X) fala “irei descontar do seu salário tudo que fizer de errado” e o subordinado (Y) responde “primeiro recomendo descobrir quem errou, e principalmente a aprendizagem alcançada posteriormente”;



Na situação criança-criança (I) o superior (X) fala “irei descontar do seu salário tudo que fizer de errado” e o subordinado (Y) responde “primeiro terá que descobrir quem errou”;



Nas figuras anteriores, todas representando a comunicação entre CHEFE e SUBORDINADO, sendo que o chefe (X) gera o estímulo e o subordinado responde (Y), podemos identificar:

- 1) nas situações “A, C, G e I” o conflito será maior, pois inexistente entre o chefe e o subordinado algum com estado de ego adulto, ou seja:
pai-pai;
pai-criança;
criança-pai; e
criança-criança.
- 2) nas situações “B, D, F e H” o conflito será menor, pois existe uma pessoa com estado de ego adulto, ou seja:
pai-adulto;
criança-adulto;
adulto-pai; e
adulto-criança.
- 3) na situação E haverá racionalidade, pois chefe e subordinado estão com estado de ego adulto, sendo possível dialogar sem conflito egoico, imperando a racionalização, ou seja:
adulto-adulto.

A palavra conflito maior (situações A, C, G e I) e conflito menor (B, D, F e H) apresentam o resultado da comunicação entre pessoas, onde a somatória é 89% das possibilidades, e a racionalidade apenas 11% (situação E), fato que explica em parte os problemas da humanidade, tomando como base a comunicação entre pessoas.

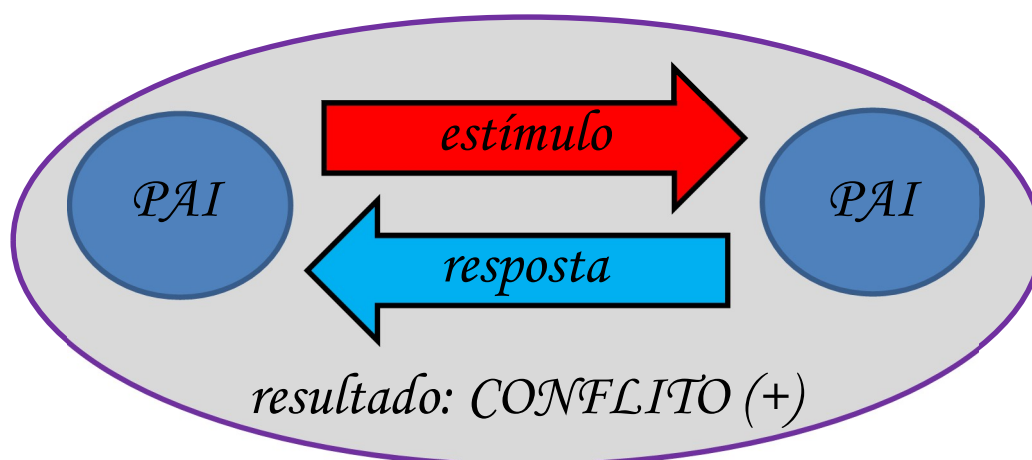
Os estados egoicos, pai, adulto e criança, criados por Eric Berne são totalmente independentes do caráter da pessoa, ou seja, a pessoa no estado adulto é racional, sendo mais equilibrada quando comparada entre os demais (pai e criança), isto significa apenas

que suas relações sociais com outra pessoa e/ou comunidade terá uma comunicação dialogada, sem nenhuma relação direta com sua postura ética.

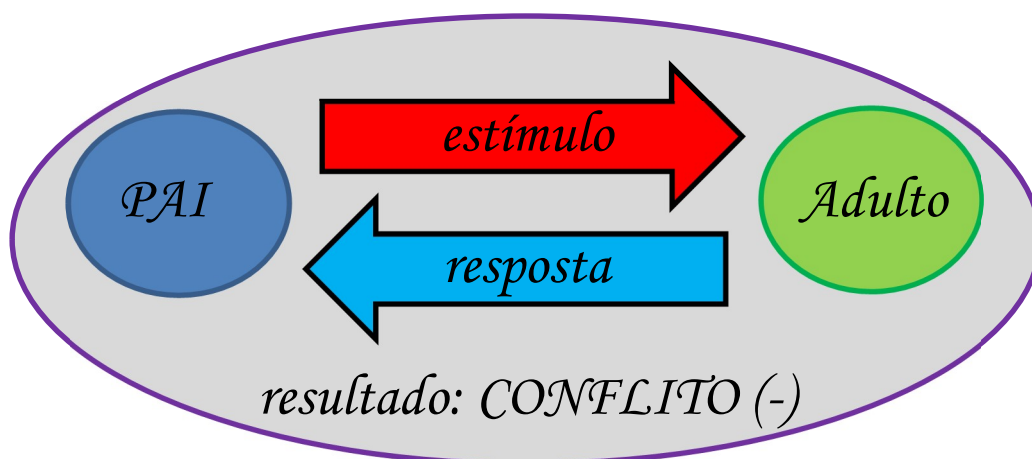
4.2 JOGO DA VIDA ENTRE UM CASAL

Considere agora a aplicação da Análise Transacional no contexto familiar, tomando como base um casal mais uma criança, havendo dois seres humanos formando o casal (X e Y) e outro ser humano dependente (W), a seguir iremos analisar apenas a comunicação dos responsáveis (casal) focados no melhor para o ser humano dependente deles.

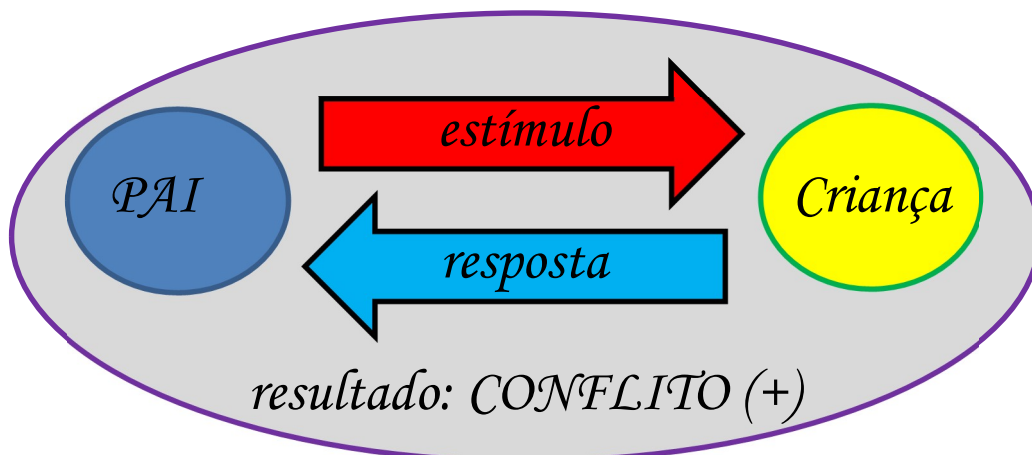
Na situação pai-pai (A) a pessoa X fala “está na hora dele estudar” e a pessoa Y responde “deixa ele em paz, depois ele estuda”.



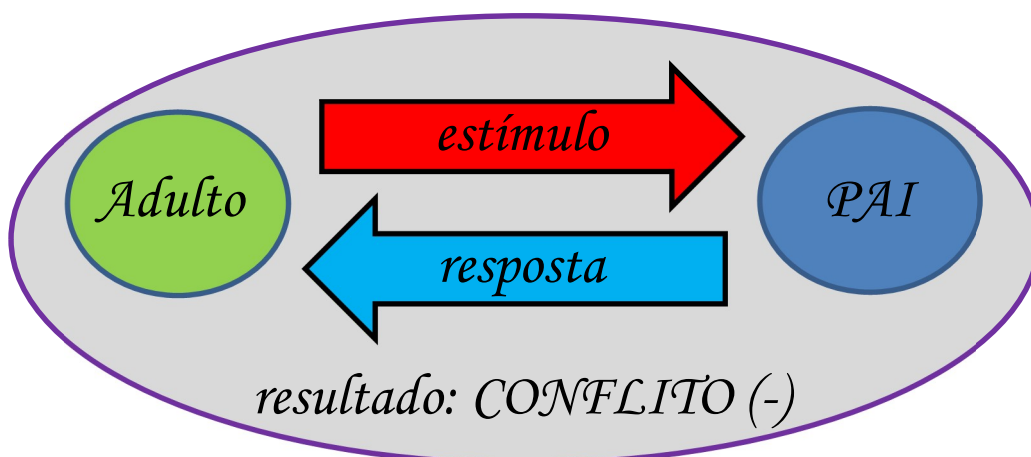
Na situação pai-adulto (B) a pessoa X fala “está na hora dele estudar” e a pessoa Y responde “vamos organizar o horário de estudo, vai ser ótimo”.



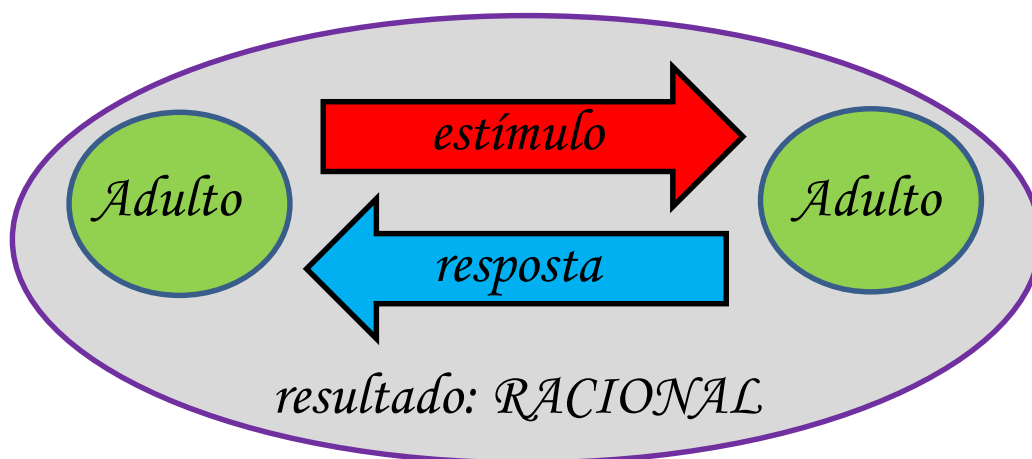
Na situação pai-criança (C) a pessoa X fala “está na hora dele estudar” e a pessoa Y responde “agora ele necessita descansar, está muito estressado”.



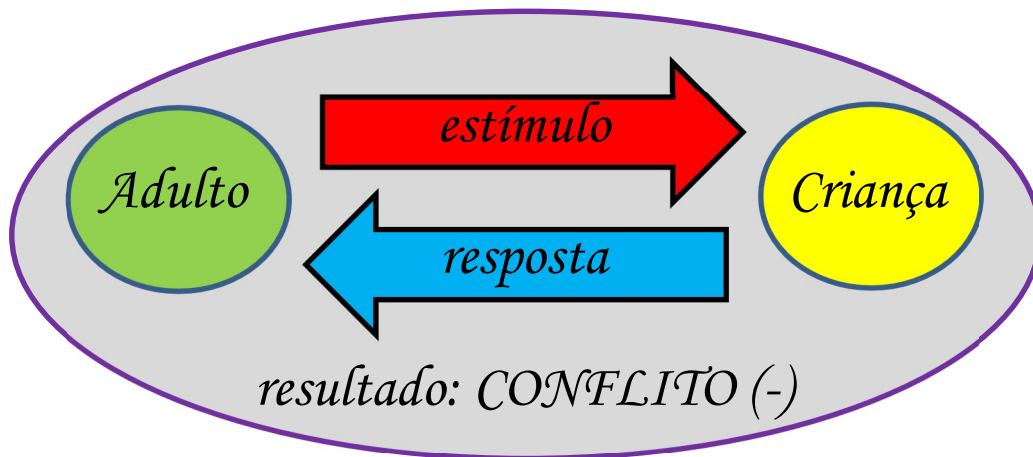
Na situação adulto-pai (D) a pessoa X fala “vamos organizar o horário de estudo dele” e a pessoa Y responde “essa escola está exigindo demais dele, irei reclamar”.



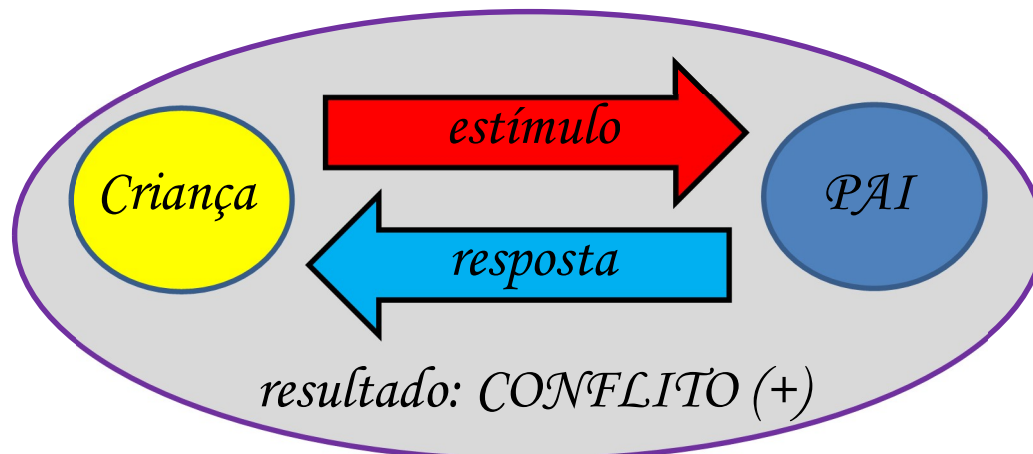
Na situação adulto-adulto (E) a pessoa X fala “vamos organizar o horário de estudo dele” e a pessoa Y responde “isso é fundamental para que eu, você e ele possamos usar melhor o tempo”.



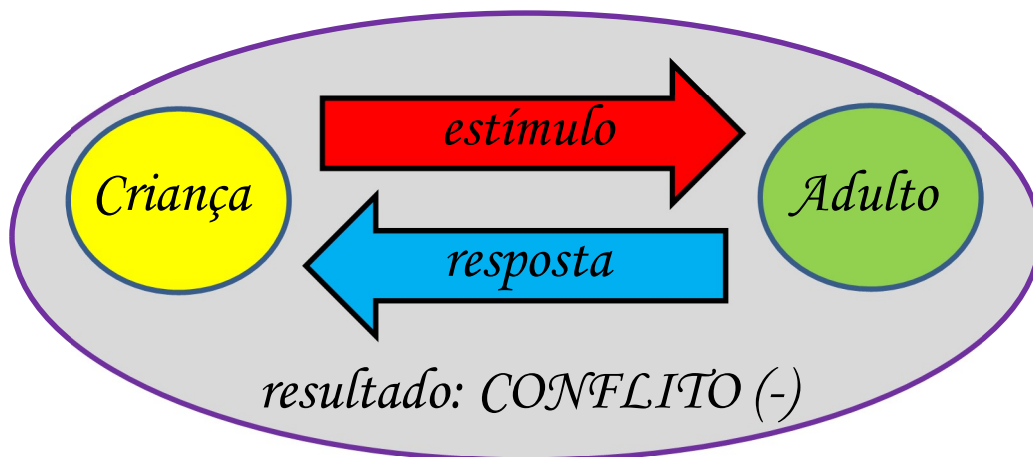
Na situação adulto-criança (F) a pessoa X fala “vamos organizar o horário de estudo dele” e a pessoa Y responde “basta dar uma olhada, pois ele sabe tudo, além disso a escola é muito ruim”.



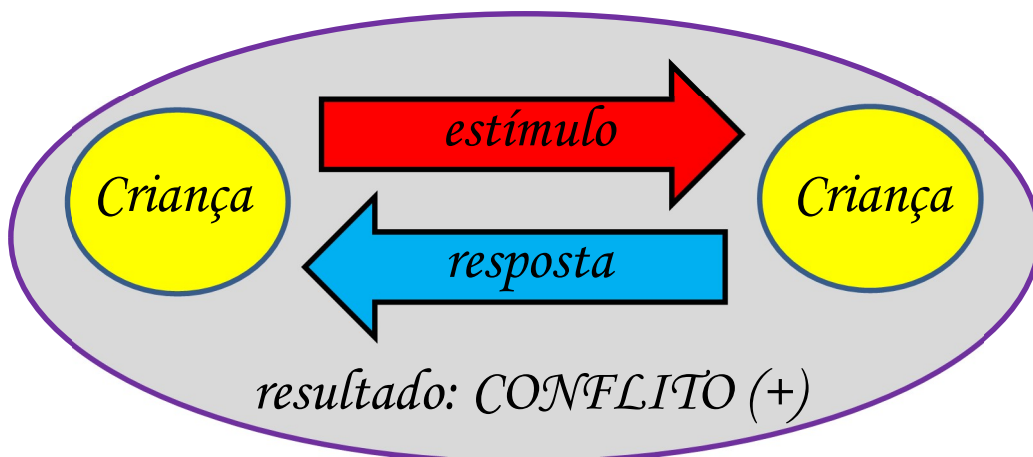
Na situação criança-pai (G) a pessoa X fala “deixa ele brincar, estudar é apenas na escola” e a pessoa Y responde “deve estudar mais agora para passar no vestibular de uma universidade pública, pois eu não irei pagar faculdade”.



Na situação criança-adulto (H) a pessoa X fala “deixa ele brincar, estudar é apenas na escola” e a pessoa Y responde “há tempo para tudo, brincar e estudar devem fazer parte da rotina em casa”.



Na situação criança-criança (I) a pessoa X fala “deixa ele brincar, estudar é apenas na escola” e a pessoa Y responde “nem precisa, a escola é muito ruim, mas não quero ele brincando com o filho daquele chato”.



Nas figuras anteriores, todas representando a comunicação entre duas pessoas, um casal, sendo que uma gera o estímulo (X) e a outra responde (Y), podemos identificar:

- 1) nas situações “A, C, G e I” o conflito será maior, pois inexistente entre as duas pessoas, algum com estado de ego adulto, ou seja:
 - pai-pai;
 - pai-criança;
 - criança-pai; e
 - criança-criança.

- 2) nas situações “B, D, F e H” o conflito será menor, pois existe uma pessoa com estado de ego adulto, ou seja:
 - pai-adulto;
 - criança-adulto;
 - adulto-pai; e
 - adulto-criança.

- 3) na situação E haverá racionalidade, pois existe duas pessoas com estado de ego adulto, sendo possível dialogar sem conflito egoico, imperando a racionalização, ou seja:
adulto-adulto.

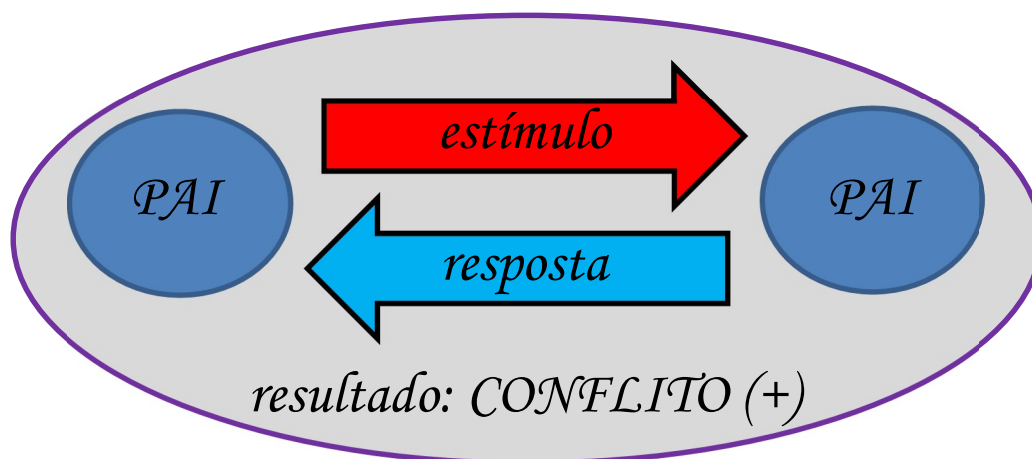
A palavra conflito maior (situações A, C, G e I) e conflito menor (B, D, F e H) apresentam o resultado da comunicação entre pessoas, onde a somatória é 89% das possibilidades, e a racionalidade apenas 11% (situação E), fato que explica em parte os problemas na criação dos filhos e/ou menores sob sua guarda, tomando como base a comunicação entre pessoas.

Lembrando que os estados egoicos, pai, adulto e criança, criados por Eric Berne, não estão associados a ser pai, mãe e filho.

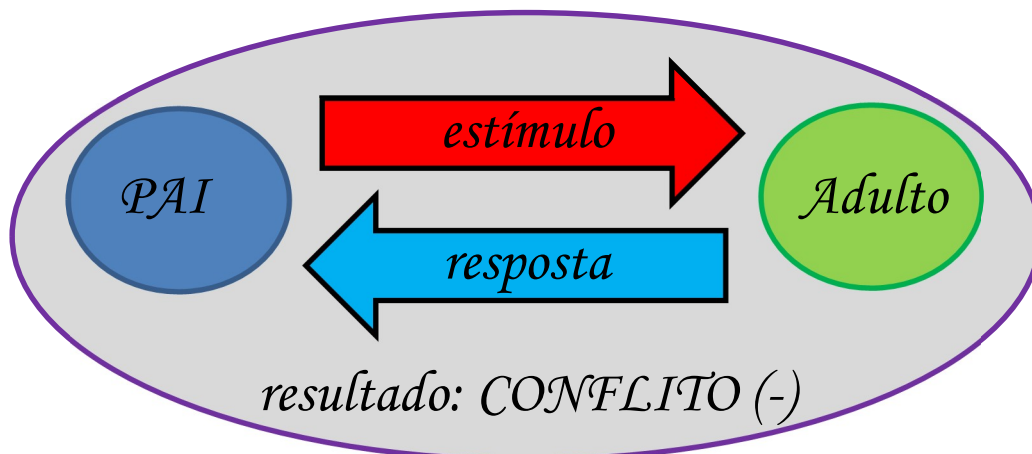
4.3 JOGO DA VIDA ENTRE 2 LADRÕES

Considere agora a aplicação da Análise Transacional no contexto onde há duas pessoas que são classificadas como ladrões, dois seres humanos (X e Y), a seguir iremos analisar apenas a comunicação entre eles.

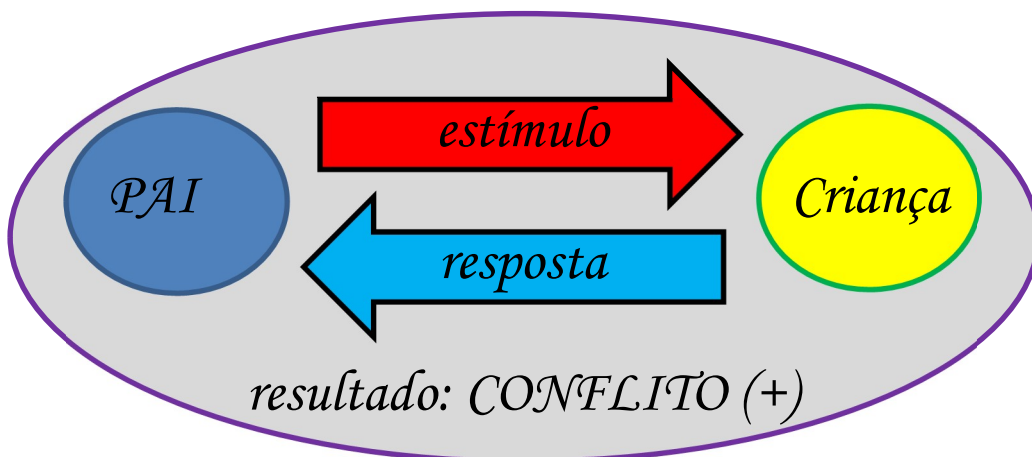
Na situação pai-pai (A) a pessoa X fala “vamos roubar um carro de luxo” e a pessoa Y responde “larga de ser besta, vamos roubar celular”.



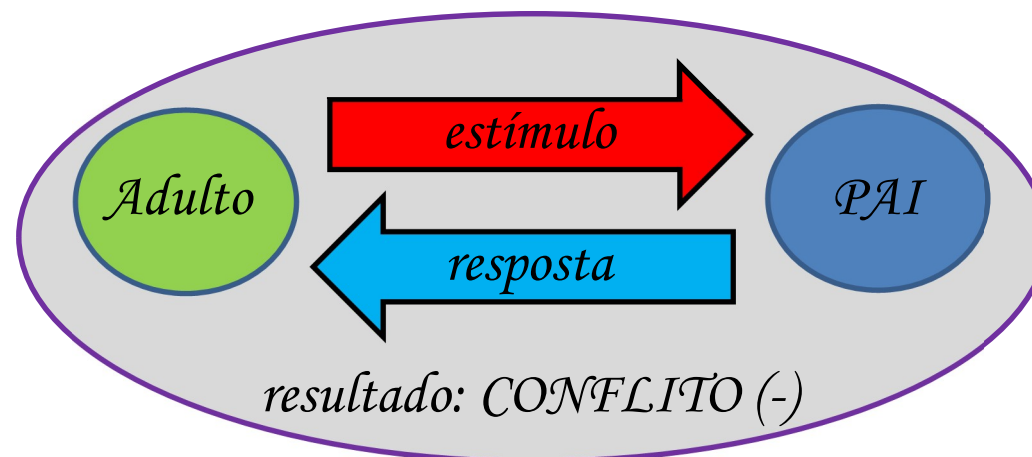
Na situação pai-adulto (B) a pessoa X fala “vamos roubar um carro de luxo” e a pessoa Y responde “vamos analisar os riscos e depois decidimos”.



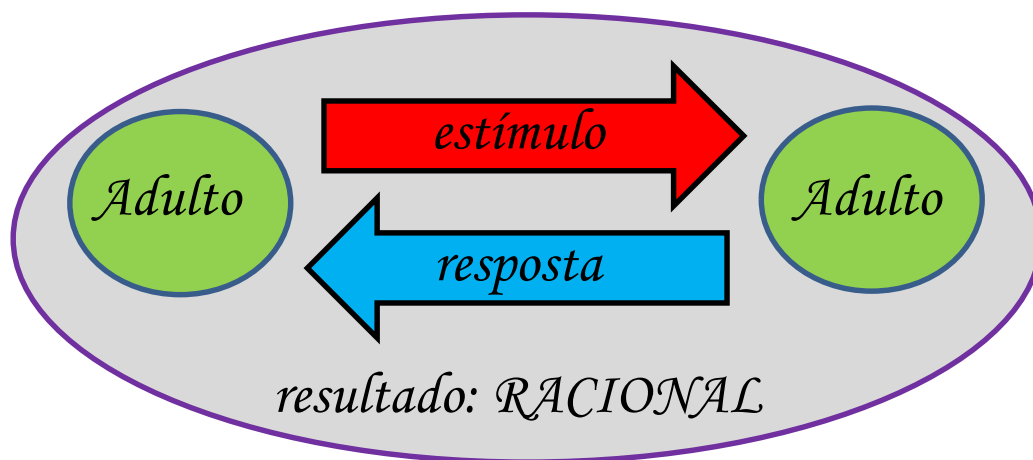
Na situação pai-criança (C) a pessoa X fala “vamos roubar um carro de luxo” e a pessoa Y responde “eu quero uma motocicleta de 1.000 cilindradas”.



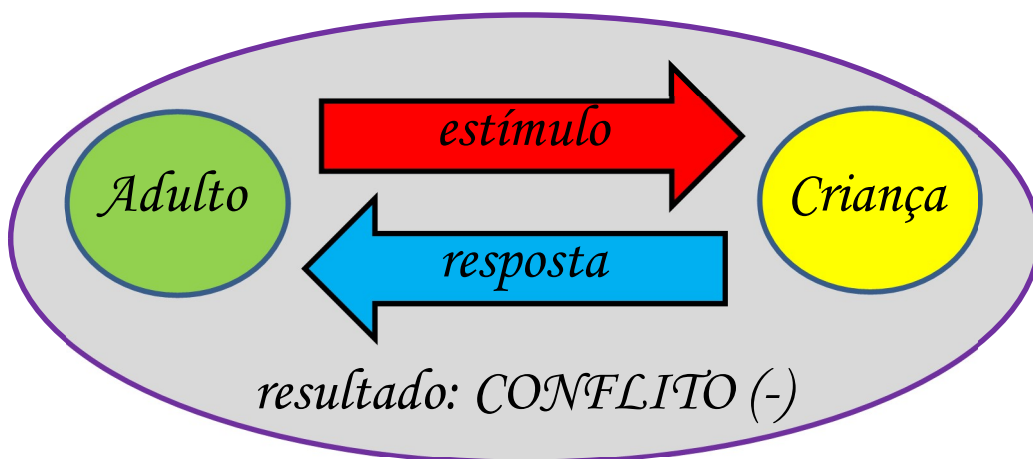
Na situação adulto-pai (D) a pessoa X fala “vamos analisar os perigos e decidir nosso próximo roubo” e a pessoa Y responde “larga de ser covarde, vamos agir agora e enfrentar o perigo sem medo”.



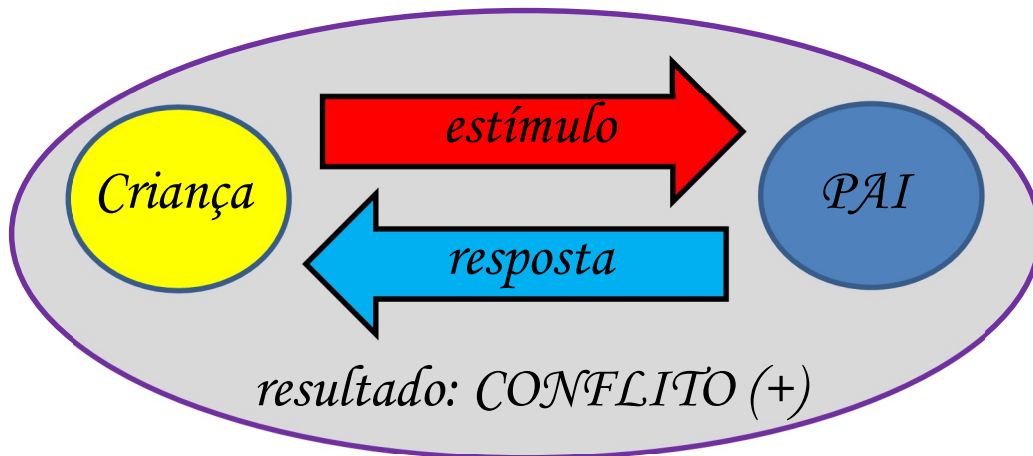
Na situação adulto-adulto (E) a pessoa X fala “vamos analisar os perigos e decidir nosso próximo roubo” e a pessoa Y responde “isso mesmo, vamos analisar os riscos e depois decidimos”.



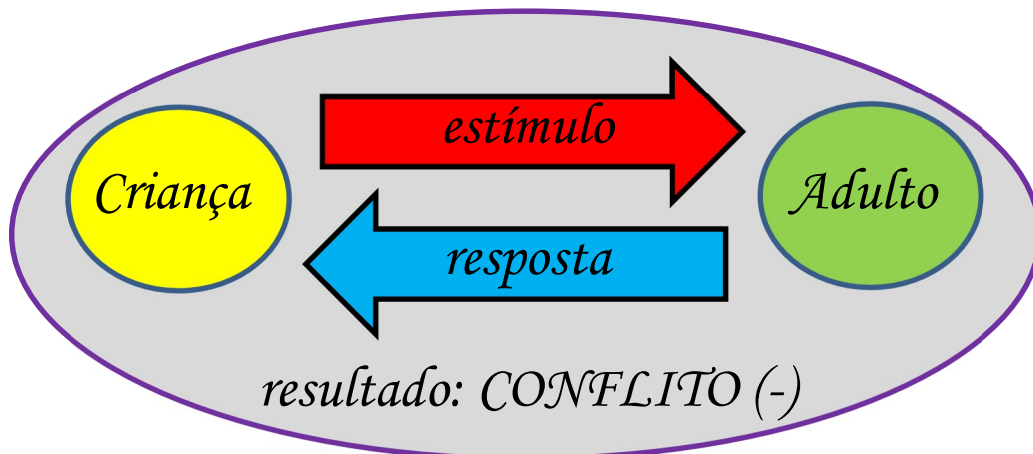
Na situação adulto-criança (F) a pessoa X fala “vamos analisar os perigos e decidir nosso próximo roubo” e a pessoa Y responde “nem precisa covardão, dá tudo no mesmo, vamos agir agora”.



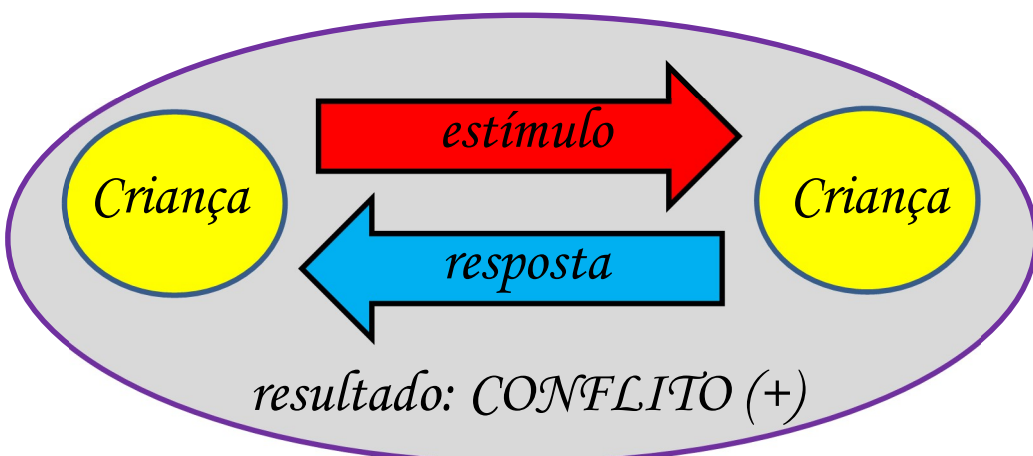
Na situação criança-pai (G) a pessoa X fala “estou querendo um pouco de emoção, vamos agir agora” e a pessoa Y responde “vamos agir, mas eu estou no comando”.



Na situação criança-adulto (H) a pessoa X fala “estou querendo um pouco de emoção, vamos agir agora” e a pessoa Y responde “vamos analisar os riscos e depois decidimos”.



Na situação criança-criança (I) a pessoa X fala “estou querendo um pouco de emoção, vamos agir agora” e a pessoa Y responde “demorou, mas eu quero começar pela zona sul”.



Nas figuras anteriores, todas representando a comunicação entre duas pessoas, neste caso 2 ladrões, demonstra que uma gera o estímulo (X) e a outra responde (Y), sendo possível identificar:

- 1) nas situações “A, C, G e I” o conflito será maior, pois inexistente entre as duas pessoas, algum com estado de ego adulto, ou seja:
pai-pai;
pai-criança;
criança-pai; e
criança-criança.
- 2) nas situações “B, D, F e H” o conflito será menor, pois existe uma pessoa com estado de ego adulto, ou seja:
pai-adulto;
criança-adulto;
adulto-pai; e
adulto-criança.
- 3) na situação E haverá racionalidade, pois existe duas pessoas com estado de ego adulto, sendo possível dialogar sem conflito egoico, imperando a racionalização, ou seja:
adulto-adulto.

A palavra conflito maior (situações A, C, G e I) e conflito menor (B, D, F e H) apresentam o resultado da comunicação entre pessoas, onde a somatória é 89% das possibilidades, e a racionalidade apenas 11% (situação E), fato que não ocorreu nenhuma mudança nos resultados quando comparamos a relação entre chefe-colaborador, casal e ladrão-ladrão.

A Análise Transacional, criada por Eric Berne, faz a análise independente do caráter da pessoa, isto significa apenas que nas relações sociais – entre duas ou mais pessoas – a comunicação dialogada já exista ou possa ser alcançada.

CAPÍTULO 5

**ALÉM DO PRAZER ENCONTRARÁ A
REALIDADE**

Na Análise Transaccional o objeto de investigação é a transação entre os seres, ou seja, entre os participantes do jogo.

A vida de uma pessoa é cheia de transações, sendo que em cada fase de sua vida haverá situações específicas, permitindo colecionar diferentes momentos e emoções que ficarão marcados em nossas memórias, menor parte no consciente e maior parte no inconsciente.

Os animais são classificados em racionais e irracionais, sendo os seres humanos considerados racionais, dotados de um cérebro com maior capacidade de respostas que os demais animais.

Nas transações analisadas nos estados pai, adulto e criança, exemplificadas no contexto do trabalho (chefe-funcionário), família (casal com menor sob sua guarda) e 2 ladrões é possível destacar os seguintes aspectos:

- a) 89% das relações há participantes em estado pai e/ou criança;
- b) 11% das relações os participantes – todos – estão no estado adulto.

Considerando que a racionalidade é completamente alcançada no estado adulto, tais relações exemplificadas podem ser classificadas como:

- a) 89% irracionais (ocorrências de apenas 1 dos participantes ou nenhum dos 2 em estado adulto);
- b) 11% racionais (os 2 participantes estão em estado adulto).



As transações geralmente ocorrem numa série. E numa série programada, e não ao acaso. A programação pode vir de uma das três fontes: Pai, Adulto ou Criança, ou, de um modo mais geral, da sociedade, já que as necessidades de adaptação requerem que a Criança seja protegida pelo Pai ou pelo Adulto até que todas as situações sociais tenham sido testadas, a programação efetuada pela Criança tende a ocorrer mais vezes em situações de isolamento e intimidade. (BERNE, 36).

Nas relações humanas a comunicação é um elo fundamental na união ou desunião entre as pessoas, sendo que o estado mental de cada indivíduo irá ser decisivo na ocorrência dos fatos considerados felizes ou infelizes, podemos concluir que podem variar, rapidamente, conforme as transações vão ocorrendo.

As formas mais simples de atividade social são os procedimentos e os rituais. Algumas dessas atividades são universais e outras são locais, mas todas têm que ser aprendidas. Um procedimento é uma série de transações Adultas complementares e simples visando a manipulação da realidade. A realidade é definida como tendo dois aspectos: estático e dinâmico. (BERNE, 36).

As pessoas são frutos de sua herança genética, sendo uma realidade estática, mas também de sua cultura, sendo uma realidade dinâmica.

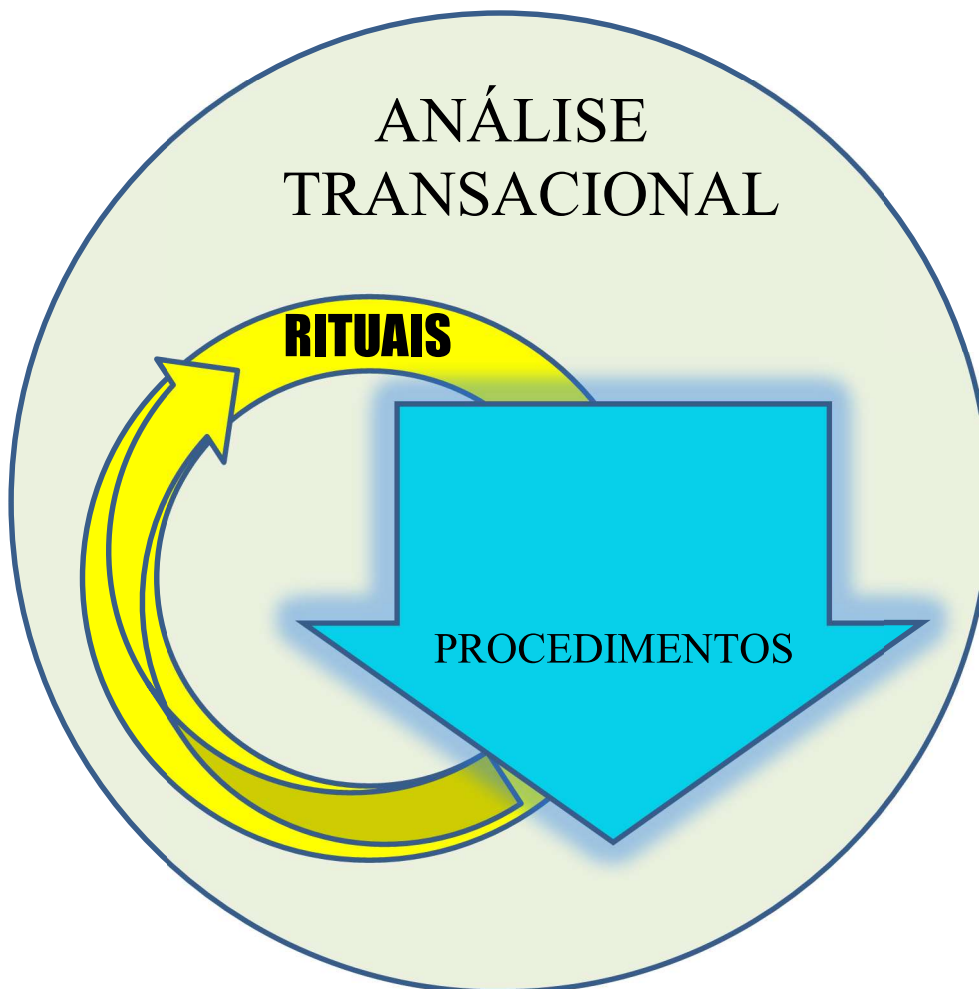
No livro “Das unbehagen in der kultur” publicado em 1939, por Sigmund Freud, é possível perceber, inicialmente, no próprio título, a capacidade de uma pessoa, neste caso o tradutor, interferir na transação entre escritor e leitor, pois este título ficaria consagrado como “O mal-estar da civilização” no idioma inglês, posteriormente traduzido para o português. Mas, outro tradutor, sendo mais fiel ao idioma original – alemão – poderia traduzir como “A inquietação na cultura”.



As vezes é difícil distinguir entre um procedimento e um ritual. A tendência do leigo é chamar os procedimentos profissionais de rituais, embora todas as suas transações devam ser estruturadas sobre experiência comprovadas e bem baseadas, acontece que o leigo não tem “background” suficiente para apreciar isto. Por outro lado, existe uma tendência entre os profissionais para utilizar em seu trabalho ou atividade transações realizadas como um ritual sem se dar conta do verdadeiro valor de tal procedimento. Por outro lado, um dos modos pelos quais as pessoas excessivamente conservadoras resistem à introdução de métodos mais recentes ou mais eficientes é justamente acusá-los de serem apenas rituais. (BERNE, 40).

Tomando como objeto de análise um escritor, um tradutor e o um leitor “leigo”, poderemos considerar diferenças entre procedimentos e rituais, sendo:

- a) Ritual - para o escritor ler as notícias do dia; para o tradutor ler 10 palavras no dicionário; e para o leitor “leigo” ler a biografia do autor;
- b) Procedimento – para o escritor pesquisar o lançamento de novo texto sobre o assunto que está escrevendo, para o tradutor revisar o texto anterior, e para o leitor “leigo” marcar e/ou escrever nas páginas lidas.

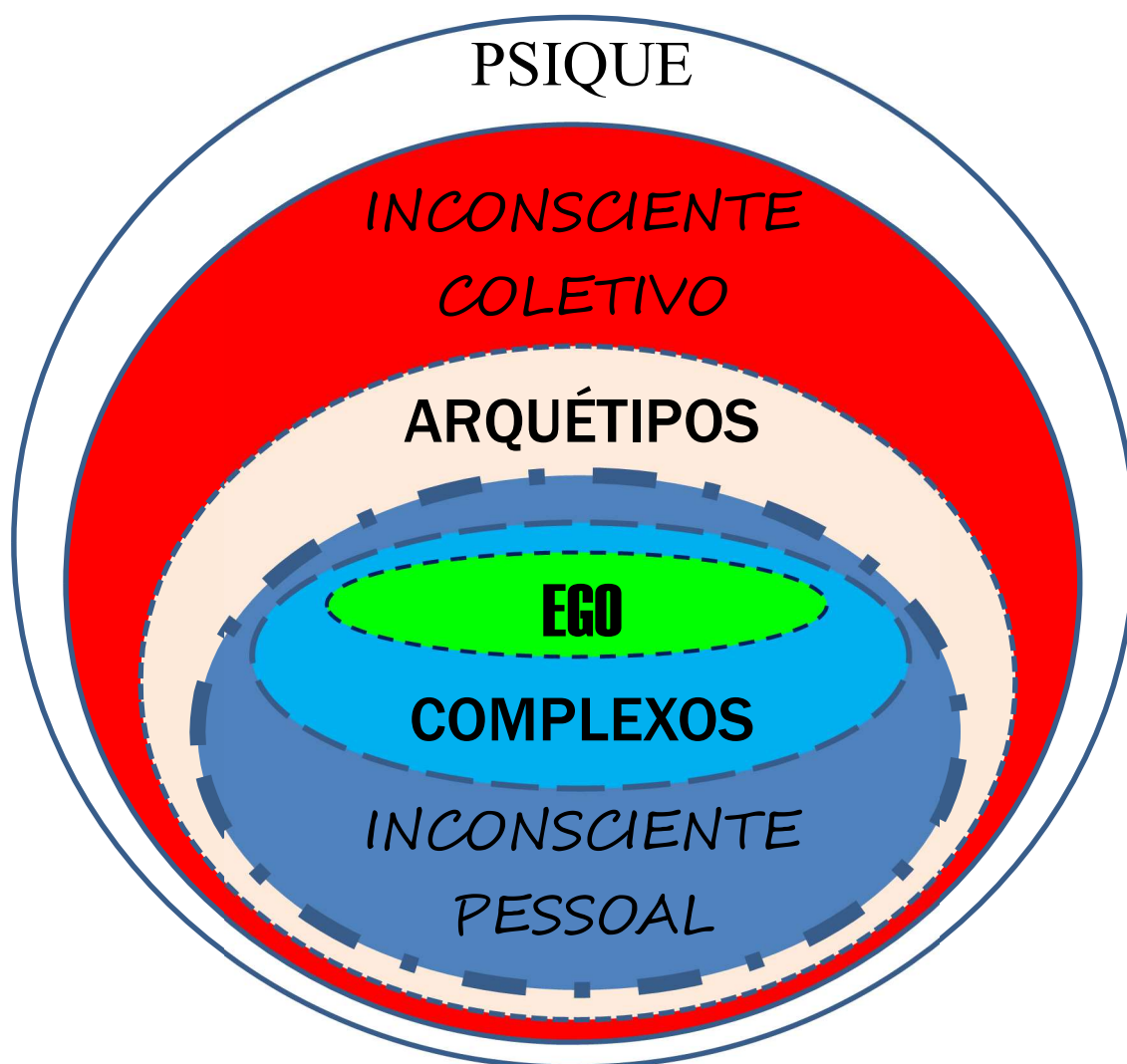


Afinal, quem sou EU? O eu seria consagrado na psicanálise com a palavra ego, sendo ego uma palavra do latim!

O primeiro a associar a palavra ego foi o tradutor inglês – James Strachey – para a palavra “ich” do alemão, utilizada – em 1923 – por Sigmund Freud para descrever os 3 elementos formadores da personalidade, sendo “ich”, “es” e “über-ich”. A tradução para o inglês – do original em alemão – consagrariam os termos trazidos do latim, ego (ich), id (es) e superego (über-ich), podendo ser caracterizada como uma “jogada de marketing” da editora.

Carl Gustav Jung seria o primeiro presidente da Associação Psicanalítica Internacional, criada por Sigmund Freud em 1910. Na presidência de Jung a psicanálise ganhou o respeito da sociedade, inicialmente na Europa e depois pelo “resto do mundo”, podendo ser caracterizada como uma “jogada de marketing” de Freud. A utilização – novamente – do termo “jogada de marketing” apenas amplifica a escolha de uma alternativa (estratégia), diante de um ambiente de trocas (oferta e demanda).

Posteriormente, Freud e Jung seguiriam caminhos diferentes, onde Jung seria reconhecido como criador da “Psicologia Analítica”, delimitando a busca – pela pessoa – na formação de uma personalidade única, sua psique, utilizando a palavra “individuação”.



Há tão poucas oportunidades para se desfrutar de real intimidade na vida diária, que a quase totalidade do tempo na vida social é empregada na realização de jogos. Os jogos tanto são necessários quanto desejáveis, e o único problema em discussão é saber-se se os jogos preferidos, por um determinado indivíduo, lhe oferecem o máximo de benefício. A este respeito, é bom lembrar que a característica principal de um jogo é o seu desfecho. A principal função dos lances preliminares é ordenar a situação para que seja atingido esse desfecho, destinando-se também, por outro lado, a colher a máxima satisfação permissível em cada estágio, como produto secundário. (BERNE, 60).

Os jogos retratam e/ou simbolizam momentos de nossas vidas, sejam pessoais, familiares e profissionais, fato que ocorrem naturalmente no contexto mental de cada um, entre os integrantes da estrutura familiar e entre os diversos colaboradores de uma empresa, sendo que cada um atua conforme sua posição na hierarquia funcional.

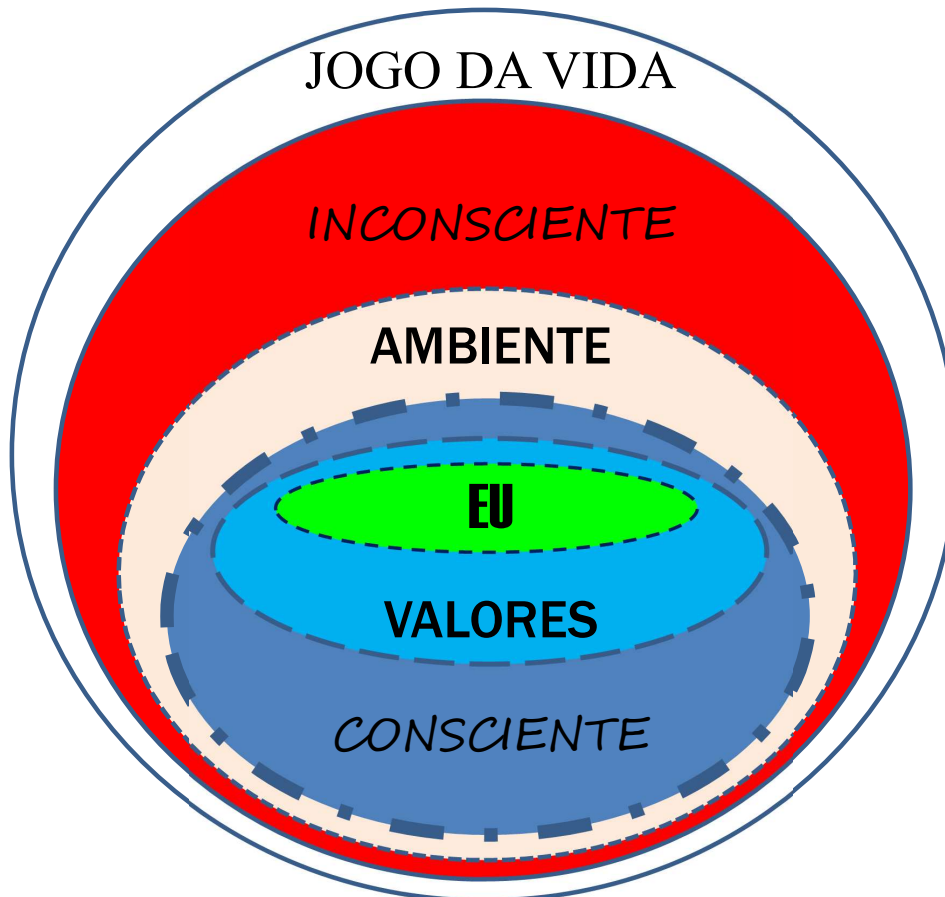
Além de sua função social de estruturar satisfatoriamente o tempo, determinados jogos são muito necessários para a manutenção da saúde em certos indivíduos. A estabilidade psíquica de algumas pessoas é tão precária, e suas posições são tão fragilmente sustentadas que, privada dos jogos, elas podem mergulhar em irreversível desespero e até mesmo numa psicose. Tais pessoas lutarão com todas as suas forças contra qualquer lance que não esteja no jogo. (BERNE, 61).



Numa escala maior, os jogos são componentes integrais e dinâmicos do plano de vida inconsciente ou script de cada indivíduo. Já que o último ato de um script caracteristicamente requer ou um milagre ou uma catástrofe, dependendo de sua natureza construtiva ou destrutiva, os jogos correspondentes são também construtivos ou destrutivos. Em termos coloquiais, um indivíduo cujo script é orientado no sentido de esperar por "Papai Noel", com toda a probabilidade gosta de se distrair com jogos tais como "puxa, o Sr é formidável, Sr Ramostelles", enquanto

que alguém que vive de acordo com um script trágico, orientado para a espera da hora final pode preferir jogos desagradáveis como “Agora te peguei, Seu f.d.p!”. (BERNE, 62).

Nos jogos da vida somos todos jogadores, conscientemente sabemos muito pouco, fato que o inconsciente é o grande “apostador”, dando as cartas e influenciando nossas escolhas – jogadas – que podem ora aproximar ou ora afastar-nos do nosso eu.



As pessoas que se entregam a jogos destrutivos vão ao terapeuta com muito mais frequência do que as que preferem os jogos construtivos. Por isso mesmo, a maior parte dos jogos que já estão bem estudados são os destrutivos, mas o leitor deve se lembrar de que também existem jogos construtivos, jogados por pessoas mais felizes. E para prevenir a ideia de que os jogos acabem se vulgarizando como tantos outros termos psiquiátricos, deve ser enfatizado mais uma vez o fato de que eles representam uma concepção muito precisa; os jogos devem ser diferenciados, através dos critérios já explicados, dos procedimentos, rituais, passatempos, operações, manobras e atitudes que derivam das várias posições adotadas pelo indivíduo. Um jogo é jogado a partir de uma posição, mas uma posição ou sua atitude correspondente não é um jogo. (BERNE, 69).

Na vida podemos e devemos realizar escolhas, sendo que tudo passa, mas o passado irá contar a nossa história de erros e acertos. O principal é pensar AGORA no futuro, pois não será igual ao passado. O futuro está totalmente aberto, é todo seu!

O tempo mente pra nós; eu estou aí, do seu lado, neste momento, em um “agora” que dura para sempre! A gente se une e se reencontra nas coisas mais bonitas da vida... Enfim, minha querida criança do futuro, queria te ensinar mais uma coisa: eu brinquei a vida inteira de um jogo só, e peço que você tire um tempinho para

também jogá-lo, para que ele não fique abandonado com a minha partida, o que seria muito triste. O jogo se chama “ficar feliz por fazer alguém feliz.”. A regra é simples: você tem que aproveitar todas as oportunidades que aparecerem durante o dia para fazer as pessoas ficarem bem, melhor do que estavam antes de você chegar. (GALVÃO: 2022, 139).

O tempo cronológico passa, independente da sua ação, mas será de grande bem-estar vivenciar momentos materiais e/ou espirituais que estamos a serviço, em ação, realizando e/ou pensando em coisas boas.



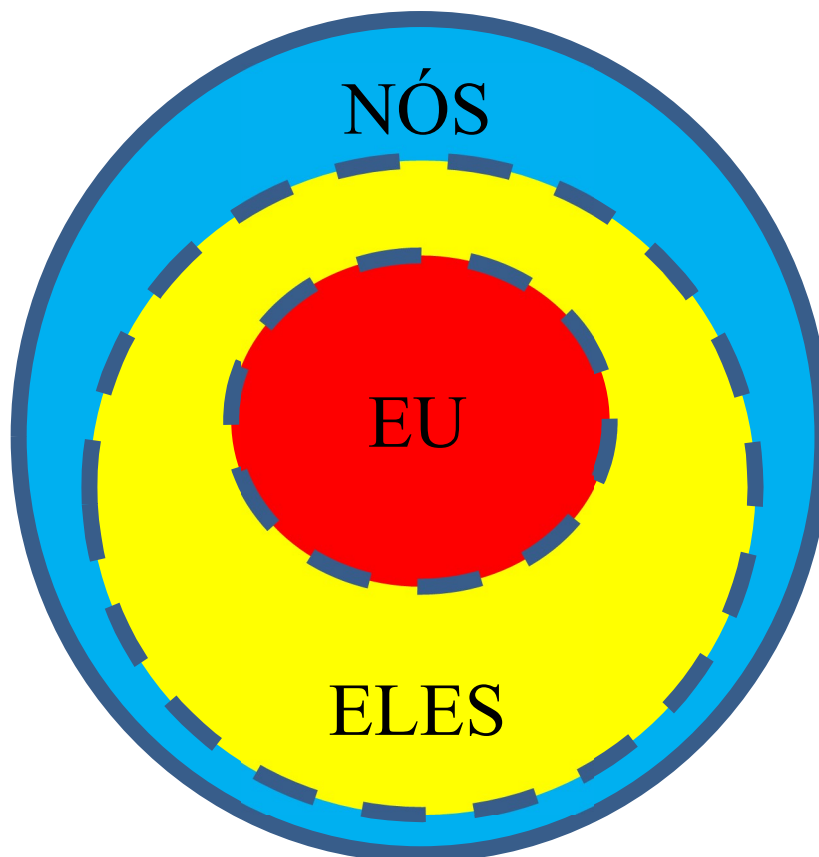
Muitas vezes, ao renunciardes ao prazer, conseguis somente represar o desejo nas entranhas de vosso ser. Quem sabe aquilo que se omite hoje pode estar apenas aguardando pelo amanhã? Vosso próprio corpo conhece seu legado e seus direitos, e não se deixará enganar. E vosso corpo é a harpa de vossa alma, E cabe a vós deles tirar doce melodia ou ruídos dissonantes. E agora perguntais em vosso coração: ‘Como havemos de distinguir o que é bom no prazer daquilo que não é?’ Ide a vossos campos e vossos jardins, e aprendereis que o prazer da abelha é colher o mel da flor. Mas, que também o prazer da flor é conceder o mel à abelha. Pois para a abelha, a flor é a fonte da vida, E para a flor, a abelha é mensageira do amor, E para ambas, abelha e flor, dar e receber prazer é uma necessidade e um êxtase. GIBRAN: 2011, 45).

Qual o maior prazer que necessito para alcançar a felicidade? A felicidade poderia ser conceituada ou reconhecida como elevada satisfação, mas há diferenças significativas. O resultado no plano físico e material gera felicidade diferente quando comparada ao plano mental e espiritual, onde a satisfação física seria estar alimentado, e a satisfação mental seria estar agradecido. O bem-estar físico é instantâneo e passageiro, enquanto o bem-estar espiritual é duradOURO e permanente. Olhe para frente, pois está tudo por fazer e depende da sua ação, caso tenha um passado considerado ruim terá ainda mais força

para fazer o seu futuro melhor. Comece AGORA oferecendo o seu melhor para auxiliar os demais, sendo que quanto mais oferecer mais irá ganhar!

Viva de tal modo que, ao olhar para trás, não se arrependa de ter desperdiçado sua vida. Viva de tal modo que não se arrependa do que fez ou não deseje ter agido de outra forma. Viva uma vida digna e plena. Viva. (ROSS: 1998, 160).

A Dra Elisabeth Ross, médica suíça, demonstrou que a vida não tem fim, sendo um eterno aprendizado individual, onde o neutrino já está configurado para unir-nos em MAIS ações.



BIBLIOGRAFIA

AFONSO, Marcos Lemos. Design Thinking com gamificação: metodologias ativas na educação. Belém: RFB, 2023.

ALPALHÃO, Margarida Santos et al. O jogo do mundo: ensaios sobre o imaginário lúdico. Lisboa: IELT, 2017.

ALVES, Pedro. O jogo como contra-imagem da vida. In ALPALHÃO, Margarida Santos et al. O jogo do mundo: ensaios sobre o imaginário lúdico. Lisboa: IELT, 2017.

ALVES, Rubem. A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir. Campinas: Papirus, 2001.

ARAÚJO, Alberto Filipe & RIBEIRO, Cláudia Maria. Do jogo ao imaginário lúdico: reflexões filosóficos-educacionais. In ALPALHÃO, Margarida Santos et al. O jogo do mundo: ensaios sobre o imaginário lúdico. Lisboa: IELT, 2017.

BANDLER, Richard. Usando sua mente: as coisas que você não sabe que não sabe. São Paulo: Summus, 1987.

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BERNE, Eric. Os jogos da vida: a psicologia transacional e o relacionamento entre as pessoas. Rio de Janeiro: Artenova, 1977.

DEMO, Pedro. Complexidade e aprendizagem: a dinâmica não linear do conhecimento. São Paulo: Atlas, 2002.

FRANKL, Viktor Emil. O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver. São Paulo: É realizações, 2015.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer. Porto Alegre: L&PM, 2016 (original publicado em 1920).

_____. O mal-estar na civilização. Rio de Janeiro: IMAGO, 1997.

FREUD, Anna. O ego e os mecanismos de defesa. Porto Alegre: Artmed, 2006 (original publicado em 1936).

GALVÃO, Lúcia Helena. Muito prazer em te conhecer. In: MARTINS JR, Adalberto et al. Cartas para crianças do futuro. Rio de Janeiro: Bambual, 2022.

GIBRAN, Khalil. O profeta. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

JUNG, Carl Gustav. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. A natureza da psique. Petrópolis: Vozes, 2000.

HARRIS, Thomas A. Eu estou ok – você está ok: um guia prático para sua auto-análise. Rio de Janeiro: Record, 1967.

KUPFER, Maria Cristina. Freud e a educação: o mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 2002.

LEFON, Arc. Freud explica, mas qual o caminho a seguir? O mal-estar na civilização: quem ama educa! Ananindeua: Itacaiúnas, 2023.

LOPES, Silvina Rodrigues. Jogo, postulação, encantamento. In ALPALHÃO, Margarida Santos et al. O jogo do mundo: ensaios sobre o imaginário lúdico. Lisboa: IELT, 2017.

NETO, César. O potencial de comunicação do desporto. In ALPALHÃO, Margarida Santos et al. O jogo do mundo: ensaios sobre o imaginário lúdico. Lisboa: IELT, 2017.

NETO SILVA, Marcus Vinicius. Barbara Low e o princípio de nirvana. In: Lacuna – uma revista de psicanálise. São Paulo, n 7, publicado em 7 de agosto de 2019.

NEWPORT, CAL. Trabalho focado: como ter sucesso em um mundo distraído. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

NICOLELIS, Miguel. Made in Macaíba: a história da criação de uma utopia científico-social no ex-império dos tapuias. São Paulo: Planeta, 2016.

ROSS, Elisabeth Kübler. A roda da vida. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.

SCHOPENHAUER, Arthur. As dores do mundo. São Paulo: Edipro, 2014.

TIBA, Içami. Quem ama educa! São Paulo: Integrae, 2012.

GLOSSÁRIO

Abdicação – renúncia ou desistência

Abdicar – ser que praticou abdicação

Afeto – pulsão positiva ou negativa

Agressão – ação de prejuízo causada por um ser

Agressor – ser causador da agressão

Alienação – dissociação da realidade

Alienado – pessoa com alienação (vive em seu mundo próprio)

Algures – lugar ou parte não indicada

Alucinação – pulsão com distorção da realidade

Alucinar – ser com alucinação

Amor – pulsão de prazer relacionada a uma pessoa (ego e suas fontes de prazer)

Ambivalência – dupla pulsão relacionada ao mesmo objeto

Anal - segunda fase (para FREUD) do desenvolvimento psicosssexual (foco nas fezes)

Ansiedade – pulsão alterada diante do futuro

Angústia – lembrança do passado que causa desprazer em relação ao futuro

Anulação – pulsão de afastamento da realidade

Arquétipo – padrão de comportamento (representação) centrado em um personagem (simbólico)

Ascético – abster dos prazeres

Aterrador – que causa terror ou pavor

Atitude – ação do ser

Behaviorismo – estudo do comportamento do ser

Beleza – qualidade de um ser ou objeto que é fonte de admiração e/ou simpatia

Caráter – personalidade de uma pessoa diante da sociedade

Catarse – desabafo (falar)

Catatônico – ser com alteração corporal decorrente das pulsões

Cisão – coexistência de duas atitudes mentais – do ego – diante de uma realidade única

Ciúme – pulsão de ameaça

Chiste – piada verbalizada que foi trazida pelo inconsciente (com base em algum pensamento que foi recalcado)

Claudicar – ceder diante de uma tentação

Clivagem – mecanismo de defesa do ego diante de uma verdade, havendo dois polos distintos

Coagular – materializar (juntar os fruídos)

Coincidência – dois eventos interligados por algum simbolismo superficial

Complexo – padrão de comportamento (emoções) ditado pelo inconsciente

Compulsão – atitude repetitiva excessivamente

Condenação – manifestação de restrição atribuída por um grupo a um ser

Condenado – ser que sofreu condenação

Consciência – compreensão da realidade

Consciente – parte do ser com acesso a consciência

Conflito – mais de uma alternativa para ser escolhida apenas uma

Criticismo – doutrina filosófica (formulado por Kant) na busca da verdade

Crítico – ser que utiliza o criticismo ou ser questionador

Culpa – pulsão de reprovação de suas atitudes

Decepção – realidade diferente da expectativa anterior

Delírio – pulsão fantasiosa

Delirar – ser com delírio

Desprazer – insatisfação mental

Defesa – ação do ego (consciente) sobre o id (inconsciente)

Dilema – mais de uma alternativa, mas a escolha de uma anula a outra

Depravado – atitude imoral

Depressão – pulsão de tristeza e/ou angústia

Depressivo – ser com depressão

Desespero – pulsão de ansiedade ou medo

Dispêndio – gasto ou consumo

Doença – mal-estar (causam desprazer e sofrimento)

Doente – pessoa com mal-estar

Dor – reação física e/ou psíquica de desconforto

Ego – eu (eu posso – consciente)

Enfurecido – ser com fúria

Eros – instinto de vida (arquétipo)

Es – do alemão é “isso”, sendo associado na tradução para o inglês a “id”

Esquizofrenia – transtorno mental crônico e grave

Esquizofrênico – ser com esquizofrenia

Estereótipo – imagem preconcebida

Evitação – distanciamento

Evitante – ser com atitude de evitação

Excitação – pulsão estimulada

Fálica – terceira fase (para FREUD) do desenvolvimento psicosssexual (atenção a diferenças dos órgãos sexuais masculino e feminino)

Falo – representação simbólica do órgão sexual masculino (homem com e mulher sem)

Fantasia – situação imaginária

Fantasiar – ser que utiliza fantasia

Feroz – manifestação de fera ou violência

Fúria – manifestação intensa de desprazer

Genital – quinta fase (para FREUD) do desenvolvimento psicosssexual (pulsões sexuais)

Gestalt – estudo do comportamento do ser de forma holística e atual

Gestalt-terapia – análise do comportamento diante de cada emoção e pensamento

Gratidão – pulsão de prazer

Gratificação – prazer imediato

Hipnose – técnica para colocar o paciente em estado de sono (não é dormir)

Hipnotista – pessoa que utiliza a hipnose

Histeria – alterações temporárias do eu

Histérico – pessoa com histeria

Hostilidade – pulsão agressiva contra outro ser

Hostil – pessoa que possui hostilidade

Ich – do alemão é “eu”, sendo associado na tradução para o inglês a “ego”

Id – atitude com base no prazer (eu quero – inconsciente)

Idiosincrasia – características específicas do caráter

Ilusão – imagem falsa ocupa o lugar da verdadeira

Incitar – situação para estimular o ser

Inconsciência – sem acesso na compreensão da realidade

Inconsciente – realidade sem acesso pela consciência

Inconsciente pessoal – parte do ser sem acesso pela sua consciência

Inconsciente coletivo – parte dos seres sem acesso pela sua consciência (termo de JUNG)

Individuação – busca individual de significado e propósito para a vida (termo de JUNG)

Ingratidão – pulsão de inconformismo

Inibição – pulsão de renúncia

Inveja – pulsão de inferioridade

Inversão – assumir o papel de outra pessoa

Internalização – incorporação inconsciente de padrões

Introjeção – incorporação inconsciente padrões externos

Instinto – pulsão do id

Impotência – impedimento da capacidade de esforço

Impotente – ser com impotência

Impulso – estímulo

Isolamento – separar pulsão

Latência – quarta fase (para FREUD) do desenvolvimento psicosexual (está oculto no consciente e ativo no inconsciente)

Libidinal – pulsão sexual

Libido – energia libidinal do ser

Libido para FREUD – energia centrada no sexo do próprio ser

Libido para JUNG – energias diversas dentro e fora do ser

Logosofia – encontro da sabedoria com a razão

Logoterapia – encontro do sentido da vida

Luto – reação natural à perda de um objeto físico

Manipular – influenciar intencionalmente outra pessoa para interesse próprio

Masquista – prazer no sofrimento

Medo – pulsão de estar sendo ameaçado

Metamorfose – mudanças corporais do ser

Mórbido – pulsão imoral

Narcisista – pessoa com exagero na autoestima

Negação – recusa diante do fato

Negligência – resposta falha

Negligente – pessoa que respondeu de forma falha

Nervoso – pulsão fora da zona de conforto

Neura – distorção da realidade

Neurose – estado mental distorcido

Neurótica – pessoa que tem neura

Neutrino – partícula subatômica abundante no universo

Nirvana – pulsão de eliminação ou redução das tensões (princípio inserido na psicanálise por Barbara Low em 1920)

Ódio – pulsão de destruição

Objetal – relação emocional do ser com seu objeto amado

Obsessão – pulsão fixa

Obcecado – pessoa com obsessão

Obliteração – ação de retirada

Obstinado – ser insistente

Onanismo – autogratificação sexual

Onipotência – pulsão do onipotente

Onipotente – poderoso

Onírico – símbolos produzidos pelo inconsciente durante os sonhos

Oral - primeira fase (para FREUD) do desenvolvimento psicosexual (leva tudo na boca)

Orgástico – prazer genital

Paciente – pessoa que recebe terapia

Paralelismo – lado a lado

Paranoia – pulsão irracional

Paranoico – pessoa com paranoia

Parapraxias – ação do inconsciente revelada no ato falho (fez algo que o consciente não faria)

Patologia – aborda a natureza da doença mental

Personificação – caracterização do ser em objetos

Perturbação – situação que altera a pulsão

Perturbado – ser diante de uma perturbação

Potência – capacidade de esforço

Psicanálise – abordagem da psicoterapia (Sigmund Freud criou este termo em 1896)

Psicogênica – doença causada por transtornos psíquicos

Psicologia – estudo dos processos mentais

Psicoterapia – utilização da terapia para aliviar insatisfação

Psicose – estado mental desassociado da realidade

Psicótico – pessoa que tem psicose

Psique – consciente + inconsciente

Prazer – satisfação mental

Preterido – desprezado ou ignorado

Projeção – seu comportamento é atribuído a outra pessoa

Pulsão – atitude mental

Pulsional – ação da pulsão

Personalidade – aspectos comportamentais de cada ser

Raiva – pulsão de protesto

Reativo – resposta imediata

Recalque – restrição

Recalcado – pessoa que tem seu id restringindo

Recalcamento – método de defesa

Rechaçar – repelir ou afastar

Regressão – estágio anterior do ego

Renitente – ser obstinado

Reversão – resposta contrária

Responsabilidade – resposta diante das normas

Secretismo – atitude de manter em segredo

Self – essência do ser (formador da personalidade)

Sexo – gênero do ser

Sexualidade – cultura e histórico do ser

Simbólico – imagem de representação

Sincronicidade – dois eventos interligados por algum simbolismo profundo

Somatizar – sintomas no corpo sem causa aparente

Sombra – parte do ser humano que não consegue ver, reconhecer e/ou aceitar

Sonho – realização (pelo inconsciente) de um desejo reprimido

Sublimação – pulsão convertida para o bem-estar

Subconsciente – parte do ser que responde automaticamente

Superego – atitude com base na moral (eu devo – normas sociais)

Supressão – atitude de exclusão

Tânatos – instinto de morte (arquétipo)

Tensão – pulsão excessiva de expectativa sobre si

Terapia – momento de reflexão dos fatos passados

Terapeuta – pessoa que emprega a terapia

Tônico – energia corporal

Tonicidade – atividade corporal

Tópica – concepção da mente ou instâncias psíquicas

Tópica (1ª de 1900 a 1915 por FREUD) – consciente, pré-consciente e inconsciente

Tópica (2ª de 1920 a 1923 por FREUD) – id, ego e superego (original es, ich e überich)

Trauma – fato antigo guardado na memória, sendo diferente das lembranças

Traumatizado – pessoa com trauma

Traumatizante – situação geradora de trauma

Transacional – relação egoica (pai, adulto e criança – termos de Berne) entre as pessoas

Transferência – pessoa usa projeção dos seus sentimentos

Über-ich – do alemão é “super-eu”, sendo associado na tradução para o inglês a “superego”

Vicária – faz o trabalho de outra pessoa

Vida – início da trajetória para a morte corpórea

Vivência – experiência direta e pessoal do ser

Viver – tomar decisões constantemente

Vicissitudes – sequência de transformações

SOBRE O AUTOR

ARC LEFON é pós-graduado em Psicanálise, possuindo também os títulos acadêmicos em outras áreas de bacharelado, especialista, mestrado e doutorado, publicando 4 livros em 2023, entre eles “FREUD explica, mas qual o caminho a seguir? O mal-estar na civilização: quem ama educa!”. Considera que seu maior patrimônio no exercício das atividades de educação foi (e continua sendo) sua aprendizagem como pai, tendo 3 filhas. A primeira filha nasceu no ano de falecimento do seu único irmão, a segunda filha nasceu no ano de falecimento de seu pai, e a terceira filha ao nascer já estava preparado, sendo que o falecimento de sua mãe ocorreria no ano seguinte. Sentimentos contraditórios, em pequeno espaço de tempo, mas todos com fundamentos sólidos para os respectivos envolvidos, sendo que a aprendizagem não para nunca. Pai opressor e filha oprimida, marido opressor e esposa oprimida, professor opressor e estudante oprimido, fato é que os relacionamentos humanos geram embates em diferentes momentos e com intensidade variada, motivados pela cultura e/ou consciência e/ou estados de ego de cada um dos participantes, sendo que o mesmo fato e/ou situação poderá ser compreendido de forma diferente, depende do olhar, pois cada um tem uma história para contar. A maior revelação (para LEFON) na busca da compreensão da psicanálise não ocorreu por FREUD, mas na leitura do livro Pedagogia do Oprimido, autoria de Paulo Freire, escrito durante seu exílio no Chile, que apresenta a simultaneidade no alcance da liberdade, entre oprimido e opressor, fato alcançado quando rompe os laços de opressão, passando a não haver nem opressor e nem oprimido. Sendo marcante (para LEFON) a fala de Erich Fromm, após ler os rascunhos de Pedagogia do Oprimido em encontro ocorrido em 1968 com FREIRE, diria pessoalmente (para FREIRE) que ele atuava como psicanalista social, fato que reforçaria (para LEFON) a importância da Psicanálise para as pessoas – sentido individual -, bem como para toda a sociedade – reforçado nas palavras de FROMM. Tudo isto fez (re)nascer em 2022 uma nova pessoa, internamente renovada, agora também com espírito psicanalista, bem como, utilizando o pseudônimo “Arc Lefon”, sem nenhum cunho religioso e/ou nacionalista, para Marcos Lemos Afonso. Em 2023 mergulha no mundo de Carl Gustav Jung e Eric Berne, ampliando a aprendizagem para compreender a felicidade individual e coletiva, onde não há um caminho para alcançar a felicidade, sendo a felicidade o caminho. Buscando conhecer seu passado, ainda não consegue lembrar totalmente de seus sonhos quando acorda, mas após acordar faz escolhas entre A e B, sempre há alternativas com respectivas consequências, e segue. Agradece aos diversos seres que se apresentaram, ora como obstáculos, ora como guardiões, ora como incentivadores, ora como amigos, ora como inimigos, ora como inspiração, ora como detratores e etc – alegria ou dor sempre presentes no caminho, conforme os ensinamentos de Elizabeth Kübler-Ross, pois tudo faz parte da evolução – individual – de cada ser.

MUNDO (DES)CONFIGURADO: ALÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER NOS JOGOS DA VIDA

Neste ensaio é possível realizar uma viagem histórica e científica pelo mundo da Psicanálise, iniciando com o livro “Além do princípio de prazer” publicado por Sigmund Freud, onde encontraremos o prazer na repetição e/ou manutenção das causas do desprazer para buscar o controle emocional. Mas, no livro “O ego e os mecanismo de defesa” publicado por Anna Freud poderemos desvendar diversos aspectos da trajetória – bem como das escolhas – realizadas por Sigmund, seu pai, sendo reveladoras e fundamentais para compreensão da própria Psicanálise. Os leitores que nunca leram Anna Freud possivelmente poderão – ao ler – ampliar suas críticas quanto a obra de Sigmund, inclusive poderíamos até imaginar que fora intencionalmente elaborada com este propósito, sendo uma forma de (auto)crítica incentivada pelo próprio Sigmund. No livro “Os jogos da vida: a psicologia transacional e o relacionamento entre as pessoas” publicado por Eric Berne ocorre um salto espetacular, onde o presente ganha prioridade sob o passado, permitindo ação imediata no controle emocional e bem-estar. Seria um marco na história de vida do autor a rejeição em 1956 pela Sociedade de Psicanálise de seu trabalho de pesquisa, onde pleiteava ser membro, fato que o levaria a criar uma nova abordagem da psicologia, denominada de Análise Transacional. O mais “estranho” é que muitos psicólogos e/ou psicanalistas jamais leram Eric Berne, mas perfeitamente compreensível considerando que seu método é de ação imediata, fato que é excelente para o paciente, mas péssimo na visão mercantil para o terapeuta, pois terá o número de consultas diminuídas drasticamente. O Mundo (des)Configurado é uma metáfora de nossa realidade civilizatória, onde quem está configurado ou desconfigurado é o ser humano. VOCÊ poderá (re)configurar – imediatamente – sua vida, passando a realizar muitas ações maravilhosas, basta fazer AGORA! MANDA VER!

ARC LEFON

RFB Editora
CNPJ: 39.242.488/0001-07
91985661194
www.rfbeditora.com
adm@rfbeditora.com
R. João de Deus, 63, 66075000, Belém-PA

